



HISTÓRIAS PARA LER

E MORRER DE MEDO

CONTOS E POEMAS DE TERROR VOLUME III

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

- Introdução: Por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 04**
Navalha, por Allen Rose, pág. 06
O Portador da Praga, por César Allori Quinino, pág. 12
Um Petisco, por Cleber Gimenes Freitas, pág. 17
Voos e Medos, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 19
Apenas um sonho, por Daniel Bonesso, pág. 22
À Beira da Estrada, por Daniel Bonesso, pág. 28
As Bonecas de Saul, por Hugo Brasarock e Evelyn Mello, pág. 36
O Estranho Destino de Sávio Cacaulo, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 41
Sombras Sob as Paredes, por Gregory Vieira Harkovtzeff, pág. 47
Beautiful!, por Hélio Sena, pág. 52
A Herança, por J. J. Santos, pág. 61
O Legado, por Luiz Francisco Haiml, pág. 66
Os Restos de Miranda, por Luiz Francisco Haiml, pág. 73
O Desfiladeiro Sombrio, por Nancy Scarlett-Hayalla, pág. 76
A Voz da Cuca, por Paulo Fialho Dias, pág. 80
Uma Flor Para Florisbela, por Roberto Schima, pág. 86
O Grito do Suhenkar, por Rodrigo Picon, pág. 93
A Praça, por Rozz Messias, pág. 96
A Horripilante Viagem Astral, por Sandra Mitsue, pág. 99
Siamês, por Tatiana Araújo, pág. 104
Amor de Terror, por Vânia Pontes, pág. 109
Conheça outros títulos da coleção, pág. 111

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

Como sabemos, o medo é um sentimento que sempre acompanhou a humanidade e, de certa forma, é condição essencial para que o ser humano aja com discernimento e consiga viver ante os perigos que põem em risco a sua existência.

Essa é uma realidade que faz parte do nosso dia a dia, mas, quando nos é dada a possibilidade de discorrer sobre o medo, convertido em textos ficcionais, o medo vivido assume diversos matizes, a começar pelo medo ancestral, que acompanha o ser humano desde os primórdios, até o do desconhecido, do sobrenatural, de algo muitas vezes presente somente em nossa imaginação.

Escrever contos que conduzem a esse sentimento, cujos personagens se apresentam como vampiros, entidades diabólicas, anjos disfarçados ou mesmo seres humanos capazes das maiores atrocidades, tem conquistado cada vez mais leitores, pois estes se identificam com o que não entendem, não podem explicar ou não conhecem.

A literatura permite que o escritor manifeste sensações e emoções nem sempre racionais ou reais, cabendo ao leitor seguir essa linha e entendê-las como algo irreal ou transformá-las em alguma coisa que o atormente a ponto de despertar em seu subconsciente os medos supostamente adormecidos. Seja qual for a situação, o que une leitor e escritor é a intensidade do medo gerado ou as conexões despertadas entre o real e o irreal.

Essa é a proposta da antologia HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO — CONTOS E POEMAS DE TERROR — VOLUME III, produzida pela revista Conexão Literatura, e a das que a antecederam: possibilitar ao escritor externar o veio criativo e contar, ficcionalmente ou não, histórias que envolvam situações que representem o medo, nas suas mais variadas

formas. Também permitir que o leitor, em contato com essa obra, dê vazão aos sentimentos e viva cada circunstância narrada de forma plena, aliviando ou intensificando as situações de tensão. A conexão entre leitor e escritor é o cerne de qualquer livro publicado.

Sem contar que dá ao escritor a possibilidade de ver seu trabalho divulgado, pois, diante da dificuldade em mostrar sua produção às editoras, seja pelo alto custo de publicação, ou pela agenda já lotada das tradicionais, muitos desistem no meio do caminho.

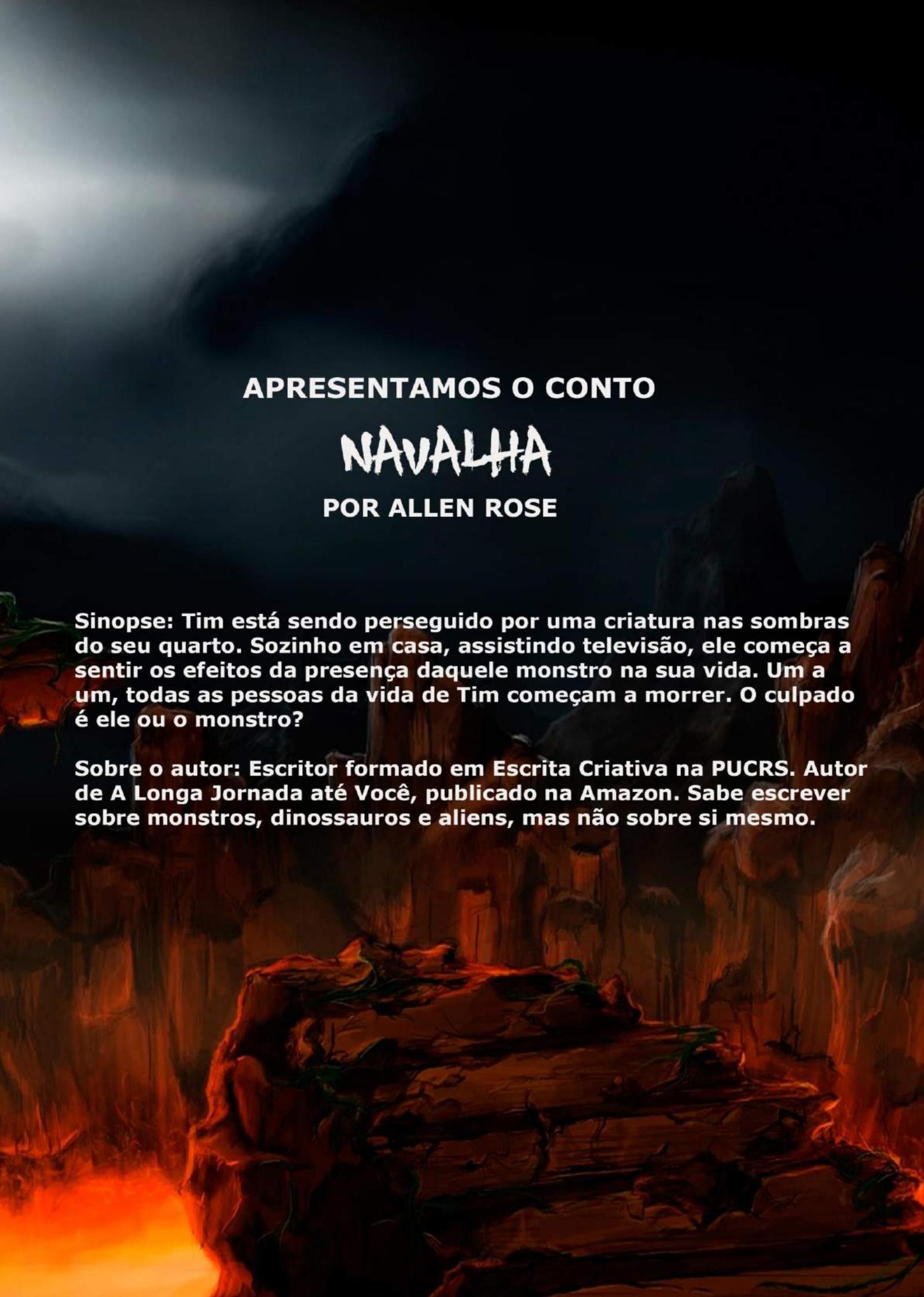
Já existe um movimento grande de editoras disseminando a ideia de antologias, mas precisa haver um engajamento ainda maior de editores que sigam o exemplo da revista Conexão Literatura e deem voz aos que escrevem.

E um ponto superimportante: uma antologia vai muito além de realizar o sonho de um escritor, ela possibilita a formação de leitores e, conseqüentemente, a criação de uma sociedade mais igualitária e consciente criticamente.

Cida Simka e Sérgio Simka

Escritores e colunistas da revista Conexão Literatura





APRESENTAMOS O CONTO

NAVALHA

POR ALLEN ROSE

Sinopse: Tim está sendo perseguido por uma criatura nas sombras do seu quarto. Sozinho em casa, assistindo televisão, ele começa a sentir os efeitos da presença daquele monstro na sua vida. Um a um, todas as pessoas da vida de Tim começam a morrer. O culpado é ele ou o monstro?

Sobre o autor: Escritor formado em Escrita Criativa na PUCRS. Autor de A Longa Jornada até Você, publicado na Amazon. Sabe escrever sobre monstros, dinossauros e aliens, mas não sobre si mesmo.

A miserável vida de Tim ganhou uma coloração rubra na manhã de seu décimo quinto aniversário. Seus olhos se abriram, procurando por alguma coisa luminosa significando que a manhã finalmente havia chegado. Fixou a visão nas frestas da janela, onde fracos raios de sol banhavam o vidro cheio de adesivos. Pretendia voltar a dormir, mas o som do carro de sua mãe dando partida levou o sono embora. Olhou para seu braço, o número 26 cortando sua pele e claramente infeccionando sua alma. Era mais uma manhã repetitiva, nada novo para se ver aqui.

Se levantou, tentando encaixar as pantufas nos pés algumas vezes sem sucesso, até finalmente desistir colocá-las no lugar com as mãos. A mãe não voltaria tão cedo, então teria a casa só para si. Não iria para a escola hoje. Não lhes daria o luxo disso, não podia fazer isso. Pelo menos nessa manhã teria paz, apesar de junto dela vir também um sentimento sufocante e inquietante. A sensação de algo rasgando sua carne. Podia ouvir o barulho, sentia o incômodo, o sangue quente escorrendo braço abaixo e criando uma poça no chão. Não havia nada lá quando parava para analisar. Isso não fazia aquilo ir embora. Muito pelo contrário, parecia só fixar mais fundo a dor em sua pele, se arrastando por suas veias, perfurando o músculo e quebrando seus ossos. Era mais uma manhã repetitiva.

Não podia fazer o sentimento ir embora, mas podia colocá-lo em um temporário *modo de espera*. Era só ligar a televisão, colocar em um desenho qualquer e esquecer o mundo a sua volta. Simples. Era um alimento para sua manhã monocromática. Sua mãe costumava dizer para o filho pensar em coisas boas, quando atingido pelo incômodo. “*Levante a cabeça, cerre os punhos, não deixe nada te pôr para baixo*”, ela dizia. Tim tentava, mas era outra coisa que fazia aquilo ir para longe.

O sofá verde musgo com manchas de café servia como memória perdida de seu pai, ninguém podia sentar ali. Era uma regra. Quando sua mãe saía, Tim sentava ali e fingia ter cinco anos de novo, vendo algum programa bobo e esperando o café da manhã que nunca chegaria. Esticou os pés, olhando para o relógio e esperando. O ar em seu peito uivava para a televisão e ele sabia que a televisão uivaria de volta.

Pela segunda vez naquele dia abriu os olhos, procurando por algum resquício de iluminação. A televisão já estava desligada, as estrelas dançavam pelos céus, e olhos amarelos o observavam de perto. Seu pescoço doía por cochilar de mal jeito no sofá, mas sentia-se revigorado. Se espreguiçou, procurou as pantufas com os dedos dos pés, olhou as esferas amareladas refletidas pela televisão, bocejou, sentiu algo rasgando sua pele e, subitamente, parou. Seu corpo já não tinha mais controle, se é que algum dia teve algo

com esse nome dentro de si. Tim sabia como era sentir-se uma presa. Sobrevivia aos dias escolares, o sentimento era o mesmo.

O som estridente cortava igual navalha e pode ser ouvido mais claramente na noite de seu decimo quinto aniversário. Seus movimentos voltaram, o sentimento de ter sangue quente escorrendo pela sua pele fria. Como uma canção que não queria ser ouvida, a voz chegou até seus ouvidos e perguntou *“Ei, menino Tim, consegue me ouvir?”* e o garoto não respondeu. *“Ei, menino Tim, consegue me ver?”*. Mais uma vez nenhuma resposta foi dada. Os olhos piscaram. *“Vou presumir que respondeu sim para minhas duas perguntas, Tim. É falta de educação não responder, sabe? Você, um menino de... Quantos anos? Quinze? Sua mãe podia ter te ensinado melhor”*.

Queria dizer para a coisa não falar de sua mãe. Queria muito fazer isso, mas era uma pena sua voz não conseguir sair. Seu olhar estava fixado nas duas esferas tortas flutuando na escuridão, sem forma. *“Vamos, Tim. Até quando essa brincadeira vai continuar?”*. Odiava o jeito que era chamado de Tim pela voz. Ela cortava sua mente, mexia com as coisas lá dentro. Não era humana, mas não era algo sobrenatural. Tim conhecia o sobrenatural. Pensava conhecer, acreditava ter o conhecimento necessário. *“É seu aniversário, menino Tim! E eu, como bom samaritano, trouxe um presentinho pra você!”*

A televisão ligou. A primeira cena foi o carro de sua mãe vazio, próximo da estação de trem. Era onde ela trabalhava, nada fora do normal até aí. A câmera foi andando por entre os carros, passando por entre as pessoas até chegar em uma aglomeração próxima dos trilhos. A pessoa segurando a câmera empurrou as pessoas, conseguindo ter uma visão privilegiada da cena. Era a mãe de Tim brigando com um garoto. Chamava ele de vários nomes, ameaçando contar para seus pais o que ele havia feito. Em seguida o garotinho a empurrou. O timing foi perfeito. O trem destroçou seu corpo e o rubro de seu sangue colorir a imagem na televisão.

Não eram lágrimas que escorriam pelo rosto de Tim, muito menos tristeza que dançava em sua mente. Um sorriso torto se formou em seu rosto trêmulo, junto das gargalhadas da criatura, ecoando pela casa. Tim não queria acreditar. Era falso, não é? Só podia ser. *“Não é um bom presente”* foi o máximo que conseguiu comentar, enquanto levava suas mãos até a cabeça e se encolhia no sofá. *“Realmente, podia ser algo muito melhor. Posso resolver em um instante”*.

Alguém limpou o sangue na câmera e o local mudou. Não era mais a estação, mas sim uma velha casa de madeira no subúrbio da cidade. Tim queria fechar os olhos, afinal de contas reconhecia aquela casa. Não o fez, não piscou nem por um segundo. Quando seu pai abriu a porta para ver quem estava tocando a campainha e a lâmina acertou seu olho direito, depois o esquerdo e, por fim, a garganta. A imagem não ficou vermelha, não. Os últimos minutos agoniantes foram muito bem vistos, em uma qualidade ótima. O homem que abandonou Tim aos cinco anos caiu no chão, morrendo enquanto tentava levar as mãos até o pescoço.

“Satisfeito?”, perguntou a voz. *“Agonizou do jeitinho que você queria, não? Ah, Tim. Finalmente seu salvador chegou, não está feliz? Depois de tanto implorar para seu pai sofrer o mesmo que você sofreu”*.

“Eu não pedi por isso!” gritou Tim. Seus olhos ardiam, mas ainda nenhuma lágrima. Era tudo uma farsa, não é? Do mesmo jeito que o bicho em baixo da cama, o que morava no armário, até mesmo o que aparecia na madrugada e ficava em cima do telhado. Os olhos eram uma farsa. A voz era coisa da sua cabeça. Seus pais estavam bem, em algum lugar.

“Não? Me desculpe. Devo ter levado seu choro de criança a sério demais. Vou te dar um presente melhor, menino Tim!” e então mais uma vez a cena na televisão mudou.

A câmera seguia por entre os cômodos de uma casa, subindo as escadas e abrindo todas as portas com um chute. Tim percebeu botas pretas, mas isso não parecia importante. Na primeira porta estava um careca. Ele não percebeu a bala estourar seus miolos e sujar seu travesseiro branco. Como poderia perceber isso? Em seguida, no outro quarto, quem recebeu um tiro foi uma mulher carregando um amontoado de roupas recém lavadas. Sua cabeça ficou enterrada dentro do cesto. O último quarto era o mais especial, pois nele estava um *conhecido* de Tim. O menino Johnny. Um dos garotos que espancava Tim até ele vomitar, pelo menos umas três vezes na semana. Aquilo sim seria um grande presente. Ele estava lendo um gibi quando teve a barriga perfurada por uma bala. Em seguida foi seu ombro, terminando só quando o garoto já estava todo esburacado.

“Agora sim, hein? Entretenimento de primeira!” gritou a voz. Gargalhou e gargalhou, fazendo a cabeça de Tim doer.

“Por favor, para...” Tim estava todo sujo de vômito. Suas mãos tremiam, sua esclera estava vermelha. O que havia acontecido com seus dias monocromáticos? Todas aquelas

cores. O rubro, o verde, a mistura cruel do seu almoço. Tudo espalhado. Tudo colorindo o mundo.

“Essa história não é ficção, Tim. É um grande show de terror e você, menino, é o rei dessa tragédia!” gargalhou a voz, se aproximando cada vez mais do sofá. Tim tremia, conseguia ver algo saindo da escuridão. *“E antes que se pergunte o motivo de tudo isso, saiba que pediu por isso. Ah, sim. Você pediu por cada segundo disso, Tim. Você implorou de joelhos. Matar todos esses adultos sujos que duvidaram, te abandonaram, e fizeram coisas horríveis com seu corpo. Implorou para não ficar mais sozinho”.*

“Vamos, Tim. Eu já fiz a minha parte, amiguinho. Faça a sua. Olhe para si mesmo, consegue ver seu reflexo na televisão? Sempre diferente, quase único. Todos só vão te arrastar para o fogo do inferno. Tome uma atitude, Tim. Seja corajoso. Se levante. Eles são peso morto, seja livre. Arranque a faca do peito deles e perfure o próximo. Seja livre. Destrua a porra do mundo inteiro com suas próprias mãos! O tempo é muito curto, suas decisões te fazem viver. Viva, Tim. Está na hora de começar a viver.”

Tim queria levantar. Ah, como ele queria. Suas pernas estavam quase se movendo contra sua vontade, sua respiração estava falhando e seu corpo ansiava por liberdade. As palavras que sempre quis ouvir, as ações necessárias para ser feliz. Como algo invisível podia oferecer isso? A calma tomava conta do seu corpo. A navalha não cortava mais, ela agora era uma velha amiga. Tim não podia deixar de sorrir. O sangue estava frio, sua pele queimava. Ficou de pé, virando-se para a escuridão e encarando aqueles olhos amarelos.

A criatura rastejava como uma cobra, mas tinha a cabeça de um dragão. Fixava o olhar no garoto, abrindo sua gigantesca boca e se aproximando cada vez mais. Tim sentia o hálito agradável da criatura, sentia a pressão colocada sob seus ombros, sentia a navalha cortar sua garganta. Estava livre. Foi engolido sem perceber, uma mordida que levou seu corpo inteiro e só deixou as pantufas no chão.

“Se olhe no espelho agora, Tim. O que vê? Essa carcaça esquecida pelos humanos ainda é você? Ou agora sou eu?”

Tim não sentia mais medo. Agora estava sentindo-se vivo.

A miserável vida de Tim ganhou uma coloração rubra na manhã de seu décimo quinto aniversário. Seus olhos se abriram encarando a escuridão. Ouviu o carro de sua mãe dar partida. Fechou os olhos e voltou a dormir.

O som estridente que cortava igual navalha voltaria ao anoitecer. Sonhou com cobras. Os cortes em seu braço já não incomodavam dessa vez. Estava livre. Tinha quinze anos.

Rasgos em seu braço formavam o número 27, feitos com uma navalha nova em folha. Foi o melhor presente de aniversário que Tim já havia recebido. Dormiu sorrindo, teria um espetáculo na televisão para ver. O vento em seu peito se preparava para uivar novamente.

A vida dos humanos é influenciada só para matar tempo. Não confie em ninguém.





APRESENTAMOS O CONTO
O PORTADOR DA PRAGA
POR CÉSAR ALLORI QUININO

Sinopse: Em um mundo de fantasia sombria, um jovem é preso e sentenciado a sacrificar sua vida pelo bem maior. Sem conhecer seu destino, tal jovem é levado para o norte, onde uma Igreja maldita protege o mundo contra uma ameaça ainda maior. Como ele irá reagir, quando descobrir para onde foi enviado? E como você se sentirá, ao testemunhar seu destino?

Sobre o autor: César Allori é um escritor e tradutor independente formado em LETRAS - Inglês pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) que está atualmente cursando seu mestrado em Literaturas de Língua Inglesa com foco em Poéticas da Modernidade. Seu projeto atual intitula-se Narrativa e Videogame: Dragon Age e As Crônicas de Gelo e Fogo. Além disso, César também têm um canal do youtube chamado Guardião Cinzento, onde discute a série de jogos Dragon Age.

Passaram-se três dias desde que Pedro fora preso. Eles o pegaram logo em frente a uma estátua de Aureal, o deus da Luz do Sol, e assim os guardas o prensaram contra o chão, forçando-o contra a rocha fria enquanto o deus observava, tão surdo a seus gritos quanto sempre fora as suas preces.

Agora ele estava acorrentado a uma carroça, acompanhado pela escória do mundo. Haviam dois assassinos ali, três traficantes, e pelo menos quatro cultistas. Pedro não tinha como saber mais quem era quem, uma vez que sua visão estava completamente obstruída por causa da pesada máscara de couro que lhe deram. Uma coisa grossa e desconfortável, com um apertado colar de ferro que era pequeno demais para ele e nenhuma abertura além da pequena área de cristal que ficava em volta de seu nariz e boca, brilhando com runas mágicas. Os outros também as usavam, ele sabia, mas Pedro tinha o estranho pensamento de que a dele era a pior.

Tudo que ele conseguia pensar agora era o que tinha visto, segundos antes de cobrirem seu rosto. Foram os guardas da cidade que os colocaram em fila e encaixaram aquelas malditas máscaras, e Pedro já estava acostumado com os seus rostos. Ele até conhecia uma dentre eles. Liarel fora uma elfa com longos cabelos castanhos que caíam até quase sua cintura, e olhos tão verdes que pareciam esmeraldas. Há muitos anos, quando ele ainda era criança, fora ela que o salvara de uma matilha de lobos na estrada do oeste, e Pedro a tinha observado desde então. Mesmo agora, rodeado do pior dos piores e praticamente cego, ele ainda podia ver aqueles olhos, e, por mais que tentasse, Pedro só conseguia agora vê-los como fora da última vez, quando ela colocara a máscara sobre ele. Naquele momento, Pedro tentara falar com ela, dizer o que sempre desejara revelar, mas eles o tinham amordaçado, e quando ele balbuciou entre os panos, tudo que ele vira nos olhos mais verdes do mundo fora desprezo.

Quando a carroça parou, mãos fortes e estranhamente maiores que o normal o puxaram pelas correntes, e Pedro ouviu os outros prisioneiros murmurando, seus grunhidos misturando-se ao som dos grilhões. Quando ele finalmente tocou o solo, porém, Pedro sentiu um dos prisioneiros a seu lado cair e permanecer no chão. Ninguém fez nada sobre isso. As mesmas mãos o empurraram, o corpo sendo arrastado atrás de si. Em alguns minutos o terreno macio e terroso deu lugar a pedra dura, e antes que pudesse pensar para onde tinha sido levado, a verdade lhe foi revelada, e pela primeira vez, Pedro se sentiu agradecido pela mordança, porque se estivesse sem ela, teria gritado.

O céu ainda estava visível por entre as grandes janelas de cristal colorido que retratavam o símbolo da Igreja da Pestilência, as três velas apodrecidas. Através delas, Pedro podia ver a verdade de todas as histórias que tinha ouvido em sua cidade. Ali, nenhuma estrela brilhava no céu noturno. Ali, não existiam nuvens. Ali, o céu não era realmente o céu, mas uma grossa camada de fumaça tóxica esverdeada. A famosa pestilência que cobre os Picos da Morte, onde a Igreja controla os únicos acessos entre norte e sul. Seus castelos, chamados de *As Velas*, lentamente dispersando a toxina que mata qualquer ser vivo que se aproxime. Agora Pedro entendera o motivo das máscaras, e por um momento, ele desejou que o guarda a colocasse de volta.

Poucas situações na vida poderiam causar um medo tão incrível e complexo quanto o que Pedro sentia agora. E menos ainda eram aquelas que poderiam verdadeiramente causar este medo por duas razões diferentes. A mente de Pedro divagava rapidamente, seus pensamentos fluindo entre o terror imediato que lhe esperava e o conhecimento do que ficava norte dali. O terror que espreitava além da toxina, pelo qual a Igreja da Pestilência era tolerada mesmo pela religião da família real da Luz do Sol. O Rei Desamparado.

Seus olhos ainda corriam pelo salão de teto alto, tentando processar toda a informação em sua mente. Ao seu lado, Pedro viu o corpo caído do prisioneiro, e em cima dele estava uma das criaturas que se passava por sacerdote da peste. Pedro podia ver as orelhas pontudas que indicavam que algum dia aquilo fora um elfo, mas as semelhanças acabavam aí.

Sua pele não era o creme pálido dos elfos altos, nem o moreno noz dos elfos da floresta, e nem mesmo a cor de ônix dos elfos do verão, mas um cinza esfumado, marcado por veias esverdeadas que brilhavam com a praga que corria por suas veias. Seus olhos não possuíam córnea, íris ou pupila, mas brilhavam em meio à escuridão, no mesmo tom que se espalhava por sua pele. Mesmo no escuro, Pedro podia ver que sua carne estava podre, com vermes espalhados por todo lado, e soltando como um leproso. Aquele a seu lado tinha apenas metade de sua mandíbula inferior, e veneno gotejava continuamente de sua boca sempre aberta. O pouco cabelo que lhe restava estava sujo e quebradiço, espalhado por sua cabeça em tufos tão longos que chegavam a sua canela. Quando o cheiro finalmente o alcançou, Pedro quase vomitou, mesmo estando amordaçado.

A criatura a seu lado não era a única, porém. Conforme as máscaras dos outros prisioneiros eram removidas, ele viu mais uma dúzia de criaturas, cada uma única a sua própria maneira. Enquanto todas mantinham a pele cinza e as veias esverdeadas, cada qual tinha sua própria particularidade medonha. Ele viu um cujo braço esquerdo era grande e musculoso, tão largo e longo que arrastava no chão, e coberto de costuras que indicavam um trabalho artificial ali; Ele viu um com grandes sacos de veneno acoplados as costas, aumentando e diminuindo de tamanho com cada respiração; Ele viu um cuja pele era coberta por uma grossa carapaça insectoide; mas foi quando ele olhou para cima, para a bancada que se estendia seis metros acima do chão frio, que seu olhar finalmente congelou. Foi ali que ele o viu, e imediatamente sabia quem era. O Deus da Praga em pessoa.

Diferente dos outros, não havia nada particularmente incomum sobre o líder da Igreja da Pestilência. Ele se parecia mais com um elfo comum do que com as criaturas que o serviam, apesar de sua pele ser similar a deles, marcada pelas mesmas veias apodrecidas que abrigavam a praga em seu sangue. Mesmo assim, ele se vestia com roupas dignas da realeza, com um gibão verde enfeitado com três velas de linha de prata que combinavam com a decoração do restante da cúpula onde se encontravam. Threlissan olhou para baixo, e pela primeira vez Pedro viu seus olhos. Mesmo a distância, Pedro podia ver o verde podre brilhando, vendo-o por completo. Seus olhares se cruzaram por apenas um segundo, e agora Pedro não mais conseguia lembrar-se dos olhos mais verdes do mundo ou do desprezo que vira neles.

Ele tentou fugir, puxando as correntes e virando-se para a porta, mas antes que pudesse dar sequer um passo, a criatura a seu lado agarrou-o, as mãos fortes o segurando pelos ombros e forçando-o de volta ao seu lugar. Quando tentou novamente, a coisa rasgou seu pulso com uma garra afiada, e Pedro sentiu seu sangue queimar e borbulhar. Ele não tentou uma terceira vez. Ao invés disso, Pedro permaneceu quieto e de olhos fechados, tentando acordar deste pesadelo maldito, mas quando o terrível rachado que se passava por voz saiu da boca do deus, Pedro não pode evitar e levantou a cabeça, acompanhado de seus companheiros prisioneiros.

— Eu sinto muito. — Disse Threlissan, e pela primeira vez Pedro sentiu o aroma que o rodeava. Um cheiro de cera derretendo misturado com carne podre e doença pura. — Eu sinto muito pela vida que vocês agora abandonam, e sinto muito por aquela que lhes é agora investida. Eu sinto muito que eu seja forçado a espalhar a praga dentro de mim,

mas saibam que isto é necessário. Saibam que é necessário impedir a ameaça do norte, e saibam que esta é a única forma. Saibam que enquanto vocês nunca encontrarão o doce descanso da morte, seu sacrifício salvará o mundo. Eu sinto muito...

Pedro não vira, não percebera, mas enquanto Threlassan falava, as criaturas tinham avançado entre as fileiras, com mecanismos estranhos feitos de cera que continham uma substância escura e borbulhenta. Um por um elas avançaram, injetando uma grossa ponta de cristal nos prisioneiros, que grunhiam e sofriam espasmos, mas logo desmaiavam. Quando Pedro finalmente os percebeu, já era a sua vez.

Ele lutou, inutilmente, mas quando a agulha o tocou, Pedro mordeu sua mordaca com tanta força que a partiu, quebrando alguns de seus dentes no processo. A dor era algo imensurável, impossível e inexplicável. Logo todo o castelo fora tomado por gritos. Pedro se debateu furiosamente no chão, e observou desesperado sua pele acinzentar. Suas veias incharem e tomarem uma coloração esverdeada. Sua carne apodrecer. Pedro sentiu seu sangue borbulhando enquanto se fundia a Praga. Ele podia sentir sua carne apodrecendo e logo viu seus cabelos caindo em frente a seus olhos, ou talvez ele os estivesse arrancando. Podia sentir seus dentes se soltando de suas gengivas podres e amolecidas; e logo, ele sentiu seu coração parar. *“Eles estão me matando...”* Ele pensou. *“Eu estou morrendo...”*

“Não.” Disse uma voz, horrível e grave. Pedro ouviu as batidas rítmicas de um milhão de tambores malditos. Um milhão de vozes gritando e rugindo em conjunto. *“Eles estão te apodrecendo. Os Desamparados estão vivos, como seu Rei, mas nada vivo pode cruzar as Três Velas. A Igreja da Pestilência protege o mundo”.*

Pedro gritou, e quando seu último gosto de ar deixou seu corpo, ele olhou para cima, para a bancada onde Threlassan permanecia, e ali ele viu os verdadeiros olhos mais verdes do mundo. E dentro deles, havia algo.

Algo muito pior que desprezo.





APRESENTAMOS O CONTO

UM PETISCO

POR CLEBER GIMENES FREITAS

Sinopse: A personagem Faminta, apresentada na Antologia "Histórias para ler e morrer de medo II", está de volta. Mas dessa vez ela enfrentará um monstro tão terrível quanto ela.

Sobre o autor: É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo.

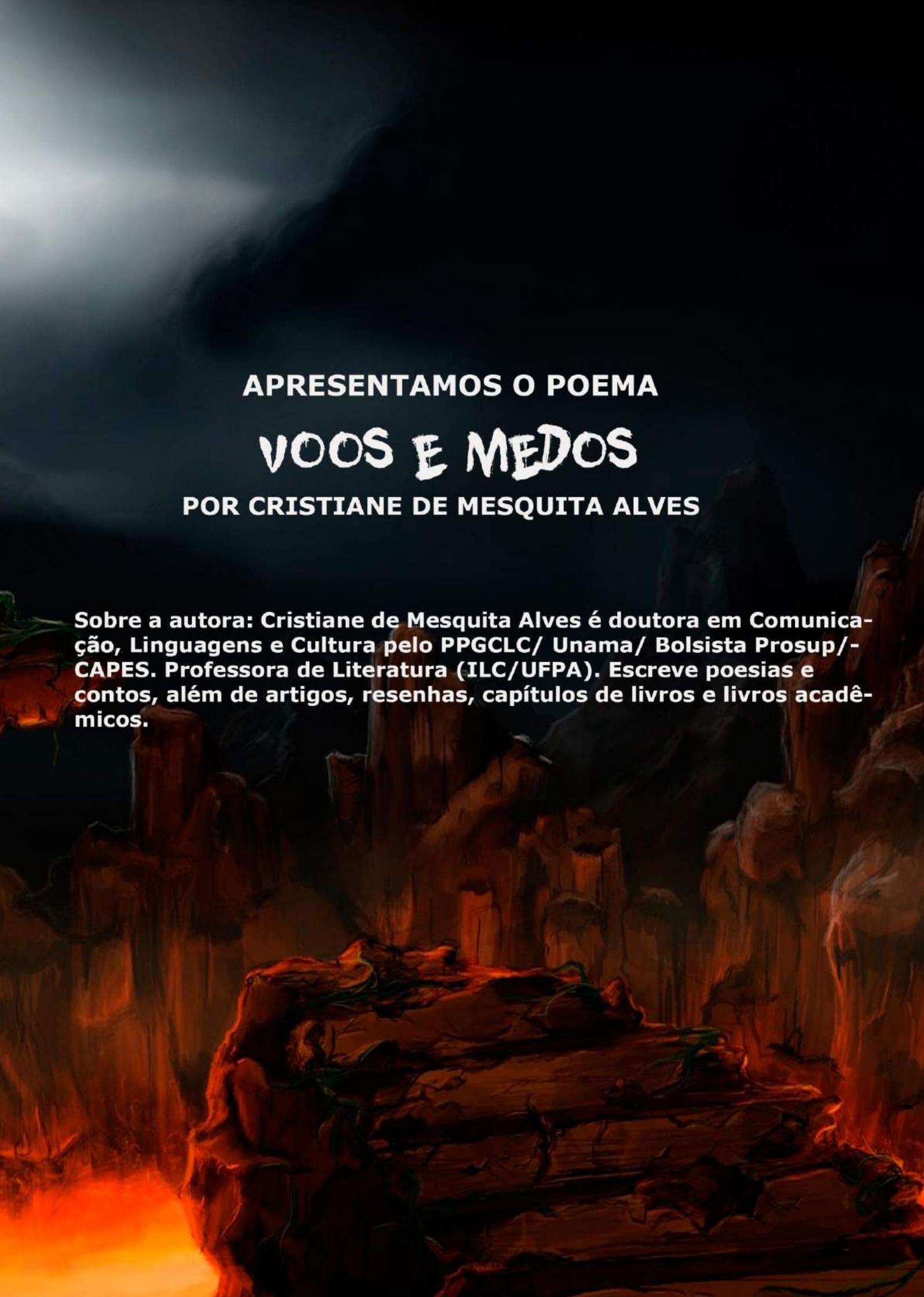
Aos 18 anos, Mário tornou-se um canibal. Certo dia, movido por um desejo incontrolável, ele mordeu Joaquim e arrancou um pedaço do seu antebraço. Ele mastigou e achou a carne tão saborosa, que resolveu comer o seu melhor amigo inteirinho. De lá para cá, Mário devorou 40 pessoas. Mas, a poucos dias de completar vinte anos, sua vida de canibalismo terminou.

Era noite e o canibal andava por uma rua de São Paulo, procurando alguém para comer, quando passou por um beco escuro, que exalava um forte e envolvente perfume. Mário parou, olhou para escuridão e viu surgir uma bela jovem. “Me leve para jantar em sua casa”, disse ela. Mesmo achando a proposta muito estranha, ele aceitou e pensou: “Oba, um petisco”. Ledo engano. Ele acabava de cair nas garras da Faminta, uma terrível criatura, cuja gulodice era maior do que a dele. Os dois monstros, que juntos eram responsáveis pelo sumiço de 80 pessoas na cidade de São Paulo, estavam frente a frente e quem os visse naquele momento não saberia dizer qual deles estava salivando mais.

O canibal levou a Faminta para um quarto, alugado num bairro distante do centro, que ele usava para fazer as suas refeições tranquilamente, sem ser incomodado. Mas, assim que entraram no quarto, a criatura assumiu sua forma etérea e invadiu o corpo de Mário pela boca, alimentando-se de sua carne por dentro e aos poucos. Agindo conforme o seu *modus operandi*, ela comia por 5 minutos, entrando e saindo dele a cada meia hora. Assim como o rival, a monstra comilona já havia ingerido 40 pessoas e estava disposta a desempatar esse jogo.

Enquanto era comido, Mário se olhava no espelho do quarto. Em seu rosto, a mesma expressão de agonia, que ele estava acostumado a ver em suas vítimas. A cada mordida, ele ficava mais fraco e a sua dor era enorme, mas enorme também era a sua fome. E, nesse ir e vir, com o pouco de energia que lhe restava, ele abocanhou um pedaço daquela que o devorava, no exato momento em que ela saía de dentro dele e readquiria a sua forma física. No entanto, ele mal pôde saborear o bocado, pois se engasgou e morreu instantaneamente. Empanturrada, a Faminta voltou para o beco escuro e a cidade de São Paulo tinha agora 81 pessoas desaparecidas.





APRESENTAMOS O POEMA

VOOS E MEDOS

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

Sobre a autora: Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/-CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

Oferendas nas calçadas,
portas cerradas,
mesmo que o luar
não anunciasse ainda seu brilhar.

Os ouvidos ficavam atentos.
Suas asas podiam ouvir já,
transformando-se em braços
e pernas passando pelas ruas de rios
entre as pequenas casas
amedrontadas pelo medo
de olhá-la, por ventura, nos olhos
e serem as próximas a também se transformar!

Era ela quem vinha buscar
as oferendas... para se alimentar.
Eram as casas que ofertavam
e ficavam a se assustar.

Quando o grito-assobio passava
sentindo-se Matinta se ausentar
as janelas das casas podiam se abrir.

Mas, não podiam ficar desatentas
porque Acauã ainda podiam ouvir
E por ventura, se o voo agourento por cima
de alguma das casas passar
na certa, era a hora de ali,
a Morte chegar!

Outros voos prenunciavam o medo
como em bandos, os dos urubus...
Mas, o olhar silencioso e atento voo do Corvo

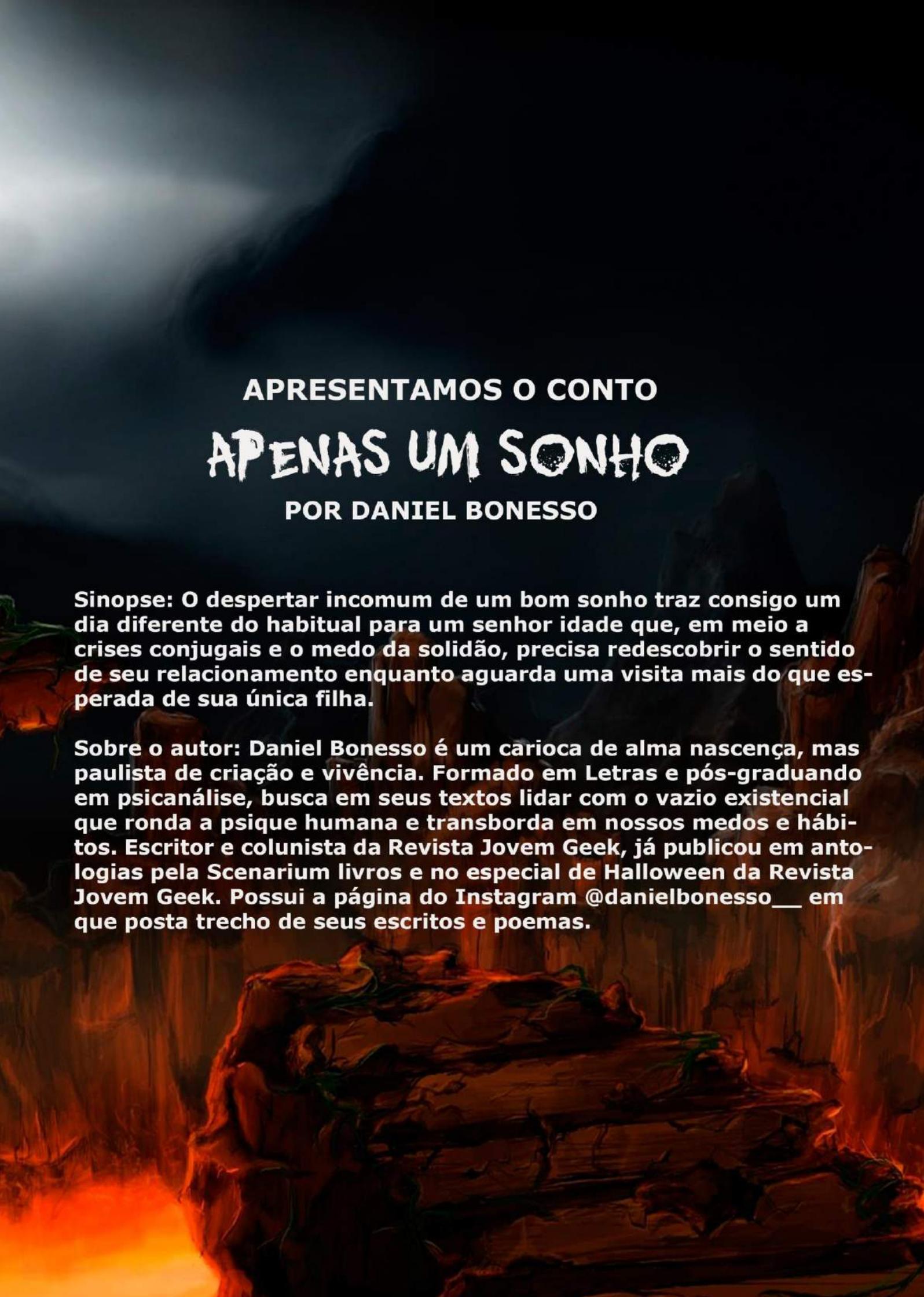
recitava para cada olhar *um nunca mais*

Os outros que tinham voos, mas não ostentavam medos
em revoadas e cores, mais que as do próprio arco-íris
brincavam,
exibindo-se ao céu
enquanto a gaiola
não vinha fechá-los.

Mas, os poucos de voos livres, os de encantarias
prendiam os homens nas casas
ao redor do mito que ostentavam
de trazer entre as rapinas, e as asas
a leveza do vento
a cor da noite no dia
o canto da morte
anunciando a chegada da grande Dama.

Entre os seus voos
O medo ... no coração
de todos eles, os homens:
os sem asas.





APRESENTAMOS O CONTO

APENAS UM SONHO

POR DANIEL BONESSO

Sinopse: O despertar incomum de um bom sonho traz consigo um dia diferente do habitual para um senhor idade que, em meio a crises conjugais e o medo da solidão, precisa redescobrir o sentido de seu relacionamento enquanto aguarda uma visita mais do que esperada de sua única filha.

Sobre o autor: Daniel Bonesso é um carioca de alma nascença, mas paulista de criação e vivência. Formado em Letras e pós-graduando em psicanálise, busca em seus textos lidar com o vazio existencial que ronda a psique humana e transborda em nossos medos e hábitos. Escritor e colunista da Revista Jovem Geek, já publicou em antologias pela Scenarium livros e no especial de Halloween da Revista Jovem Geek. Possui a página do Instagram @danielbonesso__ em que posta trecho de seus escritos e poemas.

Carol estava correndo de um lado para outro na casa com seu chapéu *Pralana* e chicote improvisado a partir de uma correia de máquina de lavar estourada. Ele acabara de chegar à casa, de seu serviço e estava cansado, mas ver aquela figura infantil fazia qualquer cansaço ir embora. Ficou observando a pequena aventureira, que se via como professora de arqueologia em busca de uma arca perdida, até que uma buzina soou alto em seu ouvido em toque constante e ritmado.

O despertador tocou 6h, como de costume, tirando-o de seu sonho agradável. De uma forma como alguém que abre os olhos preguiçosamente e começa a assimilar o que está acontecendo, ele percebeu que estava em pé ao invés de deitado. Sentiu uma onda de calor percorrer o corpo e gotas de suor já despontavam de sua testa. Margarete continuava a dormir sem nem perceber a ausência do marido ao seu lado ou o som alto que o rádio relógio emitia. Decidiu desligar o despertador, sentar-se na cama e processar um pouco do ocorrido antes de iniciar sua rotina. Percebeu que sua mulher não demonstrava indícios de acordar tão cedo. Deu uma risada sem graça enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro como quem não sabe se a idade o está deixando louco ou sempre fora sonâmbulo e ninguém nunca o tivesse avisado, preferiu ignorar o ocorrido antes que seus pensamentos o levassem a rotas que ele não gostaria de percorrer.

Por fim, em meias palavras para que não fosse audível o suficiente, uma reclamação pela esposa sempre ter sido uma preguiçosa para levantar cedo. Mau humor matinal era sim algo habitual para ele.

Colocou suas pantufas, vestiu seu roupão e deslocou-se para fora do quarto, em silêncio, sentido às escadas, para fazer o café da manhã. Seu andar era lento e dolorido, reclamou em seus pensamentos da artrose que se instalara em seus joelhos. Ao andar pelo corredor, percebeu que chovia forte do lado de fora, algo contrário ao que a previsão do tempo dissera. Quando chegou ao andar de baixo, lembrou-se que hoje seria o dia da visita quinzenal da filha, umas das poucas alegrias que o envelhecer lhe permitia. Um leve sorriso desabrochou no rosto enrugado do homem e ele ajeitou os cabelos grisalhos para trás. Ao chegar no andar de baixo, começou a chamar pelo gato, Maionese, de pelos alaranjadas e olhos verdes:

— Maionese, onde você se meteu, seu gato dos infernos?

Não era comum o gato não vir ao chamado, principalmente pela manhã. Ainda tentou mais duas vezes, mas logo desistiu e apenas colocou a comida do gato, esperando que,

em algum momento, ele aparecesse. Se não aparecesse também, melhor ainda... uma boca a menos para alimentar.

Chegou à cozinha, acendeu as luzes, deu um bocejo longo com a boca bem aberta enquanto esticava os braços em um ângulo de 120º graus. Decidiu pegar o bule e enchê-lo até a metade com água, colocou-o em cima do fogão e já ligou a boca maior para deixar a água esquentar. Caminhou até a entrada da porta para pegar seu jornal matinal e lê-lo enquanto tomava seu café. Pensou em como ser velho era uma merda, um dos poucos prazeres da vida era ler notícias e ir a consultas médicas, exceto o anual exame do toque, esse era um desprazer invasivo. Quando abriu a porta, constatou que o jornal não estava lá.

Voltou para dentro e forçou um sorriso para se manter positivo, não queria estar rabugento quando a filha chegasse, mas internamente desejou que o entregador de jornais tivesse ido para um lugar distante e desagradável. Entrou na cozinha e pegou o bule, mas distraído com a raiva de não ter seu jornal e ainda absorto no sonho que tivera, colocou a mão diretamente com a ponta dos dedos no fogo e deu um grito de dor. Olhou para a própria mão e percebeu que já havia um grande vermelhão em cada um dos dedos. Ligou a água gelada da torneira e se permitiu deixar a mão na água corrente por um minuto. Desligou a torneira, pegou o kit de primeiros-socorros que ficava na parte de cima da segunda prateleira da cozinha e passou um pouco de pomada para queimaduras nos dedos e enfaixou como uma luva.

— Isso vai ficar marcado por alguns dias. — disse em um monólogo solitário.

Decidiu que era melhor parar de vaguear em seus pensamentos e fazer logo o café. Enquanto segurava o bule com um pano, jogou um pouco de pó de café chileno, um presente de seu melhor amigo que dissera aquele sim ser café verdadeiro. Lembrou-se de agradecer pelo presente e elogiar o aroma e paladar do café para o amigo, mas, a bem da verdade, tinha o mesmo cheiro e o mesmo gosto que qualquer outro café brasileiro. Chamou mais uma vez o gato e mais uma vez não obteve sinais de vida do felino.

Enquanto estava vagando por suas reclamações, deixou o café transbordar e sujar o fogão.

— Puta merda, não tem como ficar pior. — Resmungou enquanto desligava rapidamente a boca do fogão. Sem paciência, pegou a cafeteira, posicionou o coador por cima e despejou o líquido quente e fumegante, tomando cuidado para que não transbordasse e fizesse outro estrago a ser limpo. Logo em seguida, fechou a cafeteira e

começou o trabalho de limpeza do fogão. Ao concluir, olhou para o relógio, constatou que eram 7h, que aquele era um dia para não ter saído da cama, principalmente ainda dormindo e que precisaria tomar seu café sem seu jornal, o que era pior ainda.

Pegou sua caneca com a inscrição: “melhor pai do mundo”, abriu a cafeteira e despejou seu combustível diário para dentro do recipiente. Sentou com calma à mesa e começou a perceber a fumaça que subia fumegante pelo líquido preto a sua frente, notou como ela subia de forma ondulada em direção a borda e se dispersava no ar do ambiente. Por acaso, lembrou da fumaça que subia pela xícara do primeiro café que tomara com sua mulher, do aroma da bebida misturada ao cheiro amadeirado do perfume que Margarete usava. Lembrou do sorriso doce que ela transparecera ao vê-lo se aproximando e como usava uma saia até os joelhos que mostrava um pouco de suas pernas, como aquele sorriso e aquelas pernas eram encantadoras.

O que será que havia mudado tanto de lá para cá? Ela continuava sendo uma mulher encantadora, mas não era mais a sua Margarete de antes, que continha uma animação latente dentro de si. Começou a pensar que também não era mais o homem de antes, refletiu que o passar dos anos foi cada vez mais reduzindo seu número de piadas e a quantidade de vezes que sorria por dia reduziu drasticamente após a velhice. Será que o convívio já era algo feito por puro protocolo social entre os dois? Sabia que nunca cogitaram a possibilidade de divórcio, mas também via que não tinham o relacionamento que tiveram a maior parte da vida. O que seria hoje dos dois? Um frio percorreu sua espinha, pois não sabia responder.

Lembrou-se de quando descobriram que ela estava grávida, uma alegria imensa, pois diversas tentativas ocorreram ao longo de anos. Mesmo sendo uma gravidez de risco, a filha viera ao mundo sem nenhuma complicação. Um sorriso leve lhe despontou do rosto ao recordar de tantos momentos bons, momentos que faziam a fase atual valer a pena, pois ainda que a paixão esfriara, pode perceber que o cuidado de ambos permanecia intacto e que havia adquirido uma boa família. Talvez, não fosse assim tão importante o que seria deles, ou talvez, ele precisasse apenas redescobrir aquela alegria dos anos anteriores.

Reparou novamente que já eram 07h20 da manhã e ainda chovia forte do lado de fora. Pensou que o relacionamento não era a única coisa a ter esfriado, seu café também já não estava mais quente, decidiu tomá-lo em um só gole. Enquanto estava terminando sua bebida, ouviu um miado atrás de si e, no susto, deixou a caneca cair e quebrar.

— Puta que pariu, gato dos infernos! Eu vou te transformar em sabão e queimar o sabão só para que você saiba que não terá mais utilidade nenhuma.

Maionese percebendo que o clima estava hostil ante a presença do dono, sumiu em direção ao corredor que levava à sala.

Foi até o armário da dispensa, pegou uma vassoura e uma pá, além de um pano com detergente para limpar os resquícios de café e voltou para a cozinha para arrumar a bagunça instalada. Se surpreendeu como Margarete ainda não havia levantado após tanta algazarra no andar de baixo, mas sempre soube que havia se casado com uma mulher cujo ócio era um defeito. Engraçado como aquilo não parecia incomodá-lo tanto no início do relacionamento. Será que a andropausa faz isso com os homens? Tirou os cacos do chão com um ar de alguém que retira um soldado amigo do campo de batalha. Passou um pano e guardou os utensílios de limpeza, quando ouviu passos advindos das escadas.

Ao chegar na cozinha, ela estava com uma cara melancólica, como se estivesse discernindo onde estava e quem ela era exatamente. Vestia seu robe de ficar em casa e suas pantufas também, mas aparentava ser uma sombra da mulher que conhecia, alguém que havia visto uma guerra acontecer.

— Tudo bem, velha? — disse o homem com o apelido “carinhoso” que cultivavam desde que os cabelos brancos começaram a brotar.

— Tive um sonho muito estranho essa noite e ainda estou tentando entender, mas ele era extremamente real. E não me senti confortável com ele.

— Conte, como foi o sonho? — Disse com uma verdadeira expressão de curioso.

— Bem, — ela disse reunindo um pouco de coragem interna para começar — você acordava e já estava em pé, isso te assustava um pouco e chovia muito forte, igual o tempo está agora.

Ambos olharam para a janela e viram que o tempo estava realmente feio, o homem percebeu que suas mãos começaram a suar sem motivo algum.

— Você também não encontrava o Maionese de manhã — prosseguiu Margaret — e como é comum, não ligou muito pra isso. — Sua face ao lembrar dos fatos a deixava com uma expressão carregada, ela curvou os ombros e fez menção de parar por ali, mas o homem insistiu que prosseguisse e que era apenas um sonho.

— Você foi fazer café como sempre faz e se queimou enquanto fazia. Não sei porque, mas na hora de tomar você não estava lendo seu jornal como é comum, era difícil de entender as coisas e parecia que você estava aborrecido com algo.

O homem começou a sentir um pouco de aflição, sempre fora o mais cético possível, mas as coincidências do que ela falava estavam estranhas.

— Até aí, grande coisa. — disse com uma voz de desdém e escondendo a mão enfaixada. Talvez fosse apenas a chuva forte do lado de fora, mas parecia que o clima dentro da casa também estava nublado.

— Ao final do café, você deixava sua caneca predileta quebrar por algum descuido e xingava enquanto isso. Então... — Margarete ficou com os olhos marejados, respirou fundo reunindo coragem para dizer algo difícil, mas postergando o máximo possível.

— Sem mais nem menos, a campainha tocava, era um policial rodoviário e ele relatava que houve um acidente de estrada enquanto Carol vinha para — já chorando com as mãos no rosto, concluiu — ela não havia sobrevivido.

Ao terminar seu relato, ambos ficaram calados se olhando. O silêncio foi quebrado pela balada da campainha ressoando pela da casa.



APRESENTAMOS O CONTO
À BEIRA DA ESTRADA

POR DANIEL BONESSO

Sinopse: Na chuva, sem dinheiro e sem saber o que fazer. Gabriela decide pedir carona em plena rodovia Anchieta, em São Paulo. O que deveria ser um alívio por conseguir uma forma de ir para casa, logo se torna um pesadelo quando a pessoa que para leva-la ao seu destino, se mostra alguém duvidoso cujas intenções não estão explícitas, mas que serão descobertas antes que Gabriela chegue ao seu destino, se ela chegar.

Sobre o autor: Daniel Bonesso é um carioca de alma nascença, mas paulista de criação e vivência. Formado em Letras e pós-graduando em psicanálise, busca em seus textos lidar com o vazio existencial que ronda a psique humana e transborda em nossos medos e hábitos. Escritor e colunista da Revista Jovem Geek, já publicou em antologias pela Scenarium livros e no especial de Halloween da Revista Jovem Geek. Possui a página do Instagram @danielbonesso__ em que posta trecho de seus escritos e poemas.

A chuva começava a apertar ainda mais e a cobertura fornecida pela passarela já não estava mais sendo o suficiente para se proteger. Gabriela percebera que havia perdido o dinheiro da condução e de nada adiantaria ficar no ponto de ônibus se não poderia pagar pela passagem. Ocorreu-lhe a ideia de que seria melhor então pedir carona.

— Será que as pessoas ainda acenam com o dedão quando precisam disso? — Perguntou a si mesma, ao mesmo tempo que já fazia o sinal na esperança de alguém se compadecer da imagem que ela acreditou ser digna de piada: uma jovem estudante já embebida em água da chuva embaixo de uma passarela ao anoitecer.

Precisava ir até o Sacomã e como já estava na Anchieta, ainda em São Bernardo do Campo, pensou não ser difícil encontrar uma alma bondosa que estivesse a caminho de lá. Percebeu que um Uno, um pouco velho, fez menção de parar, reduzindo sua velocidade ao passar perto dela, mas acabou seguindo a rota normalmente como se a menina fosse apenas um artigo decorativo de estrada.

— Se eu fosse mais gostosa, com certeza, ele teria ao menos perguntado para onde eu ia. — Disse em tom de aborrecimento, mas respirando fundo para não desanimar.

Suas meias já estavam ensopadas dentro dos tênis, se estivesse de calça, provavelmente as manchas de água já estariam na altura das coxas. Isso a abateu e a fez pensar na possibilidade de voltar, mas achou que esperar mais um pouco não a faria mal.

Passados 15 minutos de dedão levantado, chuva forte e carros passando sem nem sequer percebê-la, um caminhão pequeno, provavelmente para carretos de pequenas mudanças, deu seta e parou ao seu lado:

— Pronde cê vai? — Disse o motorista com um sorriso que faltava um dente.

— Preciso ir para o Sacomã. O senhor está indo para lá? — disse com seu tom mais cativante possível e um sorriso que brotava à face e lhe fazia as covinhas ficarem em evidência.

O homem a olhou de cima a baixo, coçou o queixo pensativo e disse:

— Depois, Tô sim. Sobe aí que eu levo você. — Deu uma cusparada por uma pequena fresta aberta da janela do motorista e abriu a porta do carona para que a moça subisse.

Ela entrou e reparou que o homem devia estar na casa dos seus 50 anos, com uma calvície grande nas entradas da testa e uma barriga saliente, mas o que mais lhe chamou a atenção foi sua camiseta branca com manchas amareladas nas axilas e a marca de algum molho que, provavelmente, respingara no tecido e não havia sido na data de hoje.

Por sua vez, o homem já dirigindo ao passo que tentava disfarçar um olhar de canto, reparou que Gabriela usava uma regata branca que exibia um sutiã preto por baixo. Estava de Shorts e tênis, mas o que fez ficar extasiado foi um cheiro de perfume de lavanda, algo que o lembrava dos tempos antes de vir para São Paulo.

— O que você tá fazendo aqui, fia? — Disse, enquanto tentava manter uma atenção especial ao caminho e a chuva mantinha seu ritmo intenso. Tentando expiá-la, o homem ao volante sentia seu coração palpitar e sua boca salivar.

— Vim estudar na casa de uma amiga, acabamos nos empolgando e passando um pouco do horário. — Olhou no relógio e viu que já eram 23h — então fui até o ponto, mas quando percebi, havia perdido o dinheiro da passagem. Não quis voltar e incomodar minha amiga, ainda mais com essa chuva toda, pedir uma carona pareceu mais fácil.

— É mais perigoso também, moça bonita assim não tem que ficar sozinha té tarde não. E o que que você estuda?

Gabriela pensou que o elogio recebido, em outra circunstância, soaria lisonjeiro. Percebeu que teria que manter a conversa por puro protocolo social, mas uma vez que ela estava ganhando uma carona, conversar seria melhor que tomar chuva no frio que fazia, logo tudo estaria acabado e ela poderia ir para casa.

— Faço pedagogia, ali perto na Metodista mesmo. — respondeu num tom sincero enquanto apontava mais para frente para a Universidade Metodista de São Paulo.

— Então você gosta de ensinar? — O homem falou em tom descontraído, tentando simular naturalidade e deu uma forte pigarrada seguida de outra cusparada pela pequena fresta que abrira na janela do carro. Sua mão tremia um pouco na alavanca da porta.

— Sim, minha mãe era professora e sempre me passou a paixão que compartilhar o conhecimento. Ela vivia dizendo que temos que encontrar o que há de melhor nas pessoas e isso que eu quero com as aulas.

A forte chuva fazia a palheta do limpador de para-brisa se mover na velocidade máxima. O caminhão não andava com pressa, Gabriela tentou olhar no painel e viu que andavam a 50km/h.

— Eu eu também já ensinei uma coisa ou outra por aí, claro que nunca pra alguém estudada como você é, mas aposto que tem coisas que eu podia te ensinar também. — O homem responde e Gabriela tenta notar se a malícia que percebeu estava em sua cabeça ou na intenção do homem. Começou a se sentir acuada, como se o espaço da cabine não fosse mais o suficiente para ela.

— Bem, eu nunca dirigi um caminhão, mesmo pequeno como esse. Aposto que você conseguiria me ensinar a dirigi-lo.

— Verdade. — Assentiu enquanto inspirava um pouco mais forte para sentir o aroma do perfume que estava dentro da cabine. Aquele cheiro provocava um aumento em seu fluxo sanguíneo e deixava a ponta de seus dedos dormentes.

O silêncio instaurou-se no ar e junto dele, um clima estranho de quando duas pessoas no mesmo ambiente não sabem o que dizer. Gabriela percebeu que já estavam se aproximando do Hipermercado extra, não faltava muito para chegar ao Sacomã. Ainda absorta na distância para seu destino, o homem a olhou de cima a baixo novamente, dessa vez, reparando mais nas pernas. Ele molhou os lábios, começando pelo lábio superior e bem devagar indo para o inferior, sua mente vagueava em como seria segurar aquelas duas pernas com força, um pensamento que logo foi interrompido com uma pergunta:

— Desculpa, eu nem sei o nome do senhor. — Disse a garota tentando quebrar o clima de velório presente dentro do caminhão. Ela estava faminta e não via a hora de acabar logo com aquilo tudo.

— Pode chamar como cê quiser. Não ligo pra nome não. — Respondeu dando de ombros.

— Mas aposto que tem um e eu gostaria de chamá-lo por esse nome. — Respondeu tentando não transparecer o nervosismo da resposta dada por ele.

O caminhão passou por cima de um buraco fazendo com que os dois dessem um solavanco de leve, Gabriela aproveitou para dar uma risadinha, um pouco que sem graça, para aliviar o clima.

— Gerúndio. — Respondeu

— Que interessante, é um tempo verbal. É quando as ações estão acontecendo, como agora você está me levando para o Sacomã. Entendeu? Esse *levando* é a ação acontecendo, o gerúndio. Prazer seu Gerúndio, me chamo Gabriela.

— Cê é memo sabida das coisa, Gabriela. Que mais cê sabe fazer? — Disse dessa vez revelando um tom de malícia por trás da pergunta que até alguém com uma ingenuidade pitoresca repararia.

Gabriela não soube o que pensar quanto a essa pergunta. Demonstrou estar desconsertada e se afastou um pouco no banco mais para o lado do passageiro para

transparecer que se sentiu acuada. Pensou se talvez fosse exatamente isso que ele quisesse, o que a fez mudar de postura, adotando um tom confiante ao falar.

— Bem, eu gosto muito de ler e também faço loga, melhor forma de treinar a mente e o corpo juntos. Além do mais, ambos precisam estar saudáveis e bem alimentados.

— Já vi fala disso num programa da TV. Cê deve sabe se estica toda. — Sem reparar, o homem novamente molhou os lábios e deu outra inspirada no aroma hipnotizante que a lavanda tinha sobre ele.

— Eu preciso assumir que estou ficando um pouco desconsertada, Gerúndio. — Gabriela disse em sua inocência padrão, percebeu que abandonara o tom confiante que tentava transmitir.

— Desculpa, fia. Eu falo muito as coisa sem pensar, mas não é por mal não. Sô casado e a patroa me mata se souber das coisas que faço.

— Oi? — Ela respondeu atônita.

— Nada não! Falei sem pensa de novo, quis dizer ela me mata se souber que fiz algo de errado, mas aqui entre só nós dois... caminhoneiro que não pula cerca é igual cachorro que não late, até existe, mas cê nunca vê. — Ele deu uma risada grave que despertou uma crise de tosse pigarreada, outra bolota de cuspe voou pela janela.

Gabriela já estava bastante nervosa, suas mãos suavam de forma espontânea, a respiração estava curta e acelerada, além de seu pé esquerdo que não conseguia mais ficar imóvel. Reparou que estavam na bifurcação, pouco antes da polícia rodoviária, viu que o caminhão seguiu pela direita ao invés de ir pelo caminho sentido pista central da Anchieta, à esquerda.

— Gerúndio, não seria melhor ir pela esquerda pra chegar ao Sacomã? — Ela perguntou tentando esconder sua aflição.

— Que nada, já viu o trânsito que fica na hora de passa pra pista central? Esse caminho daqui é mais bom e vários ônibus faz ele. Fica tranquila, cabrita. — Ele disse escondendo um sorriso e seus pensamentos.

Gabriela viu a Mazzaferro e se lembro que os ônibus realmente seguem aquele caminho, ela estava ansiosa, mas uma calma interna começou a se instalar. Sua respiração entrou em um fluxo contínuo e sereno, fazendo com que ela conseguisse se concentrar melhor no momento.

Ainda seguindo pela rua Edmundo Carvalho, o caminhão virou à direita, entrando numa rua estreita e com quase nenhuma iluminação. Gabriela percebeu que ali seria o momento e colocou sua mão direita dentro da mochila que ainda estava no colo.

— Gerúndio, o que você tá fazendo? — Gabriela disse com a voz entrecortada.

— Fia, num é nada particular, — respondeu com o caminhão já parado — mas cê tem um perfume que deixa eu louco, eu preciso experimentar um pouco disso — Falou enquanto desafiava o cinto de segurança e ia pra cima de Gabriela.

Gerúndio segurou a mão esquerda da garota indefesa com firmeza e ela sentiu a dor implicada pela força do homem, automaticamente ele já tentou a segurar pelo punho que estava mais distante, quando sentiu uma picada em seu próprio braço.

— Jagunço, que porra foi essa? — Disse enquanto sua visão começava a embaçar e a pressão aplicada ao pulso de Gabriela começava a diminuir.

— Calma, não é nada demais, logo menos você já está de volta.

— Sua raparig... — E enquanto sua visão ia esmorecendo e o barulho de chuva parecia ficar cada vez mais distante, conseguiu ter um último vislumbre da feição da moça e teve quase certeza que era ela quem estava sorrindo.

Após sentir um cheiro forte, Gerúndio abriu os olhos e percebeu que estava dentro do próprio caminhão, porém seus braços estavam fortemente presos por fita isolante ao tronco, enquanto sua testa, tronco, cintura e pés estavam totalmente imobilizados pela fita que o mantinha junto ao banco do motorista. Além disso, sua boca estava selada.

— Sabe Gerúndio, se esse realmente for seu nome, eu acredito que não, sabia? Você associou eu ser professora a primeira coisa de escola que se lembrava, mas ainda assim é um nome melhor que “pretérito mais-que-perfeito”.

Ele tentou falar algo, mas a fita impediu, porém seus olhos revelam sua dúvida, ele queria saber o que estava acontecendo.

— Aposto que você não deve estar entendendo muita coisa. No seu lugar, eu estaria desesperado já. Eu não te julgo por ser um estuprador, Gerúndio. De verdade mesmo. Isso estava nítido no primeiro olhar que você deu em mim, você disfarça muito mal, sabia? Mas todos temos alguns tipos de perversões ou desejos reprimidos, Freud explica isso muito bem.

A expressão facial de Gerúndio passava de uma total falta de compreensão da situação para uma de desespero, a garota falava com confiança e malícia, ele conhecia aquele tipo de fala e sabia que ela não provinha de pessoas com boas intenções.

— O fato é que sua perversão é forçar garotas a fazerem sexo com você. Você quer comê-las a força, acho que esse é o melhor que você pode extrair delas. A minha perversão é a de simplesmente comer gente, pessoas que a única coisa que tem a oferecer é a carna do próprio corpo. Viu como temos coisas em comum?

Os olhos de Gerúndio arregalaram como se fossem saltar das órbitas. Ele tentou inutilmente se debater, mas estava extremamente bem preso.

— Mas não se preocupe tanto. Eu vou realizar um desejo seu! Aposto que você queria que eu te chupasse né? — Ela disse enquanto desafivelava o cinto da calça — Bem, eu garanto que seu pinto vai estar na minha boca, só não vai ser da forma como você queria — Ela calmamente abaixou as calças e cueca dele.

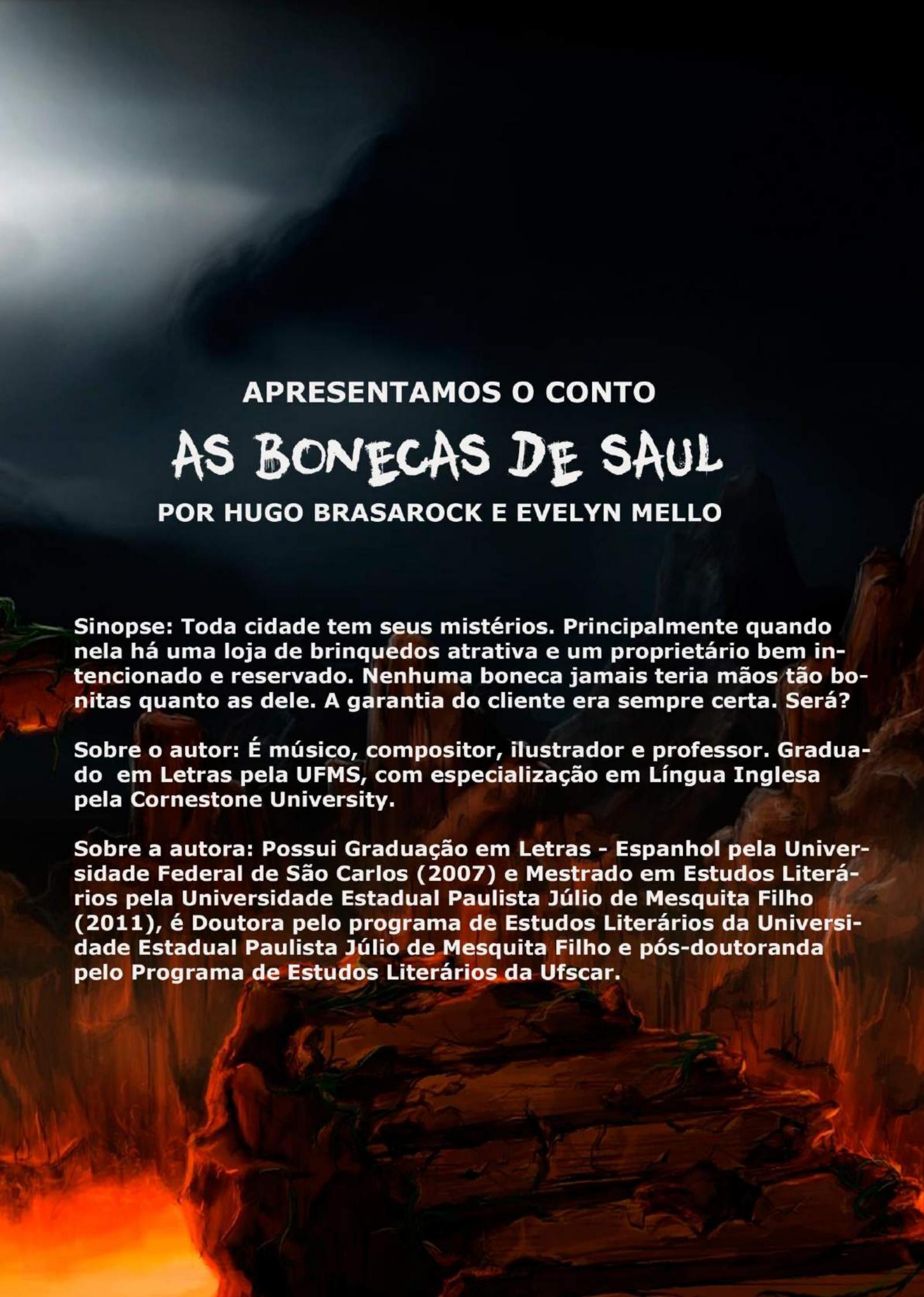
Lágrimas corriam do rosto do homem, ele tentava inutilmente balbuciar palavras como “não, por favor, eu te imploro” enquanto a garota gentilmente se abaixava até sua cintura. Ela abriu suas calças e o homem pode sentir a maciez dos lábios da garota e a saliva que começa a escorrer. Ao que sentia que seria o início de processo de ereção, um choque de 100 mil volts serrilhados iniciou na base de seu pênis e subiu para seu estômago, era algo agudo e lancinante, teve vontade de se matar instantaneamente apenas para não continuar sentindo aquilo. As mordidas eram em ondas contínuas de dor e desespero, a sensação crescendo ia subindo por sua barriga e ele acreditou que fosse vomitar, mas não havia nenhum alimento para que isso ocorresse. Lágrimas escorriam como cascatas de seus olhos e ele tentava se debater para que dê alguma forma desesperada aquilo cessasse enquanto sentia algo úmido e quente percorrer suas coxas.

Gabriela sentiu gotas em sua cabeça e presumiu que fosse o homem chorando. Ele tentava se debater e aquilo apenas a dava mais vontade de degluti-lo, já sentia o gosto similar a ferrugem em sua boca pelo sangramento e começou a serrilhar os dentes fazendo força para cima para arrancar, após duas novas tentativas fazendo mais pressão com sua mandíbula, finalmente o corpo cedera e ela já estava mastigando uma parte que não pertencia mais a Gerúndio.

Ao se erguer e endireitar-se no banco do carona, reparou que o homem desmaiara, seu corpo estava totalmente inerte no banco do motorista. Passou as costas das mãos pelos lábios para limpar o sangue que pingava, por um momento lembrou dos filmes de vampiro que assistia quando era criança em que a criatura emergia de cima do corpo falecido de sua vítima e se permitiu rir, riu enquanto pensava onde morderia a seguir, riu enquanto

continuava a limpar o sangue de seu rosto, riu enquanto à beira da estrada, transformava o caçador em caça.





APRESENTAMOS O CONTO
AS BONECAS DE SAUL
POR HUGO BRASAROCK E EVELYN MELLO

Sinopse: Toda cidade tem seus mistérios. Principalmente quando nela há uma loja de brinquedos atrativa e um proprietário bem intencionado e reservado. Nenhuma boneca jamais teria mãos tão bonitas quanto as dele. A garantia do cliente era sempre certa. Será?

Sobre o autor: É músico, compositor, ilustrador e professor. Graduado em Letras pela UFMS, com especialização em Língua Inglesa pela Cornestone University.

Sobre a autora: Possui Graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2007) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011), é Doutora pelo programa de Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pós-doutoranda pelo Programa de Estudos Literários da Ufscar.

Ali por aquelas paragens, a loja de brinquedos era a atração principal. Todas manhãs, antes mesmo da abertura, rostos ansiosos se amontoavam diante da vitrine, deixando a marca da respiração. Não era para menos: a beleza daqueles brinquedos configuravam um universo mágico, tão hipnotizante que era capaz de devolver a infância ao velho mais turrão. O auge eram as maquetes de trem e, claro, as bonecas.

Salomão, mais conhecido como Saul, o dono do estabelecimento, contrastava com o cenário urbano onde sua loja se situava. Aliás, tanto a arquitetura do local como o próprio homem, de meia idade, eram o oposto daquela paisagem de poluição e asfalto. Ele realmente não parecia pertencer àquele espaço. Fazia o estilo vintage, bem como suas bonecas. Não era adepto de estilo Barbie ou daqueles terríveis bebês que chegam a dever favores à beleza. Não. Gostava de bonecas vitorianas.

E as suas eram realmente lindas. Os vestidos eram de deixar o consumidor em dúvida durante horas sobre qual modelo escolher. Entretanto, por incrível que pareça, dentre todos os atributos, o que realmente chamava atenção, além do tamanho, eram as mãos. A textura, o formato, sobretudo as unhas, realmente embasbacavam quem as observasse por curto período de tempo. Caprichoso, Saul até coloria as unhas delas com as últimas tendências de esmalte. Seu maior orgulho se resumia à produção e criação desses modelos que causavam furor entre as meninas, cujos pais, não poucas vezes as disputavam entre cotoveladas.

Numa manhã, em nada diferente das outras, um cidadão sentiu-se com mais sorte. Ganhara em disputa ferrenha um dos últimos exemplares, uma linda boneca com unhas de um lilás encantador. Era a cor preferida de sua filha, Aninha, que acabava de completar 9 anos. Foi assim que, em muito pouco tempo, o brinquedo estaria sentado em cima da cama de sua filha, esperando por ela. Mal podia esperar para ver a cara da menina, ao voltar da escola e se deparar com a surpresa.

É aí que começa a nossa história. Que poderia ser invenção. Mas é o avesso disso.

Voltando da escola, como era de costume, Aninha e sua melhor amiga Val — a Valdeci que odiava seu próprio nome. Dizia que era nome de homem. Quando ela chorava e reclamava com a mãe (constantemente isso acontecia), sua avó gritava lá da varanda: “É unisexo!” — passavam na lojinha da mãe da Carla, que vendia cadernos fofos, estojos fofinhos e fichários ainda mais fofos. Enquanto folheavam as páginas ornamentadas, Val fez um movimento engraçado com a cabeça e virou os olhos de um jeito assustador.

Aninha quase riu. A Val estava realmente estranha. Olhou pra ela daquele jeito bizarro e, com uma voz grave e diferente, ordenou: “Vá pro seu quarto, Ana Maria!”

Curiosa, a garota assuntou: “O que foi que você disse, Val?” — E Val respondeu: “Eu disse que vou pedir ‘essezinho’ pra minha mãe!” — mostrando uma capa com o galã da série *Stranger Things*.

Aninha estranhou aquela maluquice, porém não disse nada. “Tenho que ir pra casa!” — alguma coisa se agravou no olhar da menina. Foi a vez de Val achar estranho, mas a essa altura, Valdeci só pensava no ator da sua série favorita. “Ai, por que você tinha que morar nos esteites?” — dizia alisando a capa do fichário.

Um frio incomum recebeu Aninha no quarto. Nem ar condicionado tinha o quarto. Mas a estranheza do fato apagou-se diante da beleza refinada daquela boneca, que mais parecia um artefato raro. O pai deleitava-se do lado de fora, imaginando a reação da filha. A mãe, achando um exagero, notou algo estranho na aparência do marido. “Arnaldo... seus olhos estão...”

Meio dia e dezenove foi a hora do óbito de Arnaldo. Parada cardíaca.

Meio dia e vinte foi o horário que o rosto de Val foi visto olhando a cena da mulher, desesperada, segurando o corpo do marido. A menina, com expressão vazia, não movia um músculo.

Meio dia e vinte um foi quando Saul, coincidentemente, resolveu tocar a campainha da casa. Neusa, confusa, não foi capaz de atender à porta, estava ao telefone, pedindo ajuda. Aninha, entretanto, arrastando sua boneca pelo chão, pulou o corpo do pai, pisoteando-lhe a perna direita, sem sequer olhá-lo, e correu atender a visita. Os olhos vermelhos da mãe, acompanhavam atônita, enquanto a voz embargada chamava a ambulância.

O que parecia absurdo, se agravaria quando Aninha abriu a porta e recebeu Saul. O que o dono da loja fazia ali? Não pôde deixar de notar a decepção do homem quando a olhou. Revezava sua cara perplexa, ora para ela ora para a boneca. Reconheceu que a situação a abalara de tal modo que por um momento jurou haver surpreendido um sorriso no rosto da boneca.

Mas o mais assustador, era sem dúvida, a indiferença de Aninha diante da morte do pai. Confusa, Neusa quebrou o silêncio:

— Bom, gostaria de cumprimentar o senhor com mais jeito, mas o fato é que, como vê, acabo de perder meu marido. Não sei em quê poderia ser útil e nem que quisesse poderia.

— Não se preocupe, minha senhora — respondeu o homem —, tenho o costume de visitar os clientes para saber se estão satisfeitos com o produto. Sou muito cuidadoso. Sinto muito chegar em momento tão difícil. Meus sentimentos, quero que conte comigo para o que for preciso.

Aninha se aninhou próxima ao homem como quem reencontra um amigo querido e, de fato, Saul acompanhou e apoiou a família durante o delicado momento do funeral. Era bonito de se ver o quanto foi atencioso. A viúva não poderia sentir-se mais acolhida.

Acolhida demais sentiu-se Neusa. Tão acolhida que naquela mesma noite, mal enterrado o marido, acolhera Saul em sua cama. A mãe dormia com Saul. Aninha dormia com a boneca. E por muitas noites o ritual se repetira. Até que em uma delas, Neusa dormiu em sua cama, mas não acordou nela. Tampouco estava nos braços de Saul.

Com gosto amargo na boca e uma dor de cabeça terrível, despertou e se viu amordaçada, com mãos e pés amarrados. Atada à cadeira da cozinha, ainda tentava compreender o que acontecia, quando percebeu que, diante dela, estava Aninha. O mesmo rosto sem expressão que Val apresentara antes. Com uma das mãos, arrastava a boneca pelos cabelos, na outra sustentava uma faca de destrinchar frangos.

“O que v-você est-tá fazendo, querida?” — gaguejava, horrorizada, a Neusa. Aninha virou a cabeça quarenta e cinco graus, buscando o medo da mãe. Os olhos da boneca pareciam ganhar vida. Um ar inocente, vívido, assustado e curioso. Os olhos de Aninha eram vazios, opacos e vitorianos.

“Eu só queria proteger você, mamãe!” — a voz parecia multiplicada, demoníaca, metalizada com efeito *flanger* de um pedal de guitarra. A mãe olhou em volta e lá estava o cadáver de Saul, sem olhos, sem cor, sem vida e com um corte minucioso na garganta.

Abafou o grito. Sentia desolação e abandono. Sentia ódio por si mesma. Sentia culpa por trair a memória do marido. Sentia a loucura invadir seus resquícios de bom senso. A criatura ali em sua frente, figurada como sua pequena criança, já não lhe causava preocupação, receio ou insegurança. Entregou-se ao acaso. Viver já não era mais uma alternativa escolhida.

A aberração em forma de menina sorriu sarcasticamente. Dirigiu-se lentamente ao antigo porão, carregando a boneca vintage. O destino era a caldeira. Ela precisava desaparecer. Só assim consolidaria seu plano de ressurgir no corpo daquela garotinha.

A mãe encarou o olhar agora puro do artefato. Ele era o mesmo que ela vira naquele dia claro de outono, quando Aninha nasceu.

A visão durou pouco, porém, pois a menina desapareceu escada abaixo e, logo em seguida, a boneca era consumida pelas chamas. Concluída a missão, num andar arrastado e muito diferente do que um dia fora Aninha, subiu as escadas e em pouco tempo estava em frente àquela que um dia fora sua mãe.

Esse fatídico dia entrou para a história local e, em muitas versões, recheava o imaginário popular muitas gerações depois. Lenda urbana? Era o que se dizia, mas, os mais velhos, juravam que no cemitério era possível conferir as lápides de cada uma das personagens desse terrível evento, com exceção de Aninha, cujo paradeiro era desconhecido. Onde fora a loja de brinquedos, hoje ocupava uma livraria, cuja proprietária, dona Mariana, muito idosa, vendia livros de iniciação ao misticismo.

Era a velha senhora quem cuidava de manter a chama dos antigos eventos acesa e não se cansava de repetir, a quem entrasse em seu estabelecimento, a saga da triste família e sua boneca demoníaca. Gostava, especialmente, de contar o como a polícia foi pega de surpresa ao entrar no cenário do crime e encontrar dois cadáveres: um homem sem olhos e uma mulher sem mãos. Na loja, nada encontraram além de uma boneca recém-feita, com mãos lindíssimas e muito bem cuidadas. A essa altura da história, a velhinha sorria bondosa, e media o impacto das palavras em seu ouvinte.

Então, guardava um silêncio profundo, ao mesmo tempo em que, desconfortável, o cliente visualizava no canto direito da loja, sentada numa prateleira, uma boneca antiquada, de gosto duvidoso.



APRESENTAMOS O CONTO

○ ESTRANHO DESTINO DE SÁVIO CACAULO

POR GILSON SALOMÃO PESSÔA

Sinopse: Sávio cresceu cercado e fascinado pelo medo. Mas ele finalmente o dominará ou será vencido pelo mesmo?

Sobre o autor: Gilson Salomão Pessôa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

A vida de Sávio Tales Cacauro sempre foi repleta de dificuldades. Filho de pai violento e mãe alcólatra, estava sempre cercado de medo. Essa sensação permeava o seu cotidiano, desde o levantar da cama até a hora de dormir. Com seu corpo franzino durante a infância, tudo era uma ameaça ou gatilho para apanhar, especialmente em casa. A mera iminência de perigo fazia com que ele suasse frio e tremesse compulsivamente.

Com o tempo foi crescendo e decidiu que não queria mais se sentir assim. Queria ser temido e isso começou na adolescência, quando premeditou para que seu pai caísse da escada e ficasse inválido. Para isso, besuntou a mesma com azeite e cera, enquanto a mãe tinha saído para fazer as compras e antes dele sair para a escola. Ele sabia que o pai tinha costume de se atrasar para pegar o ônibus para o trabalho e sempre descia as escadas numa velocidade incrível. Sávio só precisava esperar o dia certo. E foi o que ele fez. Os hematomas por todo o seu corpo não lhe deixaram hesitar em fazer isso. O estrago no corpo de seu pai foi tão grande quanto ele imaginava. Por muito pouco ele não morreu.

A sua grande surpresa foi que seu pai continuava ameaçador, mesmo na cadeira de rodas. Como isso era possível? Simples, o trauma psicológico já estava feito. Daí surgiu a inspiração para a faculdade que faria quando saísse do ensino médio. De preferência em outra cidade. Finalmente longe de seus pais, tomou duas decisões: ler e malhar muito, para se tornar intimidador nos dois sentidos. Ficou obcecado com a ideia de infligir medo e como essa sensação neutralizava qualquer adversário, sem a necessidade de confronto físico. Obviamente curti muito os quadrinhos do Batman, mas achava o vilão Espantalho muito mais fascinante, já que se identificava com Jonathan Crane.

Certo dia ele ficou sabendo que uma garota muito atraente de seu curso estava namorando um estudante de Comunicação que estava começando um canal no Youtube de investigação sobrenatural. Aquilo era tudo o que ele precisava para fazer o seu laboratório sem despertar suspeitas. Cobaias querendo sentir medo ou inflados de uma coragem vazia? Não importava! Faria eles se arrependerem de ter tido aquela ideia cretina. Especialmente porque em sua opinião toda essa crença em forças ocultas e perigos do desconhecido era uma bobagem sem tamanho, então não haveria risco algum para ele.

Sua missão pessoal tornou-se criar a fantasia mais assustadora que conseguisse imaginar, além de localizar uma casa abandonada nas redondezas que ainda não tivesse sido ocupada por mendigos ou usuários de drogas. Depois de um bom tempo procurando, finalmente achou um casebre na zona rural que ainda não tinha sido explorado. Certificou-se disso acompanhando os vídeos de suas futuras vítimas.

Seu disfarce assustador foi confeccionado nos mínimos detalhes: uma máscara horrível de látex branca que foi retocada com pincel e uma batina preta com capuz, além de um tridente que achou numa fantasia de Aquaman que estava à venda. Depois disso, foi para a localidade, acendeu umas velas no chão da casa e começou a fazer muito barulho, para chamar a atenção dos vizinhos.

Sua primeira vítima foi um cachorro que estava passando por ali e foi atraído pela confusão. Correu latindo sem parar, mas ficou assustado por não entender o que estava acontecendo e fugiu desconfiado. Sávio soltou uma gargalhada, sorvendo aquele pequeno sucesso de sua empreitada, mas precisava de mais, muito mais!

Foi para casa e pesquisou por barulhos estranhos, que fizesse qualquer um correr assim que ouvisse. Achou um apito numa loja de caça e pesca e fez algumas modificações para que o som saísse abafado, quase um suspiro de lamento na calada da noite. Todo esse preparo o deixava sexualmente excitado. Não era mais apenas diversão, estudo ou mera trolagem. Era como se ele estivesse de alguma forma devolvendo todo aquele abuso que lhe tinha sido imposto na infância e isso o deixava num êxtase indescritível.

Começou a andar pelas redondezas fantasiado e fazendo aquele ruído infernal, correndo, dançando e acendendo velas na casa, chegando até mesmo a acender uma fogueira, matar uma galinha e espalhar seu sangue por todas as paredes externas da casa. Comprou carne de porco num açougue e jogou em seu interior, para que a mesma apodrecesse e o seu cheiro chamasse a atenção. Comprou um livro de ocultismo e utilizou o mesmo sangue da galinha para desenhar um monte de símbolos nas paredes internas do recinto.

Depois de um certo tempo os seus esforços geraram resultado, pois os comentários da população local atraíram a atenção da mídia, da polícia e de youtubers interessados em estudar o fenômeno instaurado ali. Sávio ficava muito empolgado ao ver toda aquela atenção, seus olhos ficavam injetados com um estranho sorriso na boca.

Foi então que o dia tão aguardado aconteceu: o anúncio da visita de sua “cobaia” ao local que ele tinha preparado com tanto carinho para recebê-lo. De certa forma, estava lhe fazendo um favor, uma oportunidade de fama que ele nunca imaginaria ter. Sua figura assustadora seria vista por milhares de internautas e aquele pensamento lhe deixava com uma ereção nas calças.

Chegou bem cedo e preparou o cenário como se fosse a noite de estreia de uma peça de teatro. Sentou-se num banquinho de madeira e esperou. Quando ouviu o carro chegando, foi para os fundos da casa e soprou o apito. Ouviu a equipe gritando e pensando em ir embora. Sua boca abriu um sorriso maquiavélico. Quando percebeu uma lanterna avançando, jogou uma xícara na parede. Gritos de susto. As luzes recuaram e depois voltaram a seguir em sua direção. Era uma dança e ele estava apenas começando. Deu um chute forte numa porta e todos os investigadores saíram correndo em direção ao carro, mas ele não queria que eles fossem embora então parou por um momento. O líder do grupo que queria impressionar resolveu retornar sozinho.

Agora era a cereja do bolo. O momento pelo qual ele tinha esperado tanto. Ficou em pé no corredor central e esperou em pé, sem fazer nenhum barulho. Sentiu a lanterna o iluminar por alguns segundos, mas aquilo foi o bastante para o jovem soltar o grito de pânico mais alto que ele já tinha ouvido em sua vida. Aquela atenção foi o bastante para deixar os seus olhos injetados de prazer, o que acabou por torná-lo ainda mais assustador. Todos entraram correndo no carro e aceleraram numa velocidade inacreditável.

Missão cumprida, mas algo aconteceu que ele não esperava. Ficou viciado naquele sentimento. Precisava repetir aquilo mais vezes. Aperfeiçoar aquela técnica. Porém, quando foi dormir aquela noite teve a estranha sensação de ter sido seguido, mas não se importou porque estava saboreando o sucesso da sua performance.

O vídeo obviamente foi um grande sucesso e o rapaz obviamente se prontificou a retornar, obrigando Sávio a intensificar seu espetáculo. Enquanto folheava o livro de ocultismo pra memorizar alguns cânticos ou palavras, percebeu a luz do banheiro acender sozinha. Provavelmente era algum problema na fiação ou na lâmpada, pensou ele prontamente.

Achou uns salmos em sânscrito e recitou em voz alta, sem saber o que significavam, mas a sonoridade era bacana e ele só precisava repeti-los em uma tonalidade mais grave. Escreveu num caderno para memorizar, apagou as luzes e foi dormir. Pelo menos essa

era a sua intenção, pois durante a madrugada foi acordado por barulho de passos no corredor. Por diversas vezes se levantou e não encontrou ninguém na casa. Mas não se abalou.

Na noite seguinte resolveu ignorar os barulhos e conseguiu dormir, mas teve pesadelos terríveis, além da sensação de ter alguém cochichando coisas ininteligíveis no seu ouvido. Decidiu que estava pensando demais naquela intenção de assustar e todas aquelas ideias estavam mexendo com a sua cabeça. Resolveu deixar quieto por um tempo e se concentrar na faculdade.

Os dias foram passando e os fenômenos foram ficando mais estranhos. Alguns cômodos pareciam mais frios que outros, portas batendo, luzes se acendendo sozinhas e os barulhos de passos durante a madrugada. Cético que era, se recusou a pensar em qualquer alternativa que não pudesse ser racionalizada e resolveu simplesmente conviver com isso. Era vento, vizinho, fiação, qualquer coisa. Não iria cogitar nada fantástico ou extraordinário.

Estava determinado. Tanto que resolveu prosseguir com o seu projeto de memorizar as palavras do livro. E para isso as proferiu em voz alta repetidas vezes, cada vez mais alto. De repente todas as luzes da casa se apagaram ao mesmo tempo. Sávio caminhou no escuro procurando por velas ou a chave para ligar a energia de volta quando ouviu as mesmas palavras, agora ditas por uma voz gutural e soturna, que obviamente não era a sua. Nesse momento ele ficou preocupado, mas mesmo assim achou que havia um assaltante em sua casa. Resolveu gritar com voz ameaçadora:

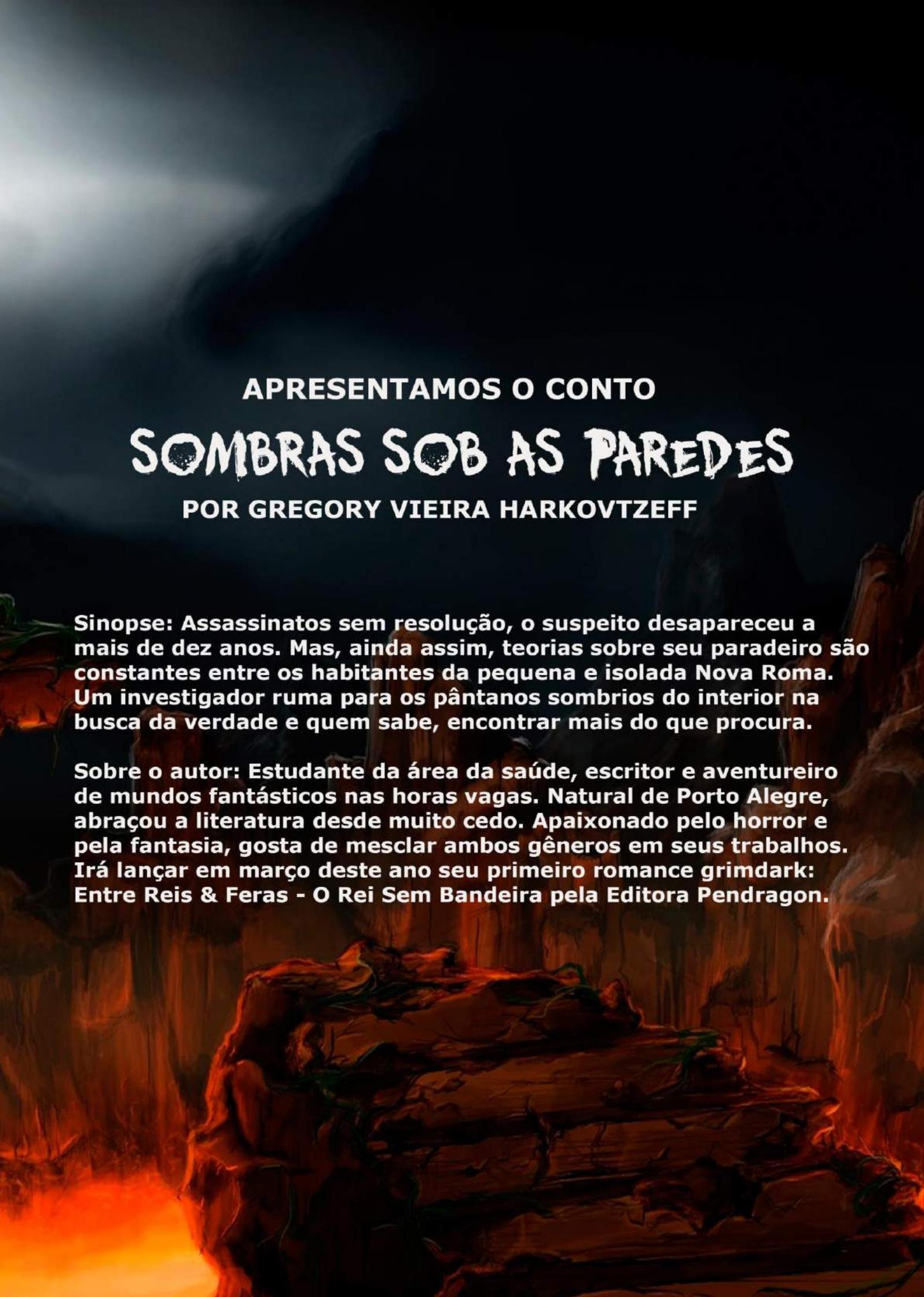
— Eu estou armado e vou chamar a polícia!

A voz gutural soltou uma gargalhada e começou a falar um monte de coisas ininteligíveis, que o deixaram ainda mais apreensivo. Seus olhos começaram a se acostumar com a escuridão e ele finalmente percebeu uma silhueta enorme em sua sala que começou a caminhar em sua direção. Sávio sentiu suas pernas presas ao chão. Estava indefeso, imóvel. Percebeu aquele sentimento tão familiar em sua infância. Estava com medo novamente, depois de muito tempo.

A polícia encontrou o seu cadáver na manhã seguinte, sentado no chão, abraçando as pernas com os olhos completamente negros e arregalados, além da boca arreganhada numa expressão de pavor que intrigou todos os legistas que o inspecionaram. O fato é que

ele finalmente foi alcançado e consumido por aquilo que o acompanhava desde a infância, causando admiração e repulsa ao mesmo tempo.





APRESENTAMOS O CONTO

SOMBRAS SOB AS PAREDES

POR GREGORY VIEIRA HARKOVITZEFF

Sinopse: Assassínatos sem resolução, o suspeito desapareceu a mais de dez anos. Mas, ainda assim, teorias sobre seu paradeiro são constantes entre os habitantes da pequena e isolada Nova Roma. Um investigador ruma para os pântanos sombrios do interior na busca da verdade e quem sabe, encontrar mais do que procura.

Sobre o autor: Estudante da área da saúde, escritor e aventureiro de mundos fantásticos nas horas vagas. Natural de Porto Alegre, abraçou a literatura desde muito cedo. Apaixonado pelo horror e pela fantasia, gosta de mesclar ambos gêneros em seus trabalhos. Irá lançar em março deste ano seu primeiro romance grimdark: *Entre Reis & Feras - O Rei Sem Bandeira* pela Editora Pendragon.

O entardecer nos pântanos de Nova Roma não eram dos mais agradáveis. Agora eu entendia a má fama desse lugar amaldiçoado. Os mosquitos cercavam as velhas árvores, tentavam de maneira maligna cobrir as sinuosas raízes nuas que subiam ao solo formando desagradáveis formas assustadoras. Ninhos vazios, janelas obscuras para o outro mundo. A estridulação dos grilos repetidamente, roubava minha atenção. Se não bastassem as lendas locais, criaturas espreitavam nas sombras e na névoa noturna. Eu sentia ser observado por olhos predatórios, sensação horripilante. Os mais crentes, diziam que damas vagavam dançando sobre as águas que foram afogadas. Todas vítimas eram ex-mulheres e amantes do antigo prefeito. Mais de duas dezenas delas. Meu contratante foi breve, pediu para investigar as ruínas da residência do assassino. O desaparecimento dele, muito embora contestado há mais de dez anos ainda causa calafrios aos habitantes de Nova Roma. Uma fuga para o país vizinho, suicídio e até mesmo o diabo vindo lhe buscar. Em tese, o sentido das hipóteses se tornava fútil e relativo ao pensamento popular estarecido pelos eventos que ocorreram ao longo da década passada.

Particularmente eu não via motivo para investigar tal desaparecimento, isso seria um trabalho para os agentes da lei. Mas, algo me chamou atenção. Havia relatos concretos de testemunhas que trabalhavam para o prefeito sobre certa adoração durante as noites de dias ímpares no ano inteiro nos porões do casarão. Ninguém teve coragem de ir até lá e romper o cadeado para descobrir o que havia dentro do cômodo. Os rumores dos mais corajosos que se aproximaram da estrutura acusaram um forte odor vindo dos porões. Um ou outro contou fábulas enquanto estive na taverna do vilarejo. Soava como verdade as afirmações sobre uma série de catacumbas interligadas repletas de animais peçonhentos que se alimentavam de carne humana. Ora, a imaginação humana é frutífera no que tange a criatividade do horror e transmissão de medo. Ainda mais aflorada pelo êxtase do álcool onde a subjetividade entra em conflito com a racionalidade.

Meu cavalo baforava uma névoa similar à do nosso redor, pelas indicações não faltava muito para o casarão. Havíamos passado uma placa de madeira meio degradada pela umidade onde urubu-de-cabeça-preta repousava após se deliciar na ceia noturna. Em letras garrafais, informava ser “Fazenda Rodrigues”. Bem, não era de fato uma fazenda como conhecíamos. A construção se erguia numa pequena elevação rodeada pelos pântanos, o portão jazia quebrado por possíveis delinquentes buscando a riqueza

acumulada ao longo dos anos pelo prefeito ou fervorosos justiceiros com desejo de vingar aquelas que morreram pelas mãos do líder de Nova Roma.

Os bolsões de água já haviam tomado o caminho até o casarão. A noite vagorosamente escondia a construção que fora construída durante as primeiras eras da exploração do Novo Mundo. Servira de assentamento para portugueses e espanhóis que dividiam as terras, tementes pelos ligeiros horrores que os assombravam pelo sibilar noturno. Depois erguido um forte para marcar presença no lugar tão inóspito. Os próprios nativos jamais ousavam adentrar o pântano, avisavam sobre mau agouro. Espíritos vivos que presentes nas águas turvas devoravam os homens. E ainda assim, mais e mais colonizadores vieram para construir um pequeno vilarejo.

Desmonei de minha montaria e já me prontifiquei a puxa-la pelas rédeas. Molharíamos um pouco de nossos pés e patas, esperava que nada venenoso nos surpreendesse no frio reflexo líquido da noite. A caminhada curta pareceu durar mais, tive cuidado para que meu cavalo não torcesse uma pata durante a travessia. Se tivesse lhe acontecido tal acidente, eu teria de tê-lo sacrificado ali mesmo. Nenhum veterinário da vila, se ainda que existisse um aqui, teria coragem de cruzar aqueles portões.

Passamos. Agora eu conseguia visualizar mais de perto a construção em ruínas. Boa parte da estrutura frontal havia cedido a certo tempo, os escombros que escorriam para baixo ganhavam tufo de mato e musgo. Da minha mala de viagem retirei uma lanterna. Preferi checar as verdadeiras condições antes de adentrar o recinto. Analisei brevemente, não sou engenheiro ou arquiteto, mas poderia afirmar que não passava muita segurança. Decidi dar uma segunda olhada, foi aí que vislumbrei olhos azuis brilhantes me observando da quarta janela da direita para a esquerda no terceiro andar. A silhueta logo se escondeu. Meu coração acelerou pelo susto repentino. Quem poderia estar ali? Até mesmo os ladrões da vila corriam para o lado oposto da direção do casarão. A sensação de não estar sozinho triplicou, eu realmente não estava sozinho. Do coldre escondido na cintura, saquei o revólver e o engatilhei. Se fosse o que eu realmente estava pensando, já tinha encontrado algo assim nos meus trabalhos. Estava preparado, pelo menos acreditava nisso.

Amarrei as rédeas numa pilastra mais segura, decidi entrar sozinho no casarão. Com lanterna e arma em mãos, subi os escombros que se iniciavam diante a porta de entrada. A natureza criou raízes, raízes se espalhavam como veias sanguíneas de um corpo

humano, explorei brevemente o primeiro andar e logo segui para o segundo e consequentemente o terceiro. O centro circular era coberto por uma abóboda levemente destruída. Lá fora, gotas de chuva começavam a escoar do céu que antes não indicava nenhuma tempestade. Repentinamente a intensidade se expôs, uma enxurrada foi despejada sob o pântano. Os intensos fulgores dos raios iluminavam com mais clareza. Investiguei cômodo a cômodo, não encontrei ninguém onde suspeitava que havia. Ainda assim, minha intuição não permitia que baixasse a guarda. Ela nunca errava.

Não encontrei nada, o quarto do prefeito estava apenas com roupa de cama cheia de poeira e a mobília velha revirada. Pareceu-me ter saído as pressas ou procurava algo muito importante. Passei por outros quartos e salas, nada encontrei. Restava apenas o porão, então me direcionei para a entrada do subterrâneo. Não foi difícil encontrar, logo na nave de recepção eu não havia percebido duas portas de aço negro no chão. Limpei o pó com as mãos, forjado no aço em relevo a figura de um tucano sombrio envolto de arabescos se destacava. Três trancas em prata se camuflavam dentre os detalhes. As abri sem muita dificuldade, precisei levantar-me para puxar cada lauda de uma vez.

Uma escuridão eterna aguardava visitante, os degraus irregulares de pedra avermelhada cortavam a parede úmida de pedra maciça. Desci cuidadoso, a luz da lanterna era o único forte ponto de iluminação que possuía. Carregava no bolso do sobretudo isqueiro e cigarros, não faziam diferença naquele breu.

O corredor seguia longínquo, perdi o tempo que eu havia percorrido aquela infinidade claustrofóbica soturna. Finalmente saía da rota, caindo a direita. Continuei seguindo-o até encontrar colunas delicadamente construídas por ferramentas rudimentares num grande salão circular. Hieróglifos estranhamente conhecidos foram gravados no entorno central das estruturas. Estudiosos da Universidade de Galápagos instruíram a nós capturar qualquer tipo de inscrição semelhante no intuito de descobrir sobre o outro lado. Apoiei a lanterna no chão, desfiz quase todos meus cigarros e usei seu fumo para esfregar na intenção de registrar tais símbolos. Tive sucesso, não ficara exatamente igual, mas legível aos professores e professoras da universidade.

Depois deste pequeno contratempo, deixei o salão seguindo o corredor novamente. Foi aí que o badalar de sinos ocultos ecoou por todo o lugar. Então, a luz da lanterna começou a falhar intensamente. Bati no aparelho um par de vezes, ele estabilizou e revelou sombras humanas andando pelas paredes. Vagavam silenciosamente numa procissão fúnebre para

o salão de onde eu vim, elas ignoravam minha presença. Cogitei toca-las, mas seria loucura realizar ato tão curioso e perigoso diante a proximidade de concluir o trabalho. Seria bem mais rápido do que pensei, havia planejado ficar na casa durante uma semana para investigar com cuidado cada prova. Os eventos posteriores à minha chegada colocaram as ideias em xeque e então, resolveria em menos de um dia.

Andei na direção de onde elas vieram até finalmente alcançar uma entrada de pedra no formato de uma simples porta. As sombras deslizavam para fora, eu não via nada lá dentro e sequer a luz da lanterna era suficiente para revelar os segredos ali escondidos. Por mais que eu chegasse mais perto, a cortina de breu tremulava sem abrir exceções a minha vil curiosidade. Diante ela, podia ouvir sussurros e identificar rostos indo para as paredes e tomando as formas humanas. Eram como almas. Coloquei minha mão lentamente dentro da névoa, nada aconteceu. Tomei coragem suficiente para atravessa-la de vez e me surpreendi quando alcancei o outro lado.

Um macabro bosque, feito de névoa cinzenta corrente ao chão e árvores cobertas pelo escarlata. Poças de água mais pútridas e fétidas que rios de peixes mortos. Criaturas curvas do tamanho de crianças se esgueiravam no intuito de se esconderem de mim. O que seriam elas? O que mais me chamou a atenção foi um palpitar de coração, alto e lento próximo o suficiente para ouvi-lo com clareza. Investiguei o som e então encontrei algo que nunca havia visto em anos de profissão. O formato lembrava a espécie de coração humano, mas este estava podre. Repugnante, tapei meu nariz tentando evitar o fedor grotesco que aquela coisa soltava. No meio dela, um rosto humano. Apesar de cadavérico, eu o reconheci. Sim, o prefeito estava ali. Eu mirei minha arma, e nesse exato instante, um vulto tentou me derrubar. Desviei e atirei contra ele. A lanterna caiu no chão mirando contra as árvores, ao lado dela eu vi o tucano humanoide coberto por seu manto de folhas se misturar na escuridão. Aqueles olhos eram os mesmos que eu havia visto mais cedo.

Precisava dar um fim logo a isso, tirei o último cigarro que restou. O acendi e o traguei duas vezes. As criaturas se aproximavam, usei o indicador para jogá-lo no coração. *Igar ox lavrin hok*, eu disse e ele ardeu em chamas. Fiz todo o trajeto de volta para encontrar meu cavalo, partimos pouco antes da casa ruir e levar tudo para uma longa cratera. Os habitantes de Nova Roma teriam boas histórias para contar. O pântano demoraria algum tempo para se tornar mais puro, dois ou três meses. A minha caçada estava apenas começando, nos encontraremos novamente Yontucan.





APRESENTAMOS O CONTO

BEAUTIFUL!

POR HÉLIO SENA

Sinopse: Conto inspirado na lenda urbana japonesa de Kushisake-onna, a mulher da boca desfigurada.

Sobre o autor: Hélio Sena é cearense, professor, contista e poeta. Publicou os livros *Falsidade da noite* (2012), *Nós & a rosa* (2016) e *Poesia da cor da vida* (2020), além de numerosas participações em coletâneas.

Conto inspirado na lenda urbana japonesa de Kushisake-onna, a mulher da boca desfigurada.

“Quem é você?”

“Sou Kushisake-onna.”

“Isso é chinês?”

“Não, japonês.”

“Não dá no mesmo?”

“Não, não dá.”

“Então, o que isso significa?”

“Isso?”

“O seu nome...”

“Significa o óbvio.”

“Diga aí, eu não sei.”

“Vai saber.”

“Quando?”

“Em breve.”

Os dois haviam acabado de transar quando um deles perguntou aí, sabe como se fala *sou bonita?* em japonês, e o outro sorriu e disse ficou doido, não sei direito nem o português, imagine só a língua daquele pessoal de olho apertado, foi assim mesmo que o outro respondeu, e o primeiro se trancafiou todo, chegou mesmo a verter uma lágrima tímida, e então, cinco minutos depois, quis falar, desabafar, mas o cretino estava roncando, roncando feito um porco, e ele odiava aquele ronco, mas adorava carne de porco, e foi por isso, pelas duas coisas, por outras mais, que, em silêncio, se levantou, foi até a cozinha, pegou uma faca das grandes, a maior de todas, e disse é hoje, é hoje que eu como carne de porco e me livro, de uma vez por todas, desse ronco asqueroso, é hoje

que eu mostro o que é que a baiana, ou melhor, o que é que *a japonesa* tem, é hoje que eu mostro...

“Então, Sushizake-onna, por que me abordou?”

“É Kushisake-onna!”

“Perdão... E então, o quer de mim?”

“Só uma coisa.”

“Que coisa?”

“Uma resposta.”

“Pois pergunte.”

“Eu sou bonita?”

“Também quero saber uma coisa.”

“Qual?”

“Por que está usando essa máscara cirúrgica?”

“Pelo óbvio.”

“Não vai tirá-la?”

“Agora não.”

“Quando, então?”

“Quando você me responder.”

“Mas, como vou saber?”

“O quê? Se vou tirar a máscara?”

“Não, que é bonita.”

Então voltou para o quarto com a faca, aí se lembrou da tesoura na gaveta da cômoda, largou a faca, pegou a tesoura e, sempre em silêncio, deitou-se ao lado do

namorado, que, naquele momento, curiosamente, não estava roncando, era a primeira vez que aquilo acontecia, meu Deus, era inédito, aquele silêncio era tudo o que sempre quisera ouvir, o não-ronco, o não-porco, ainda assim a carne era deliciosa, sempre dava água na boca, ah se dava, e, com este pensamento, apertou a tesoura entre as mãos, acariciou-a, sentiu a frieza do aço, procurou a ponta, pressionou um dedo contra ela, sentiu dor, e algo morno escorreu, era sangue, sangue, sangue, e ele reprimiu o gemido, que saiu abafado, e o seu corpo foi desfalecendo, e a tesoura foi se soltando, se soltando, aquele cheiro extasiante de sangue, sabe como é que diz *sou bonita...*?

“Mas eu disse isso?”

“O quê?”

“Que sou bonita?”

“Não disse?”

“Eu perguntei se sou.”

“Você é complicada, hem!”

“Não sou, não!”

“O quê? Bonita?”

“Pare de graça. E responda o que eu quero saber.”

“Vou ter que arriscar?”

“Vai.”

“O que eu vou ganhar com isso?”

“Pergunta errada.”

“Qual é a correta?”

“O que você pode perder.”

“Não jogo para perder.”

“Nem eu.”

“Então, assim fica difícil, né?”

“Mas podemos empatar...”

“Eu vou responder!”

“Responde logo!”

la caminhando por uma rua escura, não sabia que rua era aquela, nem por que estava ali, só sabia que estava caminhando, e que ia devagar, e que sentia vontade de vomitar, era estranho, pois não se lembrava de ter comido quase nada o dia todo, apenas uns biscoitos velhos e secos, só isso, motivo esse pelo qual sentia-se fraco, tonto, também não se lembrava de ter bebido uma gota d'água sequer, apesar daquele desejo forte de urinar, então olhou de um lado, do outro, não havia ninguém, nem mesmo um cão ou gato, apenas ele naquela noite escura e fria, então parou, urinou, e foi quando viu um letreiro supercolorido, em *neon*, e lá estava escrito a palavra *Tokyo*, teve um sobressalto, puxa, estava no Japão, terra dos seus ancestrais, o namorado é que duvidava de suas origens, ele insistia, mostrava o RG, o sobrenome, mas o cretino dizia e esses olhos redondos, conta outra, vai, seu mentiroso de uma figa, e ria, ria muito...

“Respondo. Você é feia, horrorosa!”

“Argh, vou te matar!”

“Epa, guarde essa tesoura!”

“Vou cortar seu pescoço!”

“Essa é boa!”

“Está duvidando?”

“Escute aqui: você é feia?”

“Foi o que você disse.”

“E por isso vai me matar?”

“Não é só por isso.”

“Escute de novo: você é bonita?”

“Não sei.”

“Como não sabe?”

“Eu não sei.”

“Não tem espelho em casa?”

“Espelho?”

“Sim, espelho. Sabe o que é?”

“Sim.”

“Tem um em casa?”

“Casa?”

“Sim. Tem uma casa?”

“Não.”

“Mora na rua?”

“Sim.”

“Mas tem um espelho?”

E esses olhos redondos, repetia o namorado, sempre rindo, e ele retomou a caminhada, a rua sem vitalma, só ele, com seus pensamentos, e o estômago embrulhando, e embrulhou mais ainda quando pensou no *outro*, aquele cretino a quem amava, mas estava se esforçando para acreditar que não valia a pena, não merecia a sua dedicação, o seu amor, bem que sua mãe falava, ela é que estava certa, mas agora estava morta, morta como aquela rua deserta, não, a rua não estava morta de todo, havia ele, e havia mais alguém, sabia disso, alguém invisível, talvez um mendigo, alguém, então olhou instintivamente para trás, uma estranha figura vinha no seu encalço, não sabia se homem ou mulher, isso não importava, o que importava era apressar o passo, correr, e foi o que fez, mas sentia-se fraco, bastante fraco, e então tropeçou na calçada e caiu, bateu a testa no cimento, o sangue jorrou, tentou se levantar, não conseguiu, e pôde ver a estranha

figura se aproximar, era uma mulher, e ela tinha um tesourão na mão, e uma máscara cirúrgica ocultava-lhe a metade da face lívida...

“Espelho?”

“Esquece. Tire logo essa máscara!”

“Não.”

“E guarde essa tesoura!”

“Não! Vou cortar seu pescoço.”

“Ok. Vou mudar de ideia.”

“Mudar?”

“Você bonita, pronto!”

“Agora, vou tirar a máscara.”

“Até que enfim... Nossa Senhora!”

“Então, ainda sou bonita?”

“Com essa boca cortada?!”

“Sou ou não sou?”

“Claro que não!”

“Argh, vou te cortar ao meio!”

“Espere aí um pouco...”

“Por quê?”

“Que boca é essa?”

“Essa?”

“Quem cortou?”

“Quem?”

“Assim, de orelha a orelha.”

“Argh, vou te cortar!”

“Ao meio, né?”

“Sim.”

“Guarde sua tesoura, querida.”

“Por quê?”

Retornou desorientado, ao lado o namorado ainda dormia profundamente, aquele cretino, e agora roncava como antes, feito um porco, um porco nojento, mas de carne deliciosa, então lambeu os beiços, bateu a tesoura, levantou-se, foi ao banheiro, viu o ferimento no dedo, aquilo não era nada, nadinha, mirou-se no espelho, ergueu a tesoura, levou-a à boca, cortou-a de orelha a orelha, depois, se esvaindo em sangue, tirou a camisa do pijama, amarrou no rosto, escondendo a parte lacerada, e voltou para o quarto, o namorado estremeceu com a tesoura espetando seu pescoço, quis pular, fugir, o que é isso, o que é isso, e a tesoura espetou mais, e o algoz perguntando *sou bonita, sou bonita*, e sua voz era apenas um grunhido, e o outro, de olhos esbugalhados, sem entender patavina, e a tesoura entrando, entrando, e então o namorado desmaiou de horror quando a boca rasgada ficou desnuda, olha, sou *beautiful*, eu te amo, cretino!, isso é por você ter me traído com Akemi, minha própria amiga, amiga da onça, isso sim, e este é o *seu* castigo de Kuchisake-onna, a mulher da boca desfigurada...

“Guardar minha tesoura? Por quê?”

“Porque acho você... linda!”

“Acha mesmo?”

“Claro!”

“Então, sendo assim...”

“O quê?”

“Vou cortar sua boca.”

“Por quê?”

“Para ela ficar bonita.”

“Bonita?”

“Sim, igual à minha.”



APRESENTAMOS O CONTO

A HERANÇA

POR J. J. SANTOS

Sinopse: Lira ganha de sua madrinha a casa como herança após seu falecimento, mas logo percebe-se que não foi apenas a casa que ganhou e sim os tormentos que passa a sentir após se mudar.

Sobre o autor: Uma pessoa apaixonada e tem fascínio por livros e contos de terror com suspense, ama ouvir músicas instrumentais e assistir filmes de gênero fantástico. Sofreu de depressão e o que o ajudou a vencer essa doença foi a escrita, escreveu um livro de terror chamado O Terror sem Face e transcreveu todo aquele sentimento sombrio de medo e aflição para o livro, podendo dizer que o personagem principal é ele vencendo o terror dentro de si.

Com o falecimento da minha madrinha de forma inesperada foi um baque para todos da família, chorei muito pelo simples fato dela ter feito parte da minha infância, pois era como uma mãe. Depois de uma semana após o enterro um advogado ligou para mim informando que minha tia deixou um testamento cuja casa e bens estão em meu nome, todos e inclusive eu mesma não acreditamos no ocorrido. Eu me chamo Lira e tenho 28 anos, moro com meu pai até então, falei com ele sobre minha nova casa e comecei a arrumar minhas coisas e parti com a bênção dele, que ficou feliz e triste ao mesmo tempo.

Peguei um táxi e atravessei a cidade até chegar à casa da minha madrinha, logo de cara se vê o quintal de grama bem verde e, ainda de pé, a árvore grande aos fundos onde até hoje tem o balanço de pneu de carro, seu jardim cheio de flores de todas as cores, aquela mulher era amante da terra e amava se sujar e ficava sorrindo feliz quando plantava uma muda ou galho de alguma planta que ela comprou, ganhou ou às vezes roubou de algum muro. Engraçado lembrar isso, porque eu a ajudava nesses delitos de roubos de plantas. Logo que entrei na casa o cheiro de mofo reinava, abri todas as janelas para que um vento pudesse circular. A casa como sempre impecável, por fora é semelhante a uma casinha de boneca e por dentro toda arrumada e colorida. Alguns dias se passaram até eu me fixar de vez na casa, não comprei nada novo e nem troquei os móveis eu apenas limpei tudo já que estão em bom estado.

Uma noite eu saí com minhas amigas para comprar roupa, tomar sorvete, tudo ali pelo shopping da cidade, quando eu senti uma sensação estranha e parei de imediato como se fosse uma ânsia:

— Lira, você esta bem? Precisa de absorventes? — Perguntou Carla abrindo a bolsa já pegando um absorvente de reserva.

— Não, Carla, eu não estou naqueles dias. Apenas senti uma sensação estranha, acho que quero voltar pra casa.

— Tá, ok. Então vamos, eu te levo. — Disse Daniele, a única que tem carro no grupo.

E assim elas fizeram.

Cheguei às seis da tarde e o céu mostra seu entardecer, lindo e misterioso, as lâmpadas da casa desligadas, pois havia me esquecido de liga-las, dava uma sensação estranha apesar de sua beleza externa. Tirei as chaves da bolsa e quando atravesso o portão percebo que algo esta fora do normal, à porta de entrada está aberta, voltei para o portão

sem fazer barulho e liguei para a polícia o que me disseram para esperar na rua, mas senti algo dentro de mim que pedia para entrar na casa e que não havia perigo para mim. Olhei no relógio novamente e vi que já se havia passado vinte minutos e nada da polícia, criei coragem e segui aquela sensação de entrar na casa, assim que liguei o interruptor me deparo com um corpo estirado ao chão, de um homem que usa um capuz preto na cabeça e em uma das mãos uma faca, assim que ouvi a sirene da polícia sai correndo gritando, disse para eles o que eu vi e entraram armados. Não demorou muito quando eles saíram de casa:

— O assaltante está morto. — Disse um dos policiais intrigado com o que viu.

— Morto? Mas como? — Pergunto incrédula recebendo tal notícia.

— Não encontramos nenhuma marca de perfuração ou sangue. Apesar de o corpo estar caído próximo da estante de livros, com aquela face terrível de pavor. Acho, eu não tenho certeza, ele deve ter morrido de susto. Mas como? — Responde o policial pensativo na cena que acabará de ver.

Toda a vizinhança começou a sair e ver o que está havendo, ate que chegou o legista e o IML levando o corpo.

No dia seguinte ouvi o som da campainha tocar, corri para o banheiro dei uma lavada em meu rosto e fui atender, são vizinhas que trouxeram algumas guloseimas para o café da manhã. Deixei entrarem, pois são amigas de minha finada madrinha, fomos para a cozinha e ajeitamos a mesa e começamos a conversar sobre tudo e todos. Uma das vizinhas a dona Claudia tem um neto e o trouxe também, após ele ter terminado de tomar café foi para a sala e sentou no chão para desenhar com as coisas que trouxe. Teve um momento que achei estranho, pois quando tomava meu café na cozinha a criança olhou para mim fixamente, já que eu podia vê-lo pelo corredor, ele desenhava rapidamente de forma assustadora no papel.

Afastei os pensamentos e me concentrei nas meninas que ali sorriam lembrando-se das presepadas da minha madrinha, assim que tudo acabou e das conversas percebi que fiz novas amizades e já marcamos festinhas de vizinhanças. Acompanhei todas elas até a porta e agradei, entrei e olhei para o chão aonde o menino havia deixado um de seus desenhos e o que eu vi me arrepiou da cabeça aos pés, na folha em branco ele fez um esboço, de lápis preto, uma face cuja imagem é assustadora de boca totalmente aberta dando a entender que sofria, aquele olhar negro me dá medo.

Passaram-se alguns meses chegando o período de chuva e passei boa parte deste tempo em casa, em uma determinada manhã fui para a cozinha e coloquei a água para esquentar. Voltei para a sala peguei um livro na estante e sentei na poltrona para ler de onde havia parado, pois desta maneira minha imaginação voava, e a chuva faz um som agradável caindo nas telhas que poderia fazer qualquer pessoa continuar na cama até mais tarde. Alguns minutos depois o bule começou a fazer seu agudo som, ganhei esse bule junto com a herança da casa, marquei novamente o livro aonde parei e o deixei em cima do sofá e sai correndo para a cozinha para desligar o fogo, já fui abrindo o armário para pegar uma xícara e uma caixinha de chá, coloquei o saquinho dentro da xícara e derramei a água quente. Voltei para a sala e para meu espanto o livro não estava no sofá e sim na estante em seu devido lugar.

Não me importei muito, mas achei estranho já que não me lembro de tê-lo colocado na estante. Peguei novamente o livro e arrepiei-me ao tocá-lo e uma sensação de estar sendo observada me dominou, como sou cética em algumas coisas eu apenas afastei esse tipo de pensamento ruim e voltei a ler o livro sentando na minha poltrona, enquanto as ervas do saquinho de chá se mistura com água quente. A chuva não cessava apenas continua com a mesma força da qual começou, de repente ouvi um som semelhante a uma lamentação que se repetia várias vezes como um gemido abafado como se alguém estivesse com dor, fechei o livro e tentei ouvir melhor para identificar de onde vinha esse som fúnebre. Foi quando um sussurro chamando meu nome veio da cozinha:

— Lira...

— Olá? Tem alguém aí? — Levantei-me e deixei o livro novamente no sofá, fui devagar indo para a cozinha para saber quem estava me chamando. Assim que cheguei não vi nada fora do lugar e nenhuma janela aberta, pois jurava que era o vento.

Retornei para a sala e a situação se repetiu, o livro estava novamente na estante. Quando eu o toquei a sensação de estar sendo observada me afligiu, ouvi nitidamente alguém respirar atrás de mim e parecia se aproximar o que fez meu corpo se arrepiar, me virei no impulso e não encontrei nada. Retirei o livro da estante e naquele pequeno espaço do livro surgiu a metade de um rosto opaco cuja boca abriu lentamente e disse sussurrante:

— Lira...

Com o susto caí para trás tropeçando no pequeno puff que fica ali na sala para descanso de pés, por pouco não cai sobre a mesinha de centro. O susto foi tão grande que o livro que estava em minha mão foi arremessado para o corredor da cozinha. Fiquei em pé

rapidamente e olhei para a estante desconfiada e pronta para correr caso algo fosse sair dali querendo me pegar, porém o que havia ali não está mais e o que seria aquela face? Foi tão rápido que não pude lembrar-me dos detalhes, apenas da boca abrindo como se estivesse em estado de dor e chamando meu nome.

Fui até o corredor para pegar o livro que está lá e o coloquei em cima da mesa da cozinha, com receio e medo de me aproximar novamente da estante de livros, pensei em visitar minhas amigas então corri para o segundo andar da casa e entrei no meu quarto, troquei de roupa e desci novamente, peguei o guarda-chuva atrás da porta e após eu tocar na maçaneta o som da chuva para:

— Já parou de chover? Tão rápido assim?

Abri a porta e vi um céu limpo sem nuvem que mostra o brilho intenso do sol e sem nenhuma gota de água na grama ou a rua. Fique sem entender enquanto olhava o dia bonito pela porta, olhei para o guarda-chuva e olhei para dentro da casa e apenas vi uma névoa cinza que se movia para a cozinha como se fosse uma neblina opaca e quase invisível. Meu corpo se estremeceu e só deu tempo de pensar na morte do ladrão e da minha madrinha, fechei a porta com rapidez e fui correndo para minhas amigas. Decidida que iria vender essa casa.



APRESENTAMOS O CONTO

O LEGADO

POR LUIZ FRANCISCO HAIML

Sinopse: Ele recebeu muito legados em sua vida, mas quando achou que o melhor era a mulher que conheceu e com quem foi conviver, ainda viria mais.

Sobre o autor: Natural de Porto Alegre (RS), mas seus 56 anos são vividos todos em Taquara (RS). Foi colunista de vários sites e jornais da região do Paranhana, e fora. Atualmente tem coluna apenas no Jornal Panorama On-line (Haiml & etc) para o qual escreve sobre assuntos diversos há mais de vinte anos. Professor, metido a videomaker, e se esforçando para escrever ficção – gênero no qual já obteve resultados positivos em vários concursos e antologias. Mora com esposa, uma filha de dez anos, e quatro cachorras adotadas.

1849: fiquei maior, e órfão, e herdei a Quinta. Por não me atraírem as lidas campeiras. Arrendei as terras a Estevão e Elvira, agregados que viviam nelas desde antes de eu nascer.

A Quinta me veio por herança materna. Meu avô fora de alto cargo dos Dragões do Rei. Pelos serviços prestados, favoreceram-no com terras na Campanha que se espalha ao longo das margens do Jacuí, sul do Brasil. Em tais extensões — naqueles dias sem fronteiras — se daria o início de um grande negócio de criação de gado, encerrado por meu pai, que preferiu a agricultura.

Estevão e Elvira moravam num pequeno chalé distante da fazenda. Dei-lhes então uma casa melhor, ficando eles mais próximos às plantações, e ao cemitério da minha família. Do chalé fiz estufa, onde cultivei diversa flora, e na casa paterna, onde permaneci, montei vasta biblioteca. O grande galpão, longo e amplo, que havia na Quinta, continuou a servir de temporária morada a errantes peões que por ali passavam, e pouso fixo a outros empregados que não tinham seu próprio teto.

Eu poderia ter ido viver numa cidade, aproveitar os prazeres que essa me oferecesse, mas desde pequeno me encantava a solidão que envolvia a Quinta e os pagos ao redor. E havia a natureza. Admirava-a, observava-a em longos passeios nos quais fazia muitas anotações.

Numa chuvosa manhã, estava a divertir-me com o ótimo Catálogo da Flora Sul-Rio-Grandense, de Henrich R. Dietschi, quando Estevão apareceu portando um inesperado recado: convidava-me um vizinho a visitar seu sítio, e tal convocatória pedia certa urgência.

Apesar de tal vizinho e eu vivermos há muito naquela região, seria a primeira vez que nos encontraríamos pessoalmente

Abraão era seu nome. O conhecia apenas de vista, assim como à sua filha, Lúcia.

Estranheza e curiosidade me instigaram e logo estávamos a degustar um chá cujo sabor eu tentava reconhecer. Tal essência, de início mostrava-se amarga, ácida, depois liberava um gosto adocicado, e refrescante, e eu a sorvia com mais avidez.

Era a primeira vez que eu entrava na casa de Abraão: um prédio simples, de madeira e de poucas peças, cercado por inúmeros canteiros que formavam um irregular tapete de vistosos e variados tons de verde. Por dentro muitos livros se espalhavam. Amarfanhadas,

rabiscadas, surradas edições que indicavam um constante manuseio, a maioria tratava do poder das plantas e da cura dos males do corpo, da mente e do espírito por métodos diversos.

Chamou-me a atenção, numa prateleira, minúsculas estatuetas. Vistas de perto, porém, eram raízes. Por certas proporções e enlaces, elas imitavam de forma extraordinariamente perfeita, partes da anatomia humana.

Quanto ao meu anfitrião, era moreno, magro, espichado. Um branco tímido invadia seus cabelos contrastando de modo belo com o negror dos mesmos. Os olhos grandes, portadores de um brilho jovial, passavam uma calma que tinha eco na forma de seu pronunciar as palavras. Rosto e pescoço sulcavam-se como um solo estriado pela seca. Os grandes pés (em sandálias) e mãos alongavam-se cobertos por saltadas veias de diferentes espessuras, e tinha eu a impressão de que Abraão se enraizava no lugar onde sentava.

Na verdade, dele eu já sabia algumas coisas. Uma, que trabalhava com ervas, ervas que tinham o poder de curar, reavivar, rejuvenescer. A outra, que, quando chegara, anos atrás, trazia consigo a filha e uma aura de boatos que tinham a ver com o misterioso sumiço de sua esposa, mas Abraão, por um irrepreensível caráter, foi fazendo com que as especulações sobre tal caso se desvanecessem até não mais servirem de preocupação a ninguém.

Depois de várias xícaras de chá, ele entabulou por aquele que era o real motivo do convite. Mas e Lúcia? Passara pela sala só uma vez. Sem um barulho, uma palavra. Era o mesmo tênue ser que algumas vezes eu vira em dias primaveris e de verão, sempre vestida de branco, ocasiões em que parecia pairar sobre as verdes coxilhas, e falava, não com animais ou outros humanos — estava sempre só — mas com entes imaginários, invisíveis à nossa comum percepção.

Já nos vinte anos, tinha ar pueril. De baixa estatura, corpo quase sem contornos, os seios pouco perceptíveis, as mãos pequeninas assim como os pés (em trançados chinelos). Sedutor era o contraste da pequena boca com a opulência dos lábios que a emolduravam. A rósea borda de cima, salientando-se por uma leve projeção causada pelos dois principais dentes superiores, dava-lhe um ar de peraltice e lembrava certos animaizinhos das histórias infantis. Os olhos, quietos e atentos, enormes e oníricas esmeraldas dentro das quais as pupilas — tronos negros — ganhavam contornos mais definidos pelo brilho que as circundava. Da cor do trigo em pleno viço era a vasta cabeleira a descer sobre seus

ombros. A palidez da pele e a clareza do longo e translúcido vestido que a cobria se uniam quase indistintas.

Enquanto atravessava o aposento e desaparecia para outra peça, sorria, e tal enigmático sorriso, dirigia-o a mim.

Anoitecia quando os deixei. Na volta tomou-me forte letargia. Ao chegar à Quinta, fui logo deitar.

Eis agora o porquê de meu chamado. Alcançado em anos, embora não parecesse velho, nem doente, Abraão disse-me que em breve nenhum poder da medicina nem erva alguma que conhecia poderiam salvá-lo, pois o Ser Supremo — assim se referiu a um poder maior — decidira que findara o tempo de seu corpo carnal. Preocupado com o destino da filha, que eu não estranhasse seu pedido:

— Se te agradares, faz de Lúcia tua esposa.

Diante de meu espanto, alegou que conhecera meus pais, que acompanhara, de longe, a minha vida, e tinha a convicção de que eu seria um bom marido, um companheiro ideal para Lúcia. Revelou-me também o desejo de ainda ter a alegria de contemplar um neto, o que seria possível, segundo ele, mesmo não estando mais unido às carnes do corpo, à matéria desta vida.

No sétimo dia, após nosso único encontro, ele se foi.

Sepultei-o em minha propriedade.

Lúcia foi viver conosco.

A nova moradora logo encantou Elvira, e mútua era a admiração. Satisfeito, eu percebia Lúcia a alegrar-se com o matraquear inofensivo e constante daquela a quem eu considerava minha segunda mãe.

Estevão, adotado por mim como pai substituto, também gostava de Lúcia. Porém, mantinha-se longe, evitando maior intimidade com ela.

Por minha vez, tomei-a como irmã, como amiga, e Lúcia assim concordava, e assim éramos felizes.

Lúcia trazia em si a saudável vivacidade das moças criadas no meio campestre. E, dizendo ser herança do pai, surpreendeu-me seu vasto conhecimento sobre fauna e flora da região, ajudando-me ela em minhas anotações, para as quais fazia belos desenhos, além de ser tornar rica a e divertida companhia nas minhas diligências então não mais solitárias.

Porém, algo existe que não quer a alegria dos homens, e a fortuna veio cobrar o preço: Lúcia adoeceu. Nenhum recurso que meu dinheiro arrumava adiantava. E, assim como seu pai, ela dizia:

— Ismael, é definido o meu último momento.

Lúcia partia, sem gritos, gemidos, lágrimas.

Em total quietude fenecia.

Elvira entristecia cada vez mais, perdia a filha que a vida não lhe permitira ter. Estevão, esse conseguia esconder o que sentia, e eu, eu fugia daquela realidade tornando-me amigo habitual do absinto.

Era o fim de uma tarde de outono, úmida, cinzenta. Já fatalmente prostrada no leito, do qual não mais se erguia, pediu por mim. Senti um miasma enjoativo antes mesmo de entrar no aposento. Recuei mas, de repente, lá estava eu ante a enferma e só daí me dei conta do longo tempo que passara sem visitá-la. Perturbei-me. O verme irreversível rápido tecia os fúnebres trajés.

Devagar, pouco à vontade, curvei-me sobre ela. Evolava da enferma uma mescla de diferentes ervas aromáticas. Uma rede de finas veias de uma tonalidade coagulada descia-lhe às faces, o pescoço, se ia por ombros e braços desenhando-se em sinistras e pérfidas garras. O vítreo dos olhos secara, as pupilas iam se esfarelar a qualquer momento. A pele ganhava as características dos velados, dando a incômoda impressão de que num repente seria rasgada pelos ossos. Só vasta ainda era sua cabeleira, mas dela o viço se fora, restando apenas uma opaca massa de desgrenhados fios.

Lúcia murchava, ressequia-se.

Como teve forças para, naquela situação, me desejar, puxar-me para si, despir-me de modo tão ansioso e fazer com que finalmente consumássemos nosso casamento, não sei. E como me entreguei a ela, alucinado, sem antes nunca a ter tocado ou a desejado em seu estado normal, também não sei.

Lembro apenas que, em determinado momento, já noite então, Lúcia me acordou. Queria que eu a visse ainda com um resto de vida. Adormeceu. Ao vir a manhã, estava morta.

Duas semanas passaram, e Estevão, agitado, entrou em meu quarto. Eu sonhava, naquele momento, em sono de absinto “achava-me ajoelhado diante um grande boi, que sabia ter sido abatido por uma peste, a mesma que começou a encher a pampa sem fim que me circundava de bestas mortas. Surgiu um homem todo em vestes negras, o rosto de feições

charruas que se alternavam ora nítidas ora a se desfazerem como fumo, aproximou-se sem dizer palavra estendendo-me uma faca, e eu entendia que deveria courear os bichos - procedimento que se faz em tais desastres” e aqui se encerra o onírico episódio, interrompido por Estevão.

O agregado falava rápido, nervoso, acordara por uma incessante sucessão de raios e poderosos estrondos, sons de pedras a se romper, e, o que mais o perturbava, gritos, gritos humanos, gritos desesperados e infindáveis de mulher, e vinham eles do cemitério da família. Antes o tivesse ignorado e voltado a dormir — e aí, talvez, nossa vida ali na Quinta continuasse como estava — mas sua agitação era tanta que percebi não me largaria enquanto não o acompanhasse no elucidar do mistério.

Vesti-me bem a proteger-me do frio, ouvindo-o dizer que estávamos sós, a peonada debandara, havia baile na cidade, e que a meia-noite há muito passara e anunciava-se a madrugada. Fora, a escuridão era ainda quase completa.

Os raios haviam parado e o cenário estava todo quieto. Seguíamos como dois viajantes capturados pela estranha atmosfera de um mesmo inquietante sonho até que, súbito, a luz de minha lanterna pousou sobre um anjo de pedra, desfigurado.

A sepultura de Lúcia.

Parte da estrutura sob a qual repousava a morta estava fulminada e enegrecida pela força de um raio, uma rachadura surgia como uma informe mancha se abrindo através dela.

Colocamos as lanternas sobre a cripta ao lado, a de Abraão. Mal havíamos acabado de largá-las um forte vento vindo do nada as derrubou e extinguiu a nossa luz, mas já estávamos então debruçados por sobre a campa em ruínas. Nada enxergávamos, além de trevas, e eu sentia a minha mão esquerda cada vez mais viscosa dando-me conta de que, sem saber onde nem como, eu a ferira profundamente.

Estávamos ali, dependurados sobre o breu, e um odor inenarrável dele subia. Foi então que as grandes e escuras nuvens lá do alto, impiedosas, se abriram, e dos céus uma luminosidade esférica e macilenta veio sobre nós e se espalhou pelas negruras que aguardavam sob a fria laje destroçada, e vi meu sangue a gotejar como que a alimentar a corrompida fossa mortuária.

Mas vi mais, e Estevão é igual testemunha. O que se revelou a nós, lá de baixo, lá dentro da garganta rasgada da pedra sepulcral, superava as pinturas mais macabras que eu já contemplara.

Havia cacos de lousa que caíram ao romper a laje superior, havia restos das madeiras de um caixão, e entre tudo isso, a luz celeste, indiferente, expôs a nossos olhos incrédulos um ventre aberto de mulher.

E não era só.

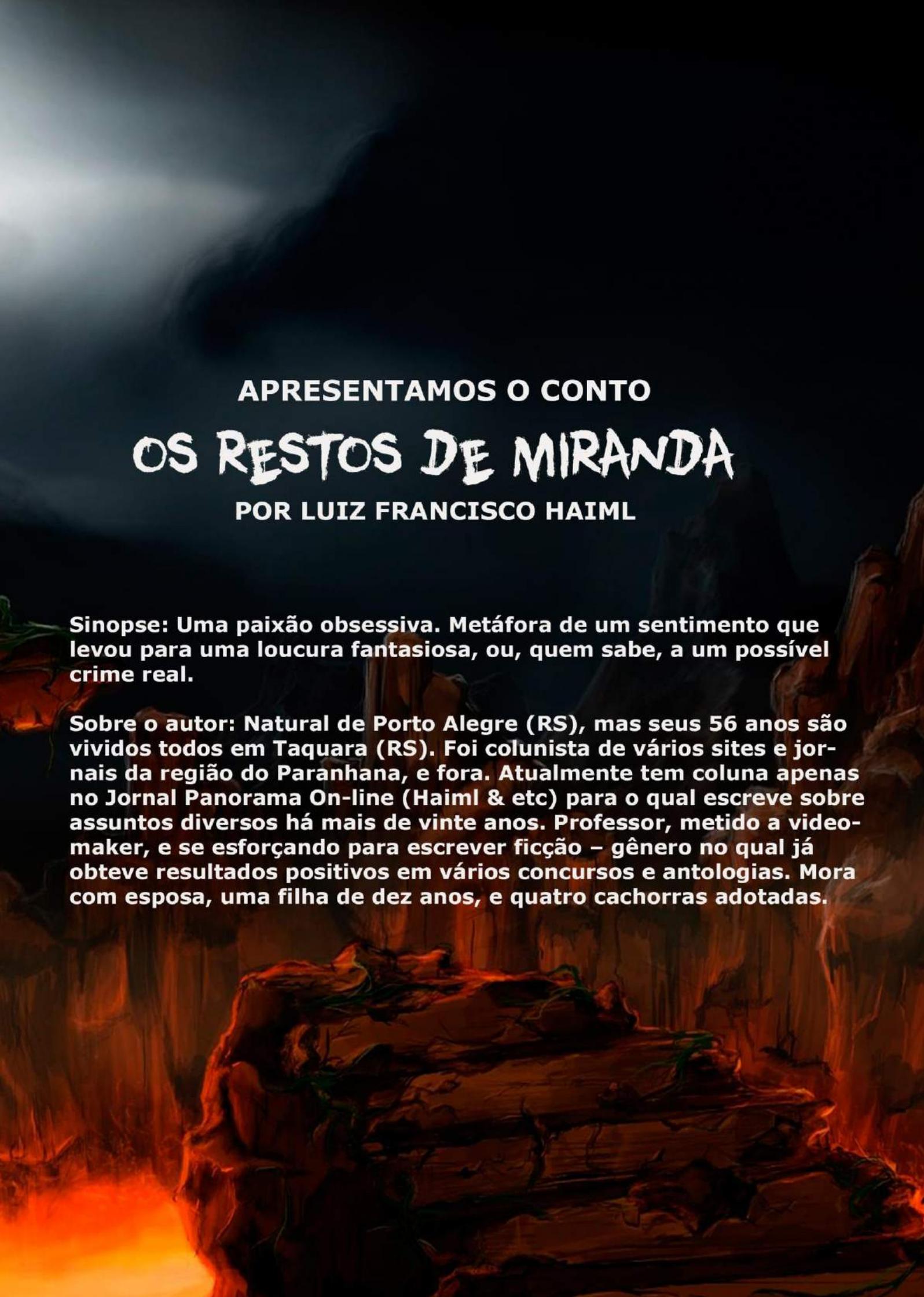
Nas expostas entranhas — ao redor das quais finos e úmidos caules entrelaçavam-se numa espécie de berço e não se via as outras partes da morta — aninhava-se um miúdo corpinho de criança.

Houve então um último e extraordinário estrondo e meu horror ainda mais se ampliou. Pela luz desse último clarão que pareceu durar uma eternidade vi tudo à minha frente começar a ruir, soçobrar, e vi Estevão a saltar para dentro do negro poço.

Quando finalmente minha certeza arraigou em sólido terreno, decidi partir. Não ia estragar a inesperada felicidade que preenchia agora os dias de Estevão e Elvira. E, por certo, ambos talvez nem acreditassem em mim. Talvez até me achassem louco, que falava por amargura, algum arrependimento, afinal, de novo eu lhes passara uma porção de meu legado. O que eu sabia, e essa é a verdade, é que na criança que oferecia a eles a chance de um futuro de muitos risos e alegrias, na menina que ficava a vagar, como em sonambúlico estado, pela Quinta, que crescia entrançando-se esguia e etérea, habitava não outra senão aquela que fora minha única amiga, única irmã, única companheira — aquela a quem, somente uma vez, eu tivera.

Sim, naquele ser ainda inocente, naquele receptáculo ainda não maculado, ela, Lúcia, voltava, e minha angústia, minha agonia, meu desejo insano de novamente possuí-la, também.





APRESENTAMOS O CONTO
OS RESTOS DE MIRANDA

POR LUIZ FRANCISCO HAIML

Sinopse: Uma paixão obsessiva. Metáfora de um sentimento que levou para uma loucura fantasiosa, ou, quem sabe, a um possível crime real.

Sobre o autor: Natural de Porto Alegre (RS), mas seus 56 anos são vividos todos em Taquara (RS). Foi colunista de vários sites e jornais da região do Paranhana, e fora. Atualmente tem coluna apenas no Jornal Panorama On-line (Haiml & etc) para o qual escreve sobre assuntos diversos há mais de vinte anos. Professor, metido a videomaker, e se esforçando para escrever ficção – gênero no qual já obteve resultados positivos em vários concursos e antologias. Mora com esposa, uma filha de dez anos, e quatro cachorras adotadas.

Conheci-a não sei bem quando. O tempo me escapa quando volto a lembrar dela, quando dirijo minhas recordações aos dias em que estive comigo, quando falo sobre ela a alguém — o tempo parece ter se esvanecido desde que a conheci e a perdi. Terá tudo não passado de um sonho? Então por que clamam ainda, às vezes, as cicatrizes, lastimosas, irremovíveis?

Miranda, esse era um dos seus nomes. Ah, doce Miranda, nunca mais soube de ti, mas alguma coisa me diz, e nisso, minha amada, tento tanto crer, que estás agora aos cuidados dos anjos no Céu.

É possível viciar-se em alguém? Não aqui como faz o absinto ou o ópio nos escravizando aos reinos da ilusão — em Miranda eu queria a vida, eu enxergava a vida. De igual modo não me refiro às devoções compulsivas e constantes que promovem em ídolos de maiorias pessoas de determinados talentos. Falo de alguém que de forma inesperada pisa em nosso simples cotidiano, alguém comum, nenhuma celebridade, mas que consegue com que nossas vidas virem em horas miseráveis, nossos dias em nada — quando não está conosco; e habitamos assim angustiantes momentos que só se tornam suportáveis diante sua imprescindível presença — é dessa veneração, tão enganadoramente libertadora, que falo.

Encontrei-a pela primeira vez num solitário recanto de uma praça antiga e sombreada por altas e velhas árvores. De muitas épocas era também o grande e enferrujado banco de ferro sobre o qual Miranda se perdia na leitura de uma poetisa espanhola. Atrás dela, já quase cobertos por um denso limo, e emergindo em meio a um tanque circular e profundo de águas sujas e esquecidas, um general e seu cavalo se empinavam em majestosa pose pétrea.

Miranda encantou-me, enfeitiçou-me. Como podem surgir, assim tão repentinos, tais amores? Serão mesmo reais? Ou somente loucura? Onde amor e paixão separam seus limites, suas diferenças e semelhanças? São céu e mar que se unem apenas pelo engano de nossos olhos? Tal atração já terá existido antes, ocorrido por completo em outra vida? Em algum anterior passado, quando, quem sabe, estivemos eu e ela em outros corpos?

Apenas sei que, desde aquele dia, tornei-me precisado de Miranda todos os momentos e passei a visitar diariamente tal praça rondando a fonte do general e seu cavalo até finalmente ser recompensado. Pedi licença e sentei-me no mesmo banco no qual muitas vezes eu iria passar sublimes horas ao lado dela.

Não demorou e eu já a acompanhava ao neoclássico prédio do Liceu onde Miranda terminava um curso superior para o qual vinha três vezes por semana de uma cidade distante da minha, e esses dias eram os meus dias mais felizes, e eu os aguardava em vésperas de insuportável agonia.

Segundas, terças e quintas-feiras eu a esperava em frente ao Liceu, e após ela entrar em sua sala de aula, eu perambulava pelo local ou ia à biblioteca a fim de conhecer as leituras que percebia serem de sua preferência - poesia latina, africana, sul-americana, asiática - e também as literaturas pedidas por seu curso.

Quando estávamos juntos, nem precisava que falássemos, bastava-me vê-la, contemplá-la, e se trocássemos uma ou outra palavra, intensificava-se mais ainda meu sofrimento, pois minha necessidade dela igualmente aumentava.

Encerradas as aulas, nosso caminho levava à rodoviária. E era sempre fim de tarde, quando afastado dela, voltava eu ao meu mundo, a minha rotina, sem conseguir, por mais que tentasse, me aquietar, até de novo reencontrar Miranda.

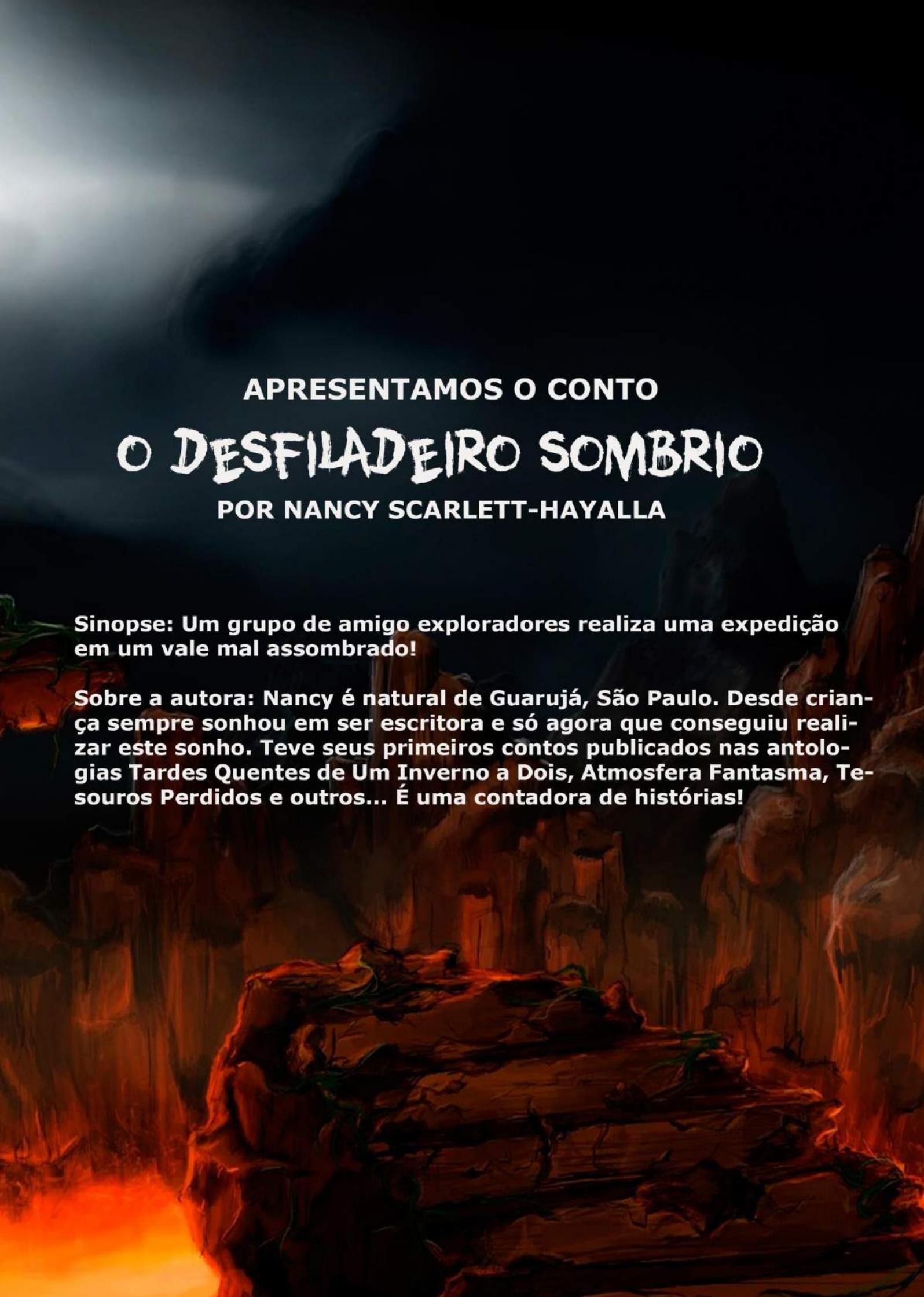
E as nossas despedidas - ah, tão tristes são as despedidas nos crepúsculos, são como a morte, um lento padecer. Depois de vê-la entrar em seu ônibus, ajeitar-se na devida poltrona, depois da condução sumir na rodovia e de minha vista, eu ia a vagar sem querer pouso algum - só o aninhar-me no colo daquela que me deixava - até finalmente decidir ir para casa. E em meus sonhos, e em meus olhos, habitava Miranda, apenas Miranda.

E eis que agora lembro, lembro claramente de tudo, de seu destino e do meu. Sufoquei-a com meus excessos, perturbei-a com minha constante presença. Enlouqueceu. Disse-me coisas terríveis, e eu percebi definitivamente perdido o meu rumo com ela.

Desnorteadado também comigo, tomei a firme decisão de deixá-la, para ambos, seria melhor que me fosse, que eu continuasse sem ela, apagando-a de mim de um jeito que não me tentasse olhar para trás.

Se um dia, por acaso, estiverem na tal praça em que o destino nos quis juntos, se acharem o local do velho e enferrujado banco onde a vi pela primeira vez, espiem as esquecidas e sujas águas do fosso do general e seu cavalo. Talvez seja possível ainda enxergá-la. Talvez, quem sabe, ainda estejam lá os restos de Miranda.





APRESENTAMOS O CONTO
O DESFILADEIRO SOMBRIO
POR NANCY SCARLETT-HAYALLA

Sinopse: Um grupo de amigos exploradores realiza uma expedição em um vale mal assombrado!

Sobre a autora: Nancy é natural de Guarujá, São Paulo. Desde criança sempre sonhou em ser escritora e só agora que conseguiu realizar este sonho. Teve seus primeiros contos publicados nas antologias Tardes Quentes de Um Inverno a Dois, Atmosfera Fantasma, Tesouros Perdidos e outros... É uma contadora de histórias!

Paulo, Alisa, Jorge, Camila, Fernando e Érika eram amigos e exploradores. Adoravam fazer trilhas pela mata fechada, acampar, descobrir lugares ainda não explorados e estar em contato com a natureza. Agora o grupo pretendia realizar uma expedição em um local conhecido pelo nome de Desfiladeiro Sombrio.

O local tinha este nome por razões óbvias. Era um vale de difícil acesso, coberto por um denso nevoeiro e segundo os antigos moradores que residiam próximos a região, era habitado por criaturas malignas, espectros e monstros. Ninguém nunca viu tais seres, mas muitos guias turísticos evitavam ao máximo de andar por lá. Segundo os boatos que ouviram, já aconteceu de muitos grupos que tentaram explorar a região nunca mais voltar...

E ninguém nunca foi atrás para tentar descobrir o que houve com eles.

— São somente histórias de fantasmas para atrair turistas! — Disse Jorge, um dos aventureiros.

— Ou para afastar os curiosos... não seria o primeiro caso. — analisou Fernando.

Finalmente chegaram ao destino. Não foi fácil, pois sempre que paravam a caminhada para pedir informações, ninguém os respondia e quando conseguiam a atenção de alguém, as respostas eram sempre as mesmas, que o vale era amaldiçoado, que era a porta de entrada para o inferno, que eles estavam indo direto ao encontro da morte etc...

Parecia que ninguém queria saber daquele lugar.

— Credo, até parece que esse local é mal-assombrado! — Comentou Alisa assustada com o ambiente. Não era para menos, o vale realmente era muito assustador e o cheiro da morte pairava no ar. A luz do sol praticamente não alcançava ali. Parecia até que eles estavam em algum cenário de filme de terror ou foram transportados para outra dimensão.

— Vamos armar nossas barracas aqui. Amanhã cedo seguiremos com a nossa expedição.

— Ordenou Paulo, o líder do grupo. Vendo que a turma estava apreensiva com o lugar, ele sugeriu que todos mantivessem as suas lanternas acesas. A fogueira também ficaria acesa.

Mas assim que ela foi apagada por uma inesperada e estranha chuva, começou o terror.

Primeiro a começar pela chuva. Alguém escutou o barulho da chuva cair e de curiosidade, colocou um pau de self do lado de fora da barraca. Não ia arriscar pôr a mão lá fora. E quem fez o teste se assustou com o que viu.

— Isto é sangue? — Perguntou Érika.

Todos saíram de suas tendas para confirmar se era mesmo sangue que havia caído do céu. E era mesmo.

— Será um fenômeno da natureza ou algo que veio do espaço? — Questionou Jorge.

— Como que uma chuva de sangue vai ser um fenômeno? — Perguntou Camila indignada com a sua pergunta.

— Será que é de gente? — Paulo perguntou analisando o solo.

— Se é de gente, então foram de várias pessoas, porque olha quanto sangue tem aqui! — Apontou Fernando ao lado dele.

— A gente não devia ter vindo para cá! — Alisa começou a chorar.

Todo mundo ali olhava assustado para o chão de terra encharcado com sangue. Se era alguma coisa natural daquele lugar ou não, ninguém sabia. Mas já decidiram que não continuariam mais com a expedição para descobrir. Todos trataram de levantar acampamento.

— Espera aí galera, e a nossa expedição? — Disse o líder do grupo, tentando manter a calma. Mas vendo que ninguém queria ficar, também tratou de arrumar suas coisas. Se a história de que seres sombrios existem naquele vale for verdadeira, não ficariam ali para ter certeza. Suas vidas não valiam o passeio.

Marcaram o caminho pela mata para voltarem com segurança, mas parece que o caminho de volta foi desfeito. Notaram que estavam andando em círculos, depois de caminharem por horas.

— Estamos perdidos! — Camila gritou desesperada.

— É só eu ou tem mais alguém com a sensação de que estamos sendo observados? — Fernando perguntou, mas ninguém conseguiu responder, pois o medo não deixava. Aquele lugar estava mexendo com a mente deles!

E para piorar a situação, eles tinham a sensação de que não estavam sozinhos. Foi ouvido passos a mais ou menos alguns metros de onde estavam. Era difícil de ver quem era por causa da densa neblina... ou pior, o que era. Começaram a imaginar que poderiam ser uma daquelas “coisas” ...

Para a surpresa de todos, um homem surgiu no meio da neblina. Pelo o que deu para ver, trajava um uniforme. Acharam que era algum guarda florestal. Como era o líder do grupo, Paulo foi até ele para pedir ajuda. Mas quando chegou mais perto, percebeu que havia algo muito estranho naquele homem.

Estava morto! E atrás dele, surgiu uma horrenda criatura, que cravou com tudo as suas garras e dentes nele.

Assim que viram o amigo ser devorado por um monstro, todos saíram correndo, cada um para uma direção diferente... o que foi uma péssima ideia.

Camila e Érika foram parar na margem do rio que atravessa o Desfiladeiro. Olharam para trás para ver se alguém do grupo veio atrás delas. Infelizmente ninguém foi. Estavam sozinhas e por conta própria naquele momento. Escutaram a rio borbulhando. De repente “alguma coisa” saiu da água, agarrou a perna de uma delas e a puxou rio abaixo. Bem que Camila tentou salvar Érika, mas somente conseguiu puxar a metade de seu corpo. Horrorizada com a cena, saiu correndo dali e entrou na névoa...

Somente foi ouvido o seu grito no meio da escuridão.

Fernando e Jorge inventaram de escalar as paredes do vale, achando que se salvariam. Ledo engano! Um dos monstros parecia já estar os aguardando no alto da montanha. Um deles só sentiu um imenso tentáculo vindo do alto, agarrar seu braço e o puxar para cima. Jorge só observou o seu amigo Fernando ser puxado para cima e viu cair de lá um braço. Nem percebeu que um outro tentáculo, vindo de baixo, enlaçou a sua cintura e o puxou com tudo para baixo.

Sobrou uma garota, Alisa. Correu tanto que deve ter atravessado todo o desfiladeiro. Seguiu o curso do rio numa esperança de sair dali. Viu uma saída, mas hesitou em atravessá-la, pois não sabia o que encontraria lá. Mas um certo barulho vindo do rio a fez mudar de ideia. Com a sensação de que algo estava atrás dela, correu o mais rápido possível. De repente, a “coisa” desistiu e deu meia-volta. Olhou para cima e viu a luz do Sol. Os sombrios tinham medos da luz, por isso se escondiam no nevoeiro.

Ela foi a primeira e única pessoa até este momento a sobreviver no Desfiladeiro Sombrio!



APRESENTAMOS O CONTO

A VOZ DA CUCA

POR PAULO FIALHO DIAS

Sinopse: A segurança de falar com uma pessoa por ligação ofusca a distância física, mas não a substitui. Duas amigas, unidas pelo celular e separadas fisicamente, são encontradas por uma voz. Uma voz vinda do vento, trazendo loucura e terror, Se estivessem juntas, não seriam somente testemunhas do terror, inconcebível, que passariam, pois a insanidade, não precisa de meios físicos para alcançar suas vítimas.

Sobre o autor: Paulo é advogado, pós-graduado em Direito do Trabalho, autor e escritor. Seus primeiros contos foram publicados em formato ebook, na Literatura Fantástica – Revista Pulp Nacional. Atualmente ele se prepara para lançar seu primeiro livro, uma coletânea de contos de terror e mistério intitulado "Lendas da Noite e outros contos".

Ela ajeitou o fone para conseguir ouvir melhor:

— Acabei de chegar. Você já chegou?

Trancou o cadeado do portão. O vento aumentou e balançou seus cabelos e suas roupas. Fechou o casaco com frio.

Do outro lado da linha, uma voz respondeu:

— Já estou deitada. Cansei de tanto dançarmos — disse animada. — Em seguida comentou os detalhes da festa que não pôde comentar quando ainda estavam lá.

Enquanto a amiga falava, algo chamou sua atenção, demorou alguns segundos para dar continuidade ao diálogo:

— Um momento, tem algo estranho na rua — cerrou os olhos tentando enxergar melhor.

— Não entendi, do que você está falando? Você se esqueceu de deixar comida para o Tutu?

Sem retorno.

— Gabriela? Está me ouvindo? — insistiu, impaciente.

Não recebeu resposta, apenas ouvia a respiração da amiga aumentar de intensidade.

Apertou o fone contra o tímpano para tentar identificar o que ocorria.

Gabriela olhou de forma sorrateira pelas frestas do portão. Aquela movimentação não lhe parecia familiar. Como era muito distraída e se assustava por qualquer motivo, tentou ver se não podia ser um cachorro. Não era. Parecia uma silhueta humana.

— Acho que não foi nada, desculpe a demora, pensei ter visto... uma criança... sei lá. Devo estar com sono. Amanhã vamos acordar cedo, né? Melhor me recolher — tentou convencer-se de que seus olhos a enganavam. Deu de ombros à preocupação a respeito da estranha figura e focou nas falas do outro lado da linha. Gabriela estava surpresa com a amiga estar animada querendo comentar todos os detalhes da festa, mesmo já enrolada em seus lençóis.

Os comentários da amiga não lhe interessavam tanto, mas a mantiveram entretida durante aquele momento. Chegar a sua casa trazia à tona toda a exaustão que seu corpo ignorava.

Entretanto, a misteriosa movimentação que chamara sua atenção lhe assustou de novo.

O vento aumentou, surgia de todos os lados. O ar trouxe um som perturbador. Algo vindo do escuro da rua. Um tipo de riso tímido, como se escapasse entre dentes que não se abriam, mas conseguia demonstrar o tom de excitação. Tremeu de receio com aquele barulho. Arrepiou a pele, como se uma lâmina fria tivesse passado sobre a nuca.

A curiosidade e o medo dividiam o controle de suas ações. A voz tinha aspecto infantil, supôs ser de alguma criança lhe pregando uma peça. Decidiu olhar mais de perto do portão. Considerou que o susto de uma traquinagem não lhe faria mal, desde que matasse sua curiosidade. Focou sua visão, ignorou a voz da amiga em seus ouvidos.

A preocupação aumentou, decidiu encerrar a conversa com medo de ser distraída:

— Amiga, acho que vou desligar, tem algo estranho na rua. — pareceu não concluir a fala.

— O que está acontecendo Gabriela? — indagou preocupada.

— Um momento. — ela interrompeu a colega e se manteve em silêncio com toda a sua atenção na misteriosa figura.

O vento intensificou-se até causar chiados nos fones. A ligação perdeu a qualidade, assim como um rádio sintonizado na frequência errada.

Sua respiração ficou ofegante. O coração bombeou sangue rapidamente, preparava-se para uma situação de emergência, já que, o cérebro sentiu o perigo.

Um silêncio sepulcral tomou o momento.

A amiga aguardava atualizações. Ouviu Gabriela balançar o fone contra a pele enquanto corria em desespero. Ficou em dúvida de como agir, pensou em questionar Gabriela para matar a curiosidade e tentar ajudá-la de alguma forma. Também cogitou desligar e aguardar retorno quando tudo estivesse mais calmo, mas achou egoísta de sua parte.

Decidiu apenas tentar acalmá-la:

— Gabriela, está tudo bem? Fique calma! Me fala o que está acontecendo, eu te ajudo!

Esperou com o coração palpitante, até que a resposta chegou, de forma preocupante:

— Está atrás de mim! — a voz alta ensurdeceu a ouvinte.

O pânico e o medo eram evidentes na fala, não pôde explicar o que sofria, mas compartilhou os angustiantes sentimentos que carregavam.

Ela não conseguia dizer nada, ficou calada, estava impactada. Acompanhou, como uma testemunha cega, o decorrer da situação que Gabriela encarava do outro lado da ligação.

Os sons de passos apressados pelo piso do corredor se alternavam com a respiração apavorada. Aquilo se aproximou de Gabriela.

Ela pôde ouvir no fundo da ligação a risada de uma criança, que, em alguns momentos parecia o grunhido de um animal.

Minimizou a tela da chamada, onde o sorriso de Gabriela era apreciado pela sua foto no status. Encontrou o aplicativo do telefone.

Começou a teclar os números da polícia em busca de ajuda. Por mais que ela considerasse uma atitude desesperada, não sabia como agir.

1, 9, faltava apenas um número... algo interrompeu sua digitação.

Novos sinais de Gabriela, que talvez revelassem algo sobre o fato:

— Amiga... — Gabriela sussurrou. — Ainda está aí? — perguntou, torcia por uma resposta afirmativa.

— Estou! Gabriela o que está acontecendo? Quer que eu chame a polícia? Estou com o telefone no jeito!

Falou em tão alto volume que não foi só Gabriela quem ouviu.

— Ela está por aqui... acho que é a... Não conseguiu terminar a frase. Sua voz foi interrompida pela risada

maligna que agora estava tão próxima, que dava para ser ouvida com nitidez.

Ambas gritaram de susto, cada uma de um lado da linha.

Ela tampou a boca com a mão, conteve seu pânico e tentou ouvir o que ocorria com Gabriela.

Não conseguiu distinguir o que acontecia, eram muitos barulhos diferentes. Ruídos, zumbidos e estalos eram ouvidos junto aos gritos de Gabriela. A risada ficava mais forte.

Por um momento, achou ter escutado Gabriela rir. Não se conteve:

— Gabriela! — gritava tentando obter respostas. — O que está acontecendo? Precisa de ajuda?

O chiado parou. A risada parou. A voz de Gabriela cessou.

Silêncio total.

Ela temia ter sido a única testemunha de um crime que acabara de ocorrer. Acompanhou o silêncio perturbador daquele longo momento, enquanto cerrava os dentes, apreensiva.

Uma risada veio pelo fone, estava distante. Pouco a pouco foi se tornando mais clara.

Ela identificou que a voz não era do mesmo tom que o da “coisa” que perseguia Gabriela. Tinha um aspecto mais perturbador e insano, nunca ouvira aquele tipo de riso agonizante antes.

Porém, tinha uma certeza: aquela era a voz de Gabriela. Isso a deixou mais preocupada.

— Ela está aqui. — Gabriela disse enquanto gargalhava escandalosamente, como se estivesse se divertindo.

Estava chocada e não conseguia responder à amiga.

— Socorro! — Gabriela parecia debochar da outra ouvinte, visto que, falava coisas preocupantes enquanto ria enlouquecida. Não soube como reagir às risadas.

As gargalhadas de Gabriela pareciam trazer a felicidade de uma pegadinha bem feita e imersiva, logo foi possível concluir que se tratava de um riso atormentado e compulsivo, carregado de dor e desespero... e

a ligação caiu.

“Escrevendo...”

O status da conversa denunciou que Gabriela tentava se expressar de outra forma com a amiga... mas logo parou. Agora uma nova ligação. Ela cerrou os olhos marejados de lágrimas contra a tela do celular. Ainda estava sem reação, pois não compreendia o que se passava.

— Ai meu Deus, ela tá aqui ainda!

— Gabi, o que está acontecendo?

— Ela está aqui!

— Gabi... é alguma pegadinha? Porque você está rindo?

— Eu não estou rindo, é ela... Você também está ouvindo?... Ai meu Deus... Ai meu Deus... ela tá na minha cabeça! Socorro! Ela está vindo me pegar!

— Ele quem Gabi? Do que você está falando?

— A CUCA!

— Vou chamar a polícia.

— Me ajud...

— Eu não estou te entendendo... Gabi?

...

— Vou ligar para a polícia agora! Aguenta aí Gabi!

...

— Gabi?!

...

— Quer que eu chame uma ambulância? Você ainda está aí?...

Gabriela?... Porque parou de rir?

...

— Gabi está tudo bem? Gabi!!! — O grito ecoou sozinho na linha, sem nenhum sinal de resposta do outro lado... A ligação ficou muda. Apesar do status da conversa acusar que a

outra pessoa ainda estava on-line, não havia mais sons do outro lado da linha que acusassem a presença de Gabriela.

Todos os barulhos cessaram, restou apenas o silêncio mórbido.

Instantes depois, ela ligou para a polícia buscando ajuda:

— Polícia, boa noite. Em que podemos ajudar?

— Alô, minha amiga foi atacada por alguém na casa dela — pausou devido aos soluços de choro que atropelavam suas palavras. — Ela foi atacada e está louca. Eu não sei o que está acontecendo, ela não me responde mais...

— Perdão senhora, não entendi.

Respirou fundo e conseguiu puxar uma boa quantidade de ar para conseguir ser o mais coerente possível.

— Minha amiga foi atacada por alguém quando chegava em casa, agora não tenho mais notícias. Estou com medo dela estar em perigo!

Tornou a chorar de forma descontrolada por não saber o destino de Gabriela.

A policial decidiu obter dados para encaminhar ajuda:

— Vamos enviar uma viatura, qual o endereço da ocorrência?

— Ela estava rindo que nem louca, estou com medo dela ter...

— Qual o endereço dela? — a telefonista a interrompeu.

— Foi ele quem fez isso... — esvaiu-se em lágrimas mais uma vez.

A cada tomada de ar, sua voz saía com mais dificuldade, e, contra vontade, emitia algo diferente do que gostaria de expressar. Começou um riso tímido que se tornou uma gargalhada histérica, sobrepondo a choradeira.

A atendente não soube como agir diante daquela situação, apenas ouviu a insanidade que assolou a moça.

Ela não conseguiu mais falar, seus olhos agonizavam como se fosse sufocada por mãos pesadas sobre o pescoço.

Só conseguia rir. Era de dar calafrios.

Riu até não poder mais respirar.

Instantes depois, a ligação ficou muda.



APRESENTAMOS O CONTO

UMA FLOR PARA FLORISBELA

POR ROBERTO SCHIMA

Sinopse: Dois irmãos na vida e no crime chegam a uma cidadezinha e ouvem falar sobre uma velha que moraria em um casarão abandonado onde guardaria uma fortuna. Resolvem, então, assaltá-la e para lá se dirigem. Todavia, a medida em que penetram na propriedade, vão sentindo que riqueza alguma irá compensar aquilo que os aguarda.

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participa de várias antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br. Instagram: [@robertoschima](https://www.instagram.com/robertoschima).

Se fosse uma cidade maior, provavelmente Zinho e Zelão jamais teriam tomado conhecimento do caso. Porém, Entortada era um lugarejo perdido no mapa com pouco mais de sete mil almas. A maioria das pessoas vivia na zona rural e tagarelava de tudo um pouco. E, de todos os assuntos, mexericar sobre a vida alheia era do que mais gostavam. Embora ninguém a visse fazia décadas, o nome de Florisbela era citado com frequência. Era mencionado num tom de mistério, admiração, inveja, descaso e, até, temor.

Zinho e Zelão eram irmãos na vida e no crime. Resolveram tentar a sorte no interior até desembocarem em Entortada, onde pararam para bater um rango.

— É o que tô dizendo — contava a balconista na lanchonete —, ela é tão podre de rica quanto é idosa, mas mora sozinha num casarão caindo aos pedaços.

— Você disse "rica"?

— *Podre* de rica — corrigiu ela. — Ela era a única filha do dono. Gaudêncio, acho que era esse o nome. Depois que ele morreu, ela perdeu o juízo. Não tinha jeito para negócios e pôs tudo a perder. Ainda assim, parece que guardou uma fortuna em algum lugar.

Enquanto mastigava seu sanduiche de atum, Zelão procurou soar casual:

— Onde?

— Quem sabe? Dentro do colchão, num cofre, enterrado em botijas em torno do casarão. Só Deus sabe. Agora é só uma bruxa velha e misteriosa que ninguém quer saber.

"Ninguém, exceto nós", pensou Zelão, "Velha. Sozinha. Podre de rica, hein?"

— E onde fica esse lugar esquecido de Deus, benzinho?

Quase completamente oculto pelas árvores, lá estava o casarão. Mesmo a distância, via-se que perdera boa parte do reboco, o mato crescera ao redor e até sobre o telhado e a veneziana pendurava-se para fora da janela da água-furtada.

— Está tudo podre! — resmungou Zinho. — Impossível morar alguém.

— Verdade, Zinho. Mas nunca vimos uma tão grande assim.

Pularam facilmente uma cerca de arame farpado sem necessitar de alicate. Maior dificuldade encontraram em atravessar o terreno até a casa. O calor fazia-os suar feito um par de leitões no espeto. Estar diante do casarão não melhorou em nada as primeiras impressões. O estado geral de penúria era flagrante.

Subiram até a varanda coberta de folhas secas. Cantos enfeitados de teias de aranha e casulos de vespa abandonados.

Foi quando Zinho percebeu.

— Ei, escute!

— Escutar o quê? Não estou ouvindo nada.

— Isso mesmo. Os barulhos de pássaros, as cigarras... Ficaram quietos.

— E daí? Espantaram-se com a gente. Vamos!

Zinho não ficou satisfeito com a resposta, porém, não questionou. Sentiu como se, ao pisarem na casa, tivesse soado um *clic* que, de repente, fizesse cessar todo o som exterior. Era como se tivessem atravessado uma bolha.

Para surpresa de ambos, a porta estava destrancada. Não tão surpresa foi o rangido que as dobradiças fizeram ao ser aberta.

— Droga! — resmungou Zelão, pondo-se a escutar.

Nada. Nenhum movimento. Tudo encontrava-se imerso num silêncio sepulcral e inquietante penumbra. Através de inúmeros orifícios, a luminosidade vespertina penetrava em feixes angulosos. O interior da casa refletia igualmente o estado de degradação pincelado do lado de fora: paredes descascadas, madeira corroída, a poeira acumulada numa fina camada de veludo. Tudo cheirava a mofo, ferrugem, decrepitude e tempo.

Zelão leu decepção na fisionomia de Zinho. Ele também ficou desapontado, principalmente ao observar o assoalho coberto de poeira: não havia nenhuma pegada. Ninguém caminhava por ali fazia muito tempo.

Deram os primeiros passos no que um dia fora uma sala ampla e suntuosa. Então, sentiram uma queda significativa na temperatura, o que, a princípio, foi bem-vinda. Entrementes, havia algo mais na atmosfera enclausurada. Era um odor familiar, porém, bastante acentuado. Ambos levaram suas mãos aos respectivos narizes ao mesmo tempo.

— Cacete! — falou o irmão caçula entre os dedos.

Urina. Excrementos. Carne em putrefação.

Era um misto de fedor de banheiro público e carniça.

Zinho colocou para fora a pasta pegajosa e esverdeada na qual se transformara o seu x-salada. O líquido fétido derramou-se sobre o assoalho apodrecido. Tossiu repetidas vezes.

Zelão lançou-lhe um olhar furioso.

— Quietos!

Mas era tarde demais. Se realmente havia alguém naquele casa além deles, não tinha como não ter percebido a presença dos dois, a menos que fosse surdo.

— Vamos embora daqui — pediu o caçula. — Não tem ninguém.

Era tarde demais para retroceder e Zelão não iria desistir agora. Dirigiu-se até um quadro enorme do outro lado da sala. Apesar do bolor e da poeira, percebia-se na tela a figura de um homem de meia idade, postura altiva, um grande chapéu, longas costeletas e um bigode espesso. Devia ser o tal de Gaudêncio, pai da Florisbela, concluiu o ladrão.

Examinou atrás do quadro. Nada de cofre. Tampouco havia algo semelhante nos quadros menores, além de suas pinturas de natureza tão morta quanto àquele lugar.

Nada de interessante nas gavetas de um antigo armário.

— Vamos embora — insistiu Zinho.

Zelão estava quase concordando. Aquilo tudo era loucura, uma perda de tempo. Quem em sã consciência viveria naquele buraco além de baratas? Todavia, por baixo dessa questão, outra pergunta mais insidiosa infiltrou-se em seu cérebro.

"Se não tem ninguém aqui dentro, de onde vem essa fedentina?"

Aparentava originar-se lá de cima. E não eram dejetos de animais.

Foi nesse exato momento que ambos ouviram algo. O calafrio tomou conta de seus corpos e as armas nas mãos não transmitiram segurança.

Um ruído baixo e persistente chamou a atenção dos bandidos. Era como se algo estivesse sendo raspado ou roído. Vinha do andar superior, deslizando pelos degraus como uma carícia indesejada. Penumbras convertiam-se em sombras; sombras, em trevas. E trevas provocavam sentimentos obscuros.

Foram até o pé da escada, deixando suas pegadas no piso de madeira.

Um mal pressentimento continuava a acompanhar Zinho.

— Vamos embora — suplicou. — Um cara falou que a velha fez um trato com o capeta.

— Quer calar a boca! — repreendeu o outro, mais alto do que pretendia e acertando o cotovelo nas costelas do irmão. — Deve ser algum bicho.

— Então, pra quê ir até lá?

— Vou tirar as dúvidas de uma vez por todas.

Puseram-se a ouvir.

A casa permanecia em silêncio, exceto por aquele ruído. Um rato, talvez.

Zelão queria crer nisso, tinha de acreditar nisso.

"Mas, e o cheiro?", insistia um cantinho muito maldoso em seu cérebro.

Segurou firme a coronha de seu revólver.

Ao colocarem os pés nos primeiros degraus que davam acesso ao piso superior, aquilo aconteceu novamente, mais forte. E, dessa vez, não somente o ladrão mais franzino reparou, mas o irmão mais velho também. Uma espécie de *clic*, como se tivessem ultrapassado outra fronteira. O ar tornou-se mais denso e gelado; o fedor, mais intenso. Uma estranha letargia tomou conta de seus corpos e mentes. Zelão ergueu uma das pernas e tentou descer. Não conseguiu. A perna movimentou-se um degrau acima!

— NÃO!

— O-o-o quê tá acontecendo, mano?

— Não sei. Tente voltar para a sala!

— Nã-não consigo, Zelão!... Bruxa! A bruxa!

Só podia ser algum tipo de feitiço. Teimosamente, suas pernas moviam-se degrau a degrau. O fedor tornava o ar irrespirável. Zelão vomitou sua gosma de atum. Quase escorregou na meleca formada e indagou-se se isso conseguiria fazê-lo descer. Foi apenas uma pergunta retórica, claro, pois prosseguiu sua jornada para o desconhecido.

Uma força maior do que vontade deles impeliu-os inexoravelmente para o que quer que houvesse lá no alto. E o ruído persistia, cada vez mais e mais alto. Raspando. Roendo.

Alcançaram um corredor e, tal qual marionetes, cambalearam sua extensão até o que seria o quarto principal. E depararam-se com o horror.

— Meu Deus! — gemeu Zelão.

Se o inferno tinha um saguão, era nele que Zinho e Zelão tinham acabado de entrar.

Sombras e penumbras predominavam. Pedacos de corpos em putrefação jaziam por todo o aposento. Alguns estavam inchados; outros, desmanchavam-se. Tudo estava em ruínas exceto por um espelho que ocupava meia parede. A atmosfera era quase irrespirável tamanho o fedor. Crânios partidos enfileiravam-se sobre um móvel corroído, alguns ainda com restos de cabelo ou pele ressequida. Um líquido gosmento escorria da cabeça mais fresca, e, na poça formada, um olho opaco encarava-os. Nuvens de moscas enxameavam por toda parte. Vísceras e excrementos amontoavam-se num canto, cobertos por ratos e larvas em tamanha quantidade que era como se aquela massa de carne pestilenta ainda manifestasse vida, por mais bizarra e horripilante que fosse.

Os homens sufocavam diante do mal cheiro e quase enlouqueciam por aquela visão. Não tinham mais nada para esvaziar de seus estômagos. Seus queixos batiam e a respiração condensava-se em névoa. Não existia fortuna o suficiente que compensasse

aquilo. Queriam sumir daquele cenário apavorante, todavia, suas pernas não obedeciam à vontade.

E, como ápice do horror ali estava ela do outro lado do quarto: a mulher... a coisa.

Florisbela.

Esse nome fora escolhido por Gaudêncio ao vê-la recém-nascida envolta em linho. Entre todas as flores era a mais bela. Contudo, se da outra vida o falecido pudesse vislumbrá-la agora, teria um choque e morreria de pavor.

Dizer que era uma velha maltrapilha e desgrenhada não fazia justiça ao horror de sua figura. A pele extremamente enrugada, de tão pálida, era cinzenta. Os andrajos que vestia mal conseguiam cobrir um corpo devastado, coberto de pústulas. Sob a coroa de cabelos grisalhos, um par de olhos pequeninos, translúcidos e famintos voltou-se para os intrusos. Porém, não deixou de fazer o que vinha fazendo. Com os dentes que lhe restavam, ela mordiscava um pedaço de fêmur, enquanto um fio de baba escorria-lhe pelo queixo. Daí partia o ruído que os irmãos tinham escutado. Ela roía, roía e roía avidamente. Em seguida, tentou chupar um resto de tutano apodrecido. Quando se deu por satisfeita, atirou o pedaço de osso para uma pilha ao lado da cama. Numa surpresa fingida, fitou os dois homens paralisados junto à porta.

— Oh, quem sois vós, jovens garbosos a penetrar no recatado reduto de uma donzela? Dois novos pretendentes sedutores, decerto. Viestes admirar a minha cintilante beleza e o esplendor de minha juventude.

Aquilo que um dia fora uma mulher aproximou-se.

Donzela?

Cintilante beleza?

Esplendor da juventude?

Mas ela sabia sobre o que falava. Ergueu um braço esquelético e apontou para a sua frente, em direção ao espelho.

Zinho e Zelão acompanharam aquela mão asquerosa e lá, no espelho, eles viram.

Na parede oposta, estava o espelho a ocupar metade da parede. De sua moldura de madeira e bronze, viam-se ornamentos na forma de pequenas e diabólicas criaturas que dançavam por todo o perímetro do espelho. Porém, era lá, no interior do espelho que os olhares dos dois malfeitores se perderam. Ficaram boquiabertos, incrédulos, quase admirados. Um outro mundo refletia-se daquele lado, um outro tempo, uma outra realidade. Não havia o fétido e arruinado quarto dos horrores, mas um aposento bem

conservado, limpo, mobiliado, como deveria ter sido um século atrás. E lá estava ela, Florisbela, jovem, bela, sedutora, trajando uma fina camisola de algodão que só servia para realçar seus contornos mais proeminentes. Insinuava as delícias ocultas por trás daquela tênue cortina. O rosto de beleza clássica exibia um sorriso faceiro.

— Sim — balbuciou a velha estropiada em seu delírio —, eu sou linda, não sou?

Uma noite, quando percebera as primeiras rugas, em seu desespero, Florisbela fizera um pacto com as forças ocultas. Rogara pela beleza eterna a qualquer custo. Então, ouvira uma voz do outro lado do espelho. Esta dissera-lhe que isso lhe seria concedido, todavia, o preço seria jamais sair da frente de seu reflexo e sempre fornecer-lhe alimento...

— A-ali-alimento? — gaguejou Zinho, sentindo escorrer pelas pernas o conteúdo de seu intestino.

— Exato, meu garboso jovem, alimento... em almas. Mas como eu não poderia sair daqui, teria igualmente de me alimentar... de uma outra forma. Assim, meus amores, vós viestes vieram para cumprir uma dupla finalidade.

Dizendo isso, Florisbela apanhou um machado atrás da penteadeira.

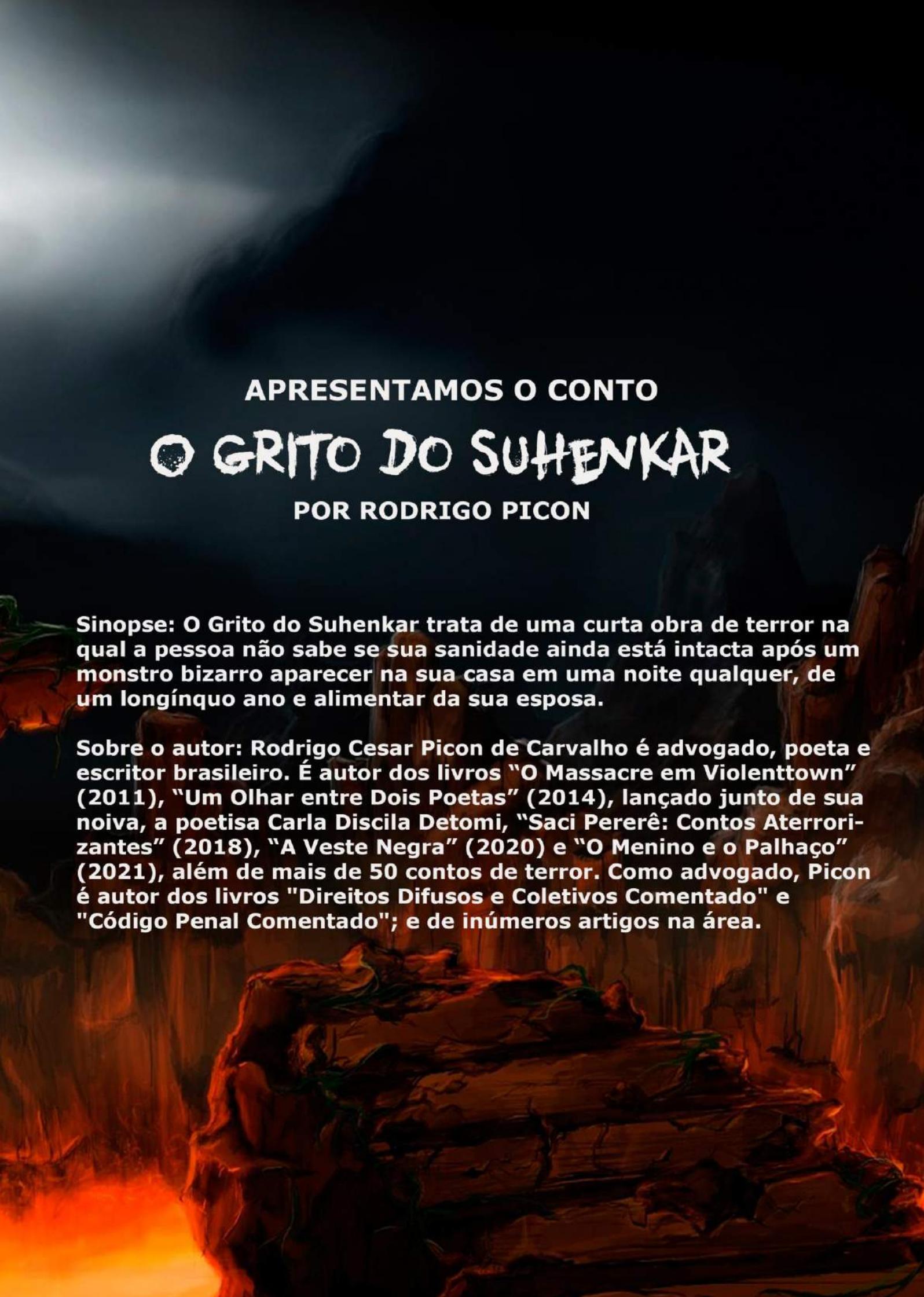
Os homens imploraram por suas vidas. Estavam paralisados. Suas armas eram inúteis em suas mãos. Sequer o alívio do último grito de desespero foi concedido aos dois quando o machado desceu na cabeça de cada um, rachando-as feito um coco e fazendo espirrar a massa mole e esbranquiçada de seus cérebros.

Após a velha acrescentar as cabeças ao lado das outras, enquanto desmembrava os corpos, do interior do espelho ouviu a voz cavernosa:

— *Bon appétit, mon cher...*

— *Merci, mon amour* — respondeu o reflexo da linda mocinha, apanhando a rosa vermelha que a garra lhe oferecia.





APRESENTAMOS O CONTO

○ GRITO DO SUHENKAR

POR RODRIGO PICON

Sinopse: O Grito do Suhenkar trata de uma curta obra de terror na qual a pessoa não sabe se sua sanidade ainda está intacta após um monstro bizarro aparecer na sua casa em uma noite qualquer, de um longínquo ano e alimentar da sua esposa.

Sobre o autor: Rodrigo Cesar Picon de Carvalho é advogado, poeta e escritor brasileiro. É autor dos livros "O Massacre em Violenttown" (2011), "Um Olhar entre Dois Poetas" (2014), lançado junto de sua noiva, a poetisa Carla Discila Detomi, "Saci Pererê: Contos Aterrorizantes" (2018), "A Veste Negra" (2020) e "O Menino e o Palhaço" (2021), além de mais de 50 contos de terror. Como advogado, Picon é autor dos livros "Direitos Difusos e Coletivos Comentado" e "Código Penal Comentado"; e de inúmeros artigos na área.

Jamais esquecerei aquela noite. Muitos acreditam que eu esteja louco. Talvez realmente eu estava. Talvez realmente aquela “coisa” afetou minha sanidade. Mas eu tenho certeza, absoluta certeza, que aquela “coisa” existe.

E foi ela a causadora dos meus infortúnios. Ela me causou esse estágio de penúria a qual vivo desde então. Vivo solitário, recluso no meu próprio canto, encoberto pela escuridão da noite e com os ouvidos selados. Faz tantos anos que nada escuto que minha sensação é que, mesmo com o ouvido descoberto, nada escutaria. Essa é a vida desde aquela fatídica noite.

E como você reagiria se visse sua mulher morrer na sua frente, sem você fazer nada?

Era idos de 19 — e não importa. Não me recordo quando foi, há quantos anos foi e nem mesmo em que ano estamos. Dormia todas as noites com minha mulher dividindo o mesmo tempo e o mesmo canto. Em uma daquelas noites, eu estava irrequieto, meus músculos tremiam involuntariamente e eu despertava constantemente.

Em dado momento, era pouco mais de três horas da manhã e minha esposa dormia calmamente ao meu lado. Ao contrário dela, eu estava demasiadamente agitado e virava constantemente na cama. Levantei-me e pus a tomar um copo de água com açúcar na cozinha.

Saí do interior do meu quarto e caminhei completamente silente até a cozinha. Retirei um pouco de açúcar, despejei no copo, enchi-o de água e tomei, sorvendo seu conteúdo de uma só vez. Senti a mistura de água com açúcar cair no estômago e deixá-lo pesado, irritado. Rezei para aquilo não me causar mais um problema para dormir.

Evitando levantar novamente, aproveitei que me encontrava na cozinha e levei um copo cheio de água para o meu quarto. Caminhei a passos largos e adentrei no meu quarto. Naquele instante, na porta do meu quarto, estremei.

Cada parte do meu corpo acordou e cada fio do meu cabelo levantou. Saindo do espelho frontal à cama, estava “aquilo”. Chamo de “aquilo” porque não há como definir sexo. Era um ser incorpóreo diminuto, com cabeça de lagarto, asas em formato de babado saindo da nuca e ocupando as laterais da cabeça e igualmente diminutos braços reptilianos acoplados ao rosto. Fitava minha esposa, com um sorriso débil nos lábios e soltando pequenos grunhidos indecifráveis.

Ao fitá-lo, paralisei-me a tal ponto que deixei o copo de água escorregar da minha mão e ir de encontro ao chão.

Minha esposa levantou em um único salto ao ouvir o som do espatifar do vidro no chão. Olhou assustada para a porta do meu quarto e me fitou completamente paralisado olhando o espelho do quarto, à sua frente. Virou a cabeça e sobressaltou ao enxergar “aquilo”, encolhendo-se na cabeça e se protegendo com os joelhos.

O monstro, então, abriu sua pequena boca e emitiu um grito estridente. O grito parecia vindo de uma pessoa desesperada que tinha suas entranhas brutalmente rasgadas. Tampei o ouvido, mas parecia inútil. O som adentrava em meu corpo e parecia que iria congelar meu coração. O vidro do espelho espatifou em mil pedaços.

Senti meu corpo paralisar de tal forma que minha perna cedeu. Caí de joelhos no chão, com a mão no peito, rezando para sentir meu coração novamente bombear sangue e meus pulmões filtrarem o ar. Percebi, de relance, minha esposa levantando da cama. Deu alguns passos rápidos para distanciar do imóvel e passou frontalmente ao espelho quebrado — que não havia mais o ser. Pisou descalça em alguns vidros e continuou a caminhar por eles, como se nada tivesse acontecido. Caminhava com velocidade. De repente, correu.

Saiu em disparada em direção à cozinha. Atravessou o pequeno corredor, pisou nos cacos de vidro do copo e foi até a porta dos fundos da casa. Ali, parou, ao chocar-se com a porta.

Tão logo percebi minha esposa correndo, passei a correr atrás. Vi-a se jogando com força na parede ao lado da porta dos fundos. Jogava o próprio corpo com extrema violência, voltava ao solo, pisava e se jogava novamente.

Ao me aproximar dela, segurei-a. Ela virou o rosto contra mim e me fitou. No fundo do seu olhar, eu vi o medo. Estremeci todas as pontas do meu corpo e afrouxei meus músculos. Ela me empurrou na parede com violência e correu para o interior da casa. Passou a arremessar tudo o que via no chão ou nas paredes.

Eu fiquei no chão. A dor nas costas era demasiadamente pungente e me impedia de mexê-las. Apenas acompanhava o desenrolar dos fatos pelo som. Durante três minutos, minha esposa ficou incontrolável. Depois, a escutei soltar um frágil som de dor seguido de um estrondo. Criei forças e me ergui. Corri em direção ao quarto. Vi-a caída de bruços no chão. Levantei sua cabeça e mexi seus pulsos. Naquele instante, eu sabia que o monstro havia se alimentado da alma da minha mulher.



APRESENTAMOS O CONTO

A PRAÇA

POR ROZZ MESSIAS

Sinopse: Rute presencia acontecimentos macabros no Centro da cidade de Curitiba. Perseguições, assassinatos, corpos arrastados pelo asfalto... e um homem estranho com olhos vermelhos e pele de réptil.

Sobre a autora: É contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, de "Papai, Tem Monstro?", "Um galo lá em casa", "Contos de suspense e de morte", "Lamentos Noc-tívagos" e "Poetizando". Premiada três vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, participa de inúmeras antologias nacionais e internacionais de contos e poesia. Organizou a trilogia "Lendas pelo mundo", "Idílico Concílio", "Poemas e contos extraordinários" e "Gratidão".

Rute atravessou a Rua 13 de maio, descendo em disparada até a Praça Santos Andrade, onde a Universidade Federal erguia-se majestosa. O silêncio reinava no local, nenhum mendigo se abrigava ali. As luminárias criavam sombras estranhas na calçada de petit pavé fazendo com que o coração da garota batesse ainda mais rápido. O suor escorria por seu belo rosto, seus pés doíam.

Ela parou próximo ao chafariz, escondendo-se por trás da grande escultura. Apoiou as mãos nos joelhos, abaixando-se um pouco, tentando lembrar porque estava ali e de quem fugia. Não houve tempo para encontrar uma resposta. Passos ecoaram pela rua deserta, coturnos com certeza e... armas sendo engatilhadas.

Rute correu, passou em frente da agência dos Correios e do Shopping Itália, ouvindo passos que vinham em sua direção.

O desespero tomou conta dela, o medo congelando tudo. Rute ouviu gritos e tiros, correu em direção à porta de vidro de entrada do shopping, mas estava fechada. Óbvio, era madrugada, ela não sabia o que fazia na rua naquele horário, porque esses homens estranhos, vestindo roupa preta, perseguiram pessoas pelas ruas. Ficou escondida atrás de um dos pilares de entrada sendo possível observar um dos homens arrastando o corpo de um garoto pelo asfalto, deixando rastros de sangue e pedaços de pele e carne por onde passavam. Logo uma van escura parou em frente à escadaria, um homem mais alto do que os outros desceu e abriu a porta. Depois acendeu um cigarro e olhou tudo à sua volta, como se pudesse sentir a presença de Rute ali, escondida, as mãos trêmulas, a respiração acelerada. Mais homens surgiram trazendo outros corpos que foram jogados de qualquer maneira dentro da van.

As luzes piscaram uma, duas vezes e permaneceram apagadas. Rute sentiu uma mão segurá-la pelo braço, enquanto outra fechava sua boca, fazendo morrer o grito que surgiu. Ela não conseguia respirar, podia sentir o corpo do homem encostado nas costas dela, a arma na cintura dele. Rute foi arrastada para dentro do shopping, ela manteve os olhos fechados enquanto era puxada e colocada na escada rolante. Quando tomou coragem para abri-los percebeu que ali só havia escuridão, nenhuma luz, ninguém além dela e do homem estranho. O coração dela não estava mais no lugar, parecia subir pela garganta. Queria lutar por sua vida, mas não tinha forças, estava paralisada, as lágrimas desciam devagar, enquanto lembrava dos planos que tinha para o futuro. Formar-se na faculdade, ficar noiva, ser contratada na empresa onde fazia estágio. Tentou gritar, mas a grande mão enluvada ainda estava ali, fechando sua boca, encerrando seus sonhos.

O homem parou, chutando uma porta três vezes. Alguns segundos se passaram e a porta foi aberta por uma jovem com uma arma nas mãos. O homem empurrou Rute para dentro e fechou a porta com os pés. Ela se desequilibrou quando ele a soltou para trancar a porta, sendo amparada pela garota, que não usava preto como todos lá fora, mas vestia uma calça jeans e uma camiseta com o desenho de um personagem que Rute não soube identificar. A luz era fraca ali, apenas uma penumbra.

Rute não quis olhar para trás, mas pôde sentir que o homem retirava a roupa de couro preta e a jogava sobre um balcão. Eles pareciam estar em uma loja dentro do shopping. A garota continuou apontando a arma para Rute, até que o homem a segurou novamente pelo braço e seguiu com ela para o fundo do local. Ninguém disse nada. Eles entraram em um provador e uma parede falsa foi aberta, dando passagem para outro lugar, uma espécie de túnel, com um cheiro de esgoto.

Caminharam por um longo tempo, até as forças de Rute acabarem e ela desfalecer, sendo engolida pela escuridão. Quando acordou estava sendo carregada pelo mesmo homem, ela sabia que era o mesmo pelo cheiro que ele emanava, Rute abriu os olhos e deparou-se com olhos avermelhados a observá-la, a pele dele era estranha, como a pele de um réptil, como se tivesse passado pelo fogo e se queimado. Mas o corpo dele parecia humano, as mãos eram geladas e a seguravam com força, como se tivesse medo de que ela escapasse.

Mas como escapar? Ela não fazia ideia de onde estava e quando menos esperava foi jogada no que parecia um lago. A água gelada a envolveu, gerando arrepios, congelando tudo. Ela se desesperou, começou a debater-se, engoliu água, sentiu o pulmão queimar de dor enquanto uma grande camada de gelo a prendia ali, no fundo do lago congelado. A consciência dela foi sumindo, sumindo....

Rute ouviu os próprios gritos ecoando pelo apartamento, ela se debatia, como se estivesse nadando, tentando empurrar algo que estava acima de sua cabeça. Estava suada, o cabelo grudando, sentada em sua própria cama. Levantou e foi até a cozinha, pegou um copo de água e parou próxima à janela, observando o movimento lá embaixo na Praça. Ela podia jurar que as luminárias das ruas piscaram duas vezes antes de tudo virar breu.



APRESENTAMOS O CONTO

A HORRIPILANTE VIAGEM ASTRAL

POR SANDRA MITSUE

Sinopse: Depois de meses de treinamento, ele conseguiu sair para a sua primeira viagem astral. Seu espírito deixou o corpo e flutuou, movendo-se como se estivesse em câmera lenta. A vontade de sair para explorar era quase irresistível. De forma hesitante, aproximou-se da porta de correr que dava para a sacada e foi recebido pelo barulho da vida noturna que acontecia a quinze andares abaixo dele. Em pouco tempo flutuava pelos céus. Contudo, não demorou e foi "sequestrado" por espíritos obsessores. Eram caricaturas horríveis de seres humanos que transbordavam maldade por cada um de seus poros. Mãos imundas o tocavam de todos os lados, drenando-o energeticamente. O cordão de prata que deveria puxá-lo de volta ao seu corpo físico falhou e o mais puro terror o dominou ao ver que continuava sem conseguir voltar.

Sobre a autora: Sandra Mitsue é bióloga, mestre em ciências ambientais e escritora. Mora em Volta Redonda/RJ e é apaixonada por literatura desde a adolescência. Seus gêneros literários favoritos são: terror, suspense e ficção científica. É autora dos contos: "O Beco dos Aflitos", publicado na Amazon e "Pandemia", publicado na antologia "Os Passageiros do Trem das Três". Publica contos autorais e resenhas de contos de autores consagrados em sua página no facebook.

Depois de meses e meses de treinamento, a tão esperada onda de energia vibracional chegou de mansinho, atravessando o seu corpo. Pequenas descargas elétricas o percorria, de forma indolor, dos pés a cabeça e vice-versa.

Aos poucos foi tomado pela sensação de leveza. Oscilante, balançando como um pêndulo de um relógio, seu espírito deixou o corpo e flutuou, movendo-se como se estivesse em câmera lenta. Do alto, voltou os olhos para a cama e lá estava o seu corpo físico, vazio e em sono profundo.

Pela primeira vez, experimentava a tão ansiada projeção astral. A vontade de sair para explorar era quase irresistível, porém, não ousava se afastar muito. O medo de não conseguir mais voltar o corroía. Debateu a ideia em seu íntimo e por fim a curiosidade levou a melhor. Aos poucos foi se afastando. Ganhou o corredor, e flutuando viu de uma perspectiva diferente a decoração da pequena sala do seu apartamento. Era tudo muito surreal. Aproximou-se da porta de correr que dava para a sacada, hesitou um mínimo, antes de atravessá-la e ser recebido pelo barulho da vida noturna que acontecia a quinze andares abaixo dele. Mesmo temeroso, se adiantou o suficiente para enxergar os carros e os poucos transeuntes que pareciam pequenas formas se deslocando lá embaixo.

Voltou-se para o céu e julgou ver formas diferentes pouco acima de seu prédio. Pareciam borrões se movimentando em todas as direções. Pestanejou. Achevou-se mais à mureta da sacada, sem desviar os olhos das formas indistintas que definitivamente se moviam no céu sem nuvens.

Seriam projeções astrais? Afinal, ele era a prova viva de que o espírito podia se desprender do corpo e vagar pelo mundo. Até então o seu deslocamento vinha sendo realizado com muita cautela. Resolveu dar um passo adiante. Imaginou a si mesmo planando livremente pelos ares. Excitado, sentiu seu corpo elevando-se um pouco mais. Flutuou acima do nível da mureta, sem sair da sacada. Instável, abriu os braços para melhor se equilibrar. Deu tão certo, que ousou avançar até atingir o limiar da segurança proporcionado pela sacada. Devagarinho, meio hesitante, inclinou o corpo para frente e vendo que a gravidade não o puxava, deu o último impulso que faltava para que a sua viagem astral ficasse completa.

Maravilhado, abriu os braços e jogou a cabeça para trás. Sentindo-se leve como um balão, deu uma gargalhada estrondosa. Todos os problemas cotidianos haviam

permanecido com a sua forma corporal. Era tão inebriante que, por um momento, desejou permanecer neste estado para sempre.

Ansiando por aventuras, imaginou o deslocamento de sua forma pelos ares e não demorou a se distanciar. Subiu mais e mais até pairar acima de seu prédio. As formas indistintas de antes agora estavam em toda parte a sua volta, como vultos escuros bailando de lá para cá. Perguntou-se se o veriam da mesma forma que ele estava vendo-os.

Percebeu que fora notado quando os viu flutuando em sua direção, rodeando-o como um daqueles círculos formados pelos paraquedistas em pleno voo. A princípio o círculo era amplo, porém, aos poucos foi se fechando com ele ainda em seu centro. Incomodado, subiu mais um pouco, procurando sair daquela posição. As formas também se elevaram, fechando mais ainda o círculo. Inúmeras vozes balbuciantes e incômodas chegavam até ele.

Foi pego de surpresa quando houve uma espécie de deslocamento no ar. Percebeu que os seres a sua volta o havia transportado para longe de seu prédio. Ali, a atmosfera era pesada e sombria. O ar parecia mais denso e lúgubre, um vento sinistro e não tão forte substituíra a suave brisa que soprava antes. Tentou voltar. Mentalizou o retorno como havia lido incansavelmente no velho livro que estudara. Estava nítido em sua mente. O cordão de prata deveria puxá-lo de volta ao seu corpo físico. Contudo, ainda permanecia ali. O pânico instalou-se.

Os murmúrios roucos e embaralhados estavam mais altos e chamavam a sua atenção para as presenças funestas que o rodeava. Algumas quase o tocavam. Os vultos estavam mais visíveis agora e a visão não era agradável. Não eram pessoas normais como ele e sim seres horríveis e deformados, que exalavam maldade.

Flutuava a esmo, tentando, em vão, encontrar uma brecha para sair. Contudo, estava aprisionado naquele pesadelo. A felicidade do início há muito havia cedido lugar ao desalento e a angústia.

Estava desequilibrado, sem conseguir livrar-se, quando sentiu um toque grosseiro em seu braço. Virando-se, deu de cara com algo que lembrava vagamente uma idosa, a julgar pelo porte mais afeminado, os cabelos branquíssimos e desgrenhados. O rosto era coberto por rugas tão profundas que mais parecia uma máscara a lhe tapar a face. As vestes sujas e esfarrapadas esvoaçavam ao vento. Ao ver-se observada, seu semblante se retorceu em uma careta maligna.

A presença era mórbida e o seu toque, extremamente invasivo e grosseiro, parecia sugar um pouco de sua energia vital.

Nenhum dos outros vultos parecia melhor do que a velha. Eram caricaturas horríveis de seres humanos e todos, sem exceção, transbordavam maldade em cada um de seus poros. Estava certo de que eram os espíritos obsessores que tanto haviam sido citados em seus estudos. E eles haviam-no direcionado e encurralado neste local.

As vozes soaram mais altas e cada vez mais furiosas. Palavrões saíam de suas bocas retorcidas em um esgar de ódio. Mãos imundas o tocavam de todos os lados e a cada um destes toques mais e mais se sentia sendo drenado energeticamente.

Caiu em um torpor não natural do qual não tinha forças para sair. A consciência o abandonava e num último esforço pensou em seu corpo físico. Mentalizou a volta, como havia sido orientado no livro. O mais puro terror o dominou ao ver que continuava sem conseguir voltar. Lembrou-se de ter lido que o mais leve medo faria com que fosse sugado de volta. No entanto, algo estava terrivelmente errado, pois, ele ainda continuava no mesmo lugar, cercado por aquelas presenças pavorosas.

Estava tão enfraquecido que seus pensamentos embaralhavam em sua mente. Forçou-se a enviar um pedido de socorro, na esperança de que os seres de luz, que sabia que também vagavam pelo plano astral, viessem em seu auxílio. Em um estado semiconsciente, se sentiu puxado de volta por uma força de luz que parecia ser uma onda energética do bem, e em contraposição ao mal que parecia o drenar, estas o inundavam com uma força bondosa.

— Filho, você sem querer entrou na frequência deles. Para sair, precisa vibrar luz e bondade em suas direções, isto lhe dará proteção e fará com que vão embora — confuso, ele viu dois espíritos de luz a sua frente, uma mulher e um homem. A voz suave que falava com ele provinha da mulher que o olhava com bondade e amor, enquanto estendia a mão em sua direção, sem tocá-lo.

Aliviado, agarrou-se a sua mão como um náufrago em mar aberto. Imediatamente, uma camada de proteção o envolveu, dando-lhe segurança para se voltar e encarar de forma mais objetiva os espectros ao seu redor. Eram muitos, pareciam dezenas deles e todos horríveis em seu ódio.

— Temos que orar para que eles encontrem o seu caminho de volta — disse a bondosa mulher.

Os três deram-se as mãos e seguindo o exemplo dos dois, ele também orou pedindo acolhimento às criaturas sofredoras, para que fossem amparadas pela luz. Uma vibração de carinho e amor fortíssima o dominou e sem dúvida também atingiu os seres obsessores, que um a um foram sumindo placidamente.

— Graças a Deus! — pensou ele, quando a oração terminou e viu-se de volta nas cercanias do seu prédio. Voltou-se, agradecido, para o casal que ainda o acompanhava:

— Muito obrigado. Vocês me salvaram.

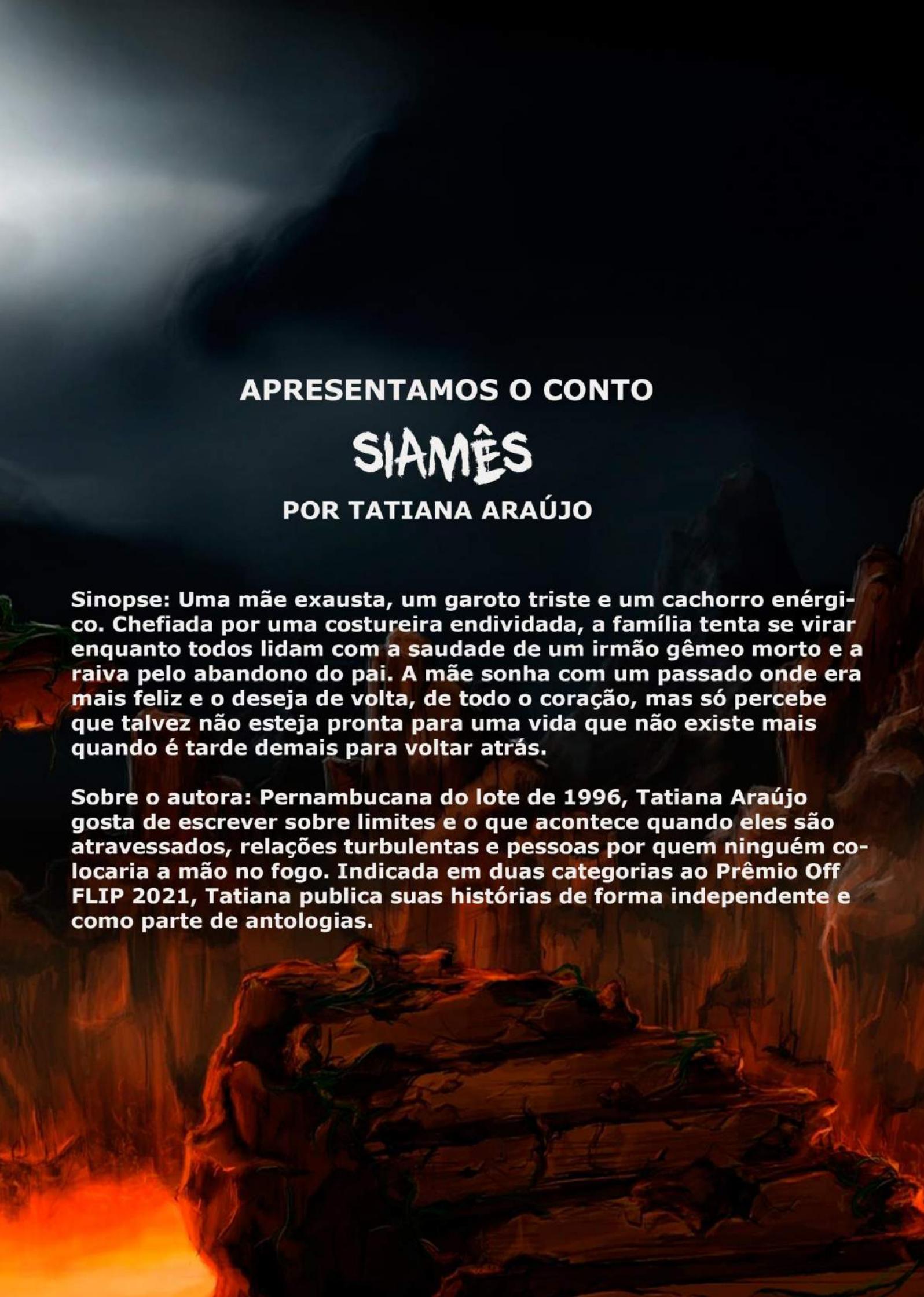
— Não precisa nos agradecer e lembre-se: tem que enviar luz para onde só existe escuridão. Esse é o seu poder! — dito isto, os dois sorriram e se afastaram.

Sem demora, ele flutuou de volta, pela porta da sacada e entrou no santuário de seu lar. Um alívio imenso o dominou. Dirigiu-se ao quarto e observou por segundos o seu eu físico, que alheio a tudo, dormia tranquilo. Com um suspiro satisfeito retornou a sua morada.

Não demorou e a claridade do dia inundou o quarto. Ele acordou, espreguiçou-se na cama e fez uma careta quando sentiu o corpo fraco e dolorido. Levantou-se e se arrastou para o banheiro. Apoiando-se na pia, olhou para o rosto chupado e cheio de olheiras refletido.

— Cara, nem parece que você dormiu a noite toda. Pelo jeito a gripe tá te pegando feio — disse ao espelho.





APRESENTAMOS O CONTO

SIAMÊS

POR TATIANA ARAÚJO

Sinopse: Uma mãe exausta, um garoto triste e um cachorro enérgico. Chefiada por uma costureira endividada, a família tenta se virar enquanto todos lidam com a saudade de um irmão gêmeo morto e a raiva pelo abandono do pai. A mãe sonha com um passado onde era mais feliz e o deseja de volta, de todo o coração, mas só percebe que talvez não esteja pronta para uma vida que não existe mais quando é tarde demais para voltar atrás.

Sobre o autora: Pernambucana do lote de 1996, Tatiana Araújo gosta de escrever sobre limites e o que acontece quando eles são atravessados, relações turbulentas e pessoas por quem ninguém colocaria a mão no fogo. Indicada em duas categorias ao Prêmio Off FLIP 2021, Tatiana publica suas histórias de forma independente e como parte de antologias.

Os dias de sol eram poucos. Eu conseguia ver vantagens e desvantagens em trabalhar da forma que eu trabalhava. Os mais otimistas gostavam de dizer que eu era minha própria chefe, uma verdadeira empreendedora. Se eu tivesse um pouco mais de ânimo, talvez me sentisse assim, mas com as contas que se acumulavam e uma criança pedindo cada vez mais coisas caras que os colegas tinham na escola e me fazendo gastar mais do que eu tinha, era difícil me ver como uma empresária. Empresários não contavam moedas na mesa para pagar por uma sacola de pão, contavam?

Prendi os pedaços de tecido que alinhava com um alfinete. Depois de tantos anos costurando, meus dedos já não eram mais tão sensíveis, mas o fim do dia sempre trazia um desconforto extra. O relógio declarava que faltava apenas mais meia hora de trabalho. Eu começara a estabelecer alguns horários para trabalhar desde o divórcio, pois era isso ou nunca ter tempo para o meu filho. Giovani crescia numa velocidade recorde. Começava a entender, aos poucos, que o pai não voltaria mais para casa e que as razões que lhe dava para isso pelo telefone eram apenas desculpas esfarrapadas. Isso o deixava mais carente ao meu lado, regredindo a um comportamento de bebê em alguns momentos, lembrando-me de quando eu ainda tinha o seu irmão gêmeo. O outro bebê tinha sido tirado de nós quando os dois tinham apenas alguns meses por uma doença misteriosa.

Giovani era atualmente um garoto forte e esperto de sete anos de idade, mas não conseguia evitar fazer xixi na cama quando sonhava com o pai ou quando o cachorro começava a latir de madrugada e o assustava. Muitas vezes, alegava ver alguém no seu armário e chorava. Era algo que eu achava que ele já teria superado, a aquela altura, mas a dor de viver sem o pai agora piorava tudo.

Os dias bons eram pouco e aquele era um deles. Adiei um pouco a costura quando ouvi a sua risada pela janela. Parei para observá-lo. Giovani era um menino gentil, mas enérgico. Corria pelo jardim com Faísca, o vira-lata que adotara há alguns anos. O cachorro dava voltas ao seu redor e, quando cansava, pulava em cima dele para lambê-lo.

— Mamãe, liga o irrigador! — Ele gritou ao me ver observando. — Por favor! Cinco minutos!

Considerarei o pedido. As plantas ainda não tinham sido regadas. Se eu esquecesse de desligar o mecanismo depois de ligá-lo, o garoto e o cachorro passariam uma hora

inteira correndo entre os jatos de água e isso seria um problema na hora que a conta chegasse, mas podia lhe dar cinco minutos. Ativei o despertador no celular e liguei a irrigação. Os gritos alegres de Giovani e os latidos de Faísca colocaram um sorriso no meu rosto. Aquela reação valeria alguns números a mais na conta de água. Se eu apenas pudesse *bancar* aquelas risadas sempre...

Um tanto revigorada, voltei para a máquina. Ali, esqueci um pouco das minhas preocupações. Assim que tirasse o pé do pedal e soltasse o tecido da sapata eles voltariam com força total, mas o som e a vibração da agulha transformando um pedaço de pano numa peça bonita me ajudavam a relaxar a mente. Os custos para as minhas costas e para os meus dedos eram poucos em comparação.

Deixei que os nós se desfizessem. O som do motor da máquina tomou os meus ouvidos. Cada ponto era um peso a menos. Aquela peça não me daria mais do que oitenta reais e talvez, com mais duas daquelas, eu conseguisse o novo jogo de videogame que Giovani vinha pedindo. Não era impossível, no fim do mês ele teria o seu presente. A peça era uma saia encomendada por uma cliente fiel, que odiava peças de lojas de departamento que sempre ficavam estranhas no seu corpo. Ainda havia um pouco do tecido e eu podia transformá-lo num corpete e cobrar um preço menor, mas garantir que ela pedisse outros parecidos. Naquele momento, tudo era possível. Até mesmo me chamar de empreendedora.

Distraída, não percebi quando a máquina puxou o meu dedo. Tirei o pé do pedal com um solavanco, acertando a mesa com os joelhos. Um pequeno filete de sangue escorria da minha mão e arruinava a peça que eu estava costurando. Trêmula, olhei para o relógio. Já eram quase seis horas.

Giovani e Faísca continuavam brincando no quintal e eu ignorara completamente o despertador. Senti minha pouca paz conquistada naqueles minutos se esvaír. Os oitenta reais teriam outro destino por causa da minha distração. Corri e desliguei a irrigação. Da janela, vi quando Giovani caiu sentado no chão ao lado do cachorro. Meu dedo latejava e eu pensava na peça perdida. Apertei-o contra o corpo e lembrei-me de uma superstição infantil: uma gota de sangue, um desejo. Deixei pingar uma gota rubra no chão e pensei nos dias em que a vida me prometia ser melhor, com meus dois bebês no meu colo e um marido que não arrumaria outra que não pudesse culpar pelo seu luto. Abri os olhos. Meu único filho sentara-se na grama enlameada.

— Giovani, entra! — Chamei-o e fechei a janela. Naquele horário, os pernilongos viriam nos atacar se eu desse a chance. Arrumei o material espalhado pela escrivaninha que usava como mesa de costura improvisada e fui até o banheiro limpar o ferimento. Cobri o machucado com uma gaze e um esparadrapo depois de enchê-lo de antiséptico. Estava pensando no jantar ao sair do banheiro quando escorreguei numa pequena poça de água.

Quis chorar. Do quarto de Giovani, o escutava falando com o cachorro. Sabia que veria uma cena bonitinha e feliz se me aproximasse e aqueles sons eram a minha maior fonte de felicidade, mas também não conseguia parar de pensar no piso molhado. Meu corpo parecia pesar uma tonelada. Não era fácil. Não mesmo. Agora eu teria que passar um pano em tudo, e já estava exausta. A casa não era muito grande com seus dois quartos, um único banheiro e uma cozinha separada da sala apenas por meia parede, mas ainda era um trabalho que me parecia hercúleo naquele momento.

— *Você tinha que molhar a casa assim?* — Gritei, perdendo o controle, ainda na porta do banheiro. Giovani ficou em silêncio e, algum tempo depois, soltou um “*desculpa, mamãe*” baixinho. Senti meu corpo ferver. Caminhei atônita até o meu quarto, sem ter certeza do que faria. Estava no meio do corredor quando escutei o grito vindo do jardim.

— Mamãe, liga um pouco mais! Por favor!

Meus pés pesaram. Tentei movê-los. A porta da sala vinha se aproximando de mim, mas eu não identificava o meu movimento. A realidade começava a se afastar.

— Mãe, desculpa, eu entrei correndo! — Ouvi Giovani falando do quarto, atrás de mim. — Tinha alguma coisa lá fora, eu fiquei com medo.

Gelada, cheguei até a porta da sala. Estendi a mão devagar até a maçaneta. Do lado de fora, alguém tentou girá-la. Segurei-a com o coração aos pulos.

— Mamãe? Me deixa entrar! — Ouvi a voz do meu filho atrás da porta forçando a entrada. — Eu vi alguma coisa na janela do meu quarto! Tem alguém aí dentro?

— Mamãe? — Ouvi do corredor. — Mamãe, não vai lá fora! — Os passos de Faísca acompanhavam a voz do meu filho.

As vozes de Giovani se ampliaram, gritando por mim. Não, não eram ambas de Giovani. Uma delas pertencia a um nome apagado, eu sabia. Podiam compartilhar o mesmo rosto e o mesmo timbre, mas um deles estaria apodrecido. Tinha que estar.

Fechei os olhos. Não conseguia me forçar a ver para descobrir. Do lado de fora, ouvi as patas do meu cachorro arranhando a porta.





APRESENTAMOS O POEMA
AMOR DE TERROR
POR VÂNIA PONTES

Sobre a autora: Maria Vânia Abreu Pontes - Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada, professora e gestora pedagógica do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade Alencarina de Sobral-CE. Autora de coletâneas de contos e poesias.

Ele chegou com o olhar escondido,
Pelo óculos tão preto que tive temor.
Para onde este homem está olhando?
Será para mim que estou sem protetor.

Meu temor só aumentou quando ele caminhou,
Em minha direção, com ar enigmático e temível,
Aquilo não era nada normal, porque logo me travou.
Será aquele ator do último filme de terror horrível?

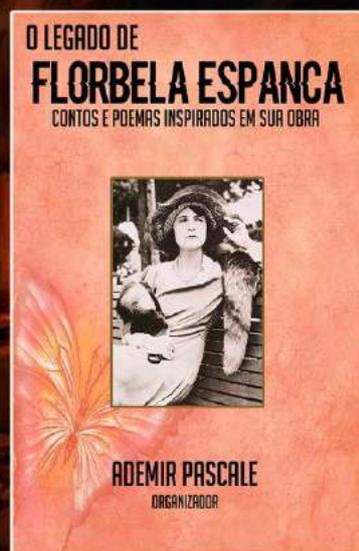
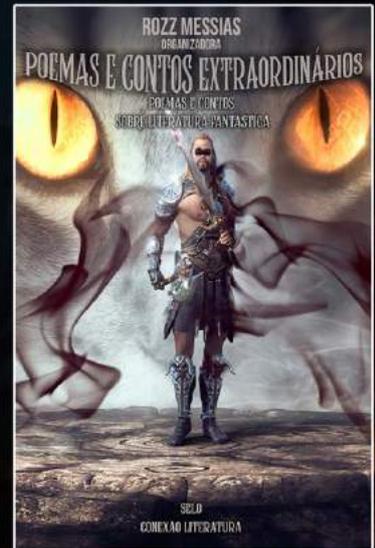
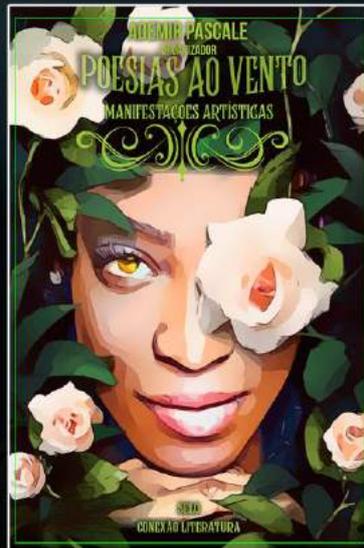
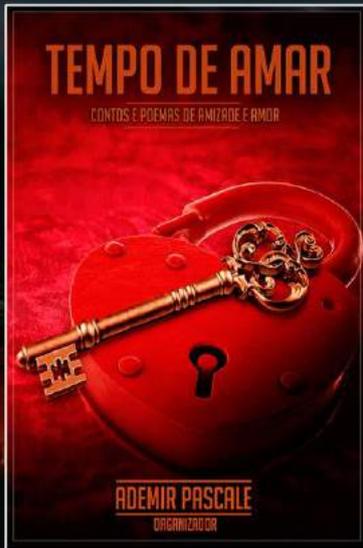
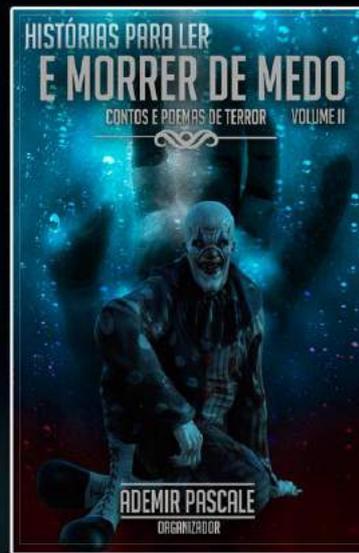
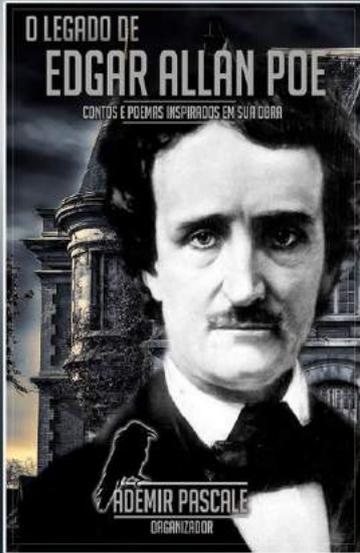
Fiz reverência, mas nada dele tirar o grande óculos pretão,
Que susto! Segurou minhas mãos, travadas e frias de medo.
E disse: “-Sou o homem que veio arrancar o seu coração”!
Amedrontada tentei gritar, mas ele deu-me um beijo estalado.

Ainda em estado de grande pânico, senti-me capturada por ele,
Ao soltar-me aos pouco foi atenuando o pavor e puxei o óculos,
Vi que aquele homem misterioso era o meu amor de terror, e nele,
Sentir a boa maldade, que faz minha boca pedir hoje mais óculos.

Foi o óculos de sol que me assustou, mas valeu a pena todo temor,
O amor que sinto por ele me salvou e arrancou do meu triste coração,
Todo deserto, de tempos de solidão, em que eu não aceitava no amor.
Foi um amor de terror que trouxe esperança para o meu peito e emoção.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI